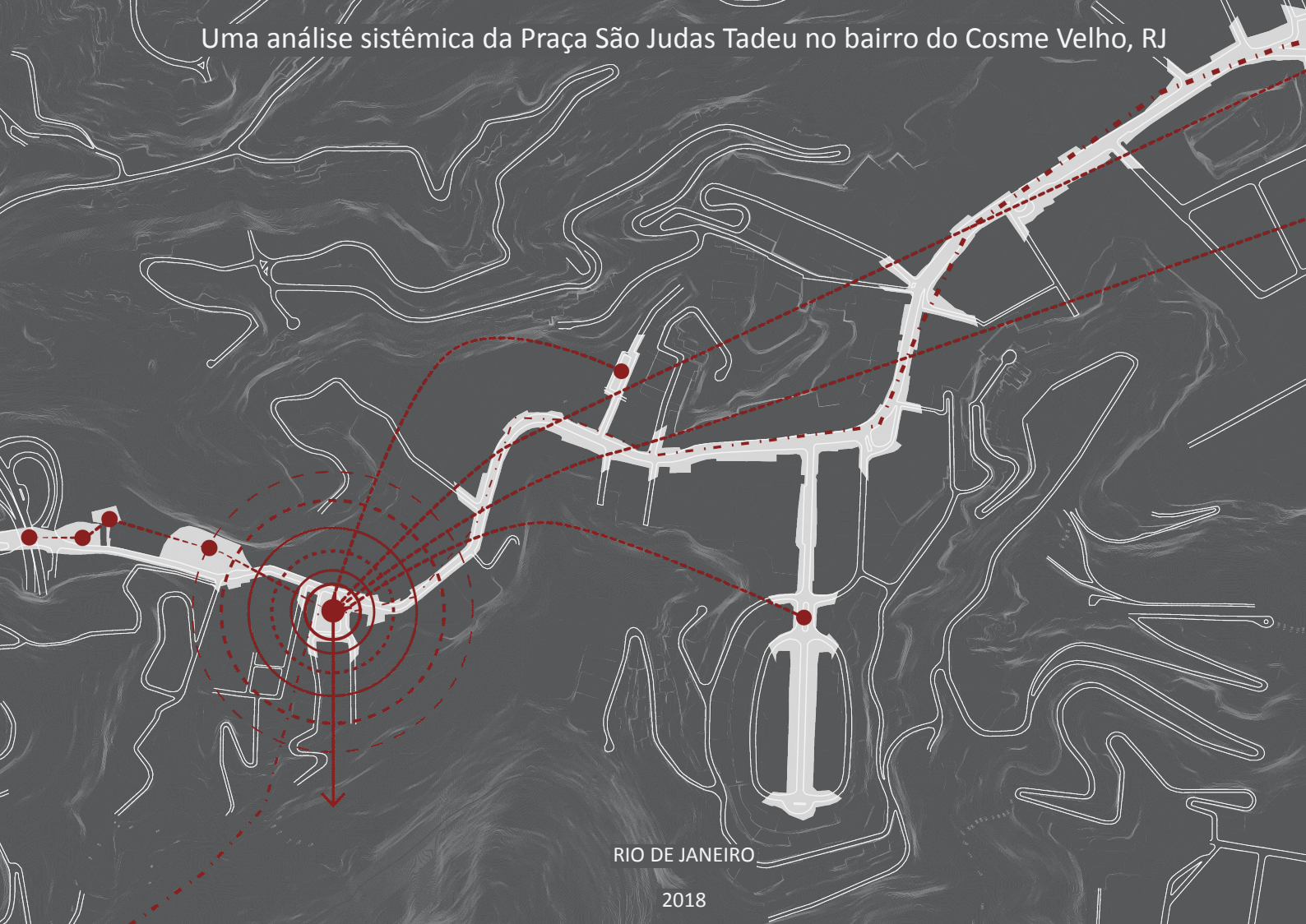


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO

ISABEL LIMA DE ALMEIDA

PRAÇA COMO LUGAR NA PAISAGEM URBANA DO BAIRRO

Uma análise sistêmica da Praça São Judas Tadeu no bairro do Cosme Velho, RJ



RIO DE JANEIRO

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO

ISABEL LIMA DE ALMEIDA

PRAÇA COMO LUGAR NA PAISAGEM URBANA DO BAIRRO

Uma análise sistêmica da Praça São Judas Tadeu no bairro do Cosme Velho, RJ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Urbanismo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Raquel Hemerly Tardin Coelho

RIO DE JANEIRO

2018

CIP - Catalogação na Publicação

A447p Almeida, Isabel Lima de
Praça como Lugar na Paisagem Urbana do Bairro:
uma análise sistêmica da Praça São Judas Tadeu no
bairro do Cosme Velho, RJ / Isabel Lima de Almeida.
-- Rio de Janeiro, 2018.
148 f.

Orientador: Raquel Hemerly Tardin Coelho.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo,
2018.

1. Urbanismo - Projeto Urbano. 2. Abordagem
Sistêmica. 3. Análise do Lugar. 4. Sistema de
Espaços Livres Públicos. 5. Praça de Bairro. I.
Coelho, Raquel Hemerly Tardin, orient. II. Título.

ISABEL LIMA DE ALMEIDA

PRAÇA COMO LUGAR NA PAISAGEM URBANA DO BAIRRO

Uma análise sistêmica da Praça São Judas Tadeu no bairro do Cosme Velho, RJ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Urbanismo.

APROVADA EM:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Raquel Hermely Tardin Coelho – Orientador

PROURB / FAU / UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Guilherme Lassance

PROURB / FAU / UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Werther Holzer

PPGAU / EAU / UFF – Universidade Federal Fluminense

Agradecimentos

Gostaria de manifestar o meu sincero agradecimento àqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração deste trabalho ao longo dos últimos anos:

Aos moradores e frequentadores do Cosme Velho que se dispuseram a expor suas afetações sobre o bairro e a praça;

À Raquel Tardin, pela orientação íntegra, cuidadosa e respeitosa, que me guiou neste processo de formação pessoal e profissional, e que segue como inspiração no caminho que começo a construir como acadêmica;

À Maria Cristina Cabral, pelo conhecimento e amizade, que me guiaram em todo processo de formação como arquiteta e urbanista, e me permitiram o contato com a área acadêmica pela qual me apaixonei;

Às mulheres do nosso grupo de pesquisa: Raquel, Priscila, Maini e Pauliane, que contribuíram no desenvolvimento deste trabalho e no sentido coletivo da nossa produção acadêmica;

À Olivia Vigneron, colega e amiga querida que me ajudou na produção dos mapas aqui apresentados;

À minha família de sangue e de peito, que me dá base intelectual, sentimental, moral e infraestrutural para seguir com todos meus projetos pessoais: minha mãe, Patricia; meus irmãos, Felipe e Rafaela; minhas tias Margarida e Adelaide; e ao meu falecido pai, Ronaldo, pela vida, e pela importância em vivê-la bem;

Às minhas amigas, mulheres de luta e resistência sutil, companheiras com as quais me alimento de música, dança, diálogo, companhia e afeto: Natália, Lulu, Mariana, Clarice, Haline, Júlia e Cecília.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender a praça como lugar na paisagem urbana na escala do bairro, através de uma abordagem sistêmica, de modo a propor uma metodologia de análise e subsídios para o projeto de intervenção urbana na escala local. Para tal, busca-se entender os potenciais da praça como espaço de significados coletivos e como articulador urbano, considerando os processos socioculturais e aqueles relativos ao contexto urbano, de diferentes escalas e temporalidades, que estabelecem relações de enraizamento, de conexão e de transversalidade no e com o lugar. Propõe-se, então, o estudo de caso da Praça São Judas Tadeu, localizada no bairro do Cosme Velho- Rio de Janeiro, afim de ilustrar a pertinência de uma abordagem sistêmica na análise do espaço livre público, que se utilize do potencial da praça como espaço de significados coletivos e como articulador urbano na formulação de diretrizes para o projeto do espaço livre público em geral, e da praça em particular.

Para tal, a metodologia proposta possui quatro etapas: na primeira etapa, de fundamentação, explora-se o referencial teórico na construção de uma abordagem sistêmica da praça como lugar na paisagem urbana do bairro, utilizando-se da literatura existente nas áreas do urbanismo, da arquitetura da paisagem, do planejamento da paisagem e da geografia. A segunda etapa, de reconhecimento, busca entender os processos de transformação urbana do bairro do Cosme Velho, o papel da praça São Judas Tadeu neste contexto, e as intenções e ações dos agentes urbanos (instituições, moradores, comerciantes, turistas, etc.) sobre a mesma. A terceira etapa, de análise, propõe a análise da praça São Judas Tadeu como lugar a partir de suas relações verticais- de enraizamento, suas relações horizontais- de conexão (Cresswell, 2012) e, como contribuição deste trabalho à abordagem sistêmica sobre o lugar, propõe a análise de suas relações transversais- de inserção do lugar em processos que o afetam, segundo as dimensões de espacialidade, de valores e de práticas, afim de compreender a complexidade de papéis e relações que abrangem a praça em questão. Vinculadas às análises, são traçadas diretrizes conceituais para um projeto integrado do espaço livre público, que se mostram capazes de responder tanto a questões locais, quanto a questões de maior escala que se façam presentes no espaço vivido local.

Palavras chave: Praça, Lugar, Paisagem Urbana, Análise urbana, Abordagem sistêmica, Sistema de Espaços Livres Públicos, Bairro Cosme Velho.

Abstract

The following research aims to understand the public square as a place in the urban landscape at the scale of the neighborhood, through a systemic approach, in order to propose a methodology of analysis and subsidies for the project of urban intervention at local scale. In order to do so, it seeks to understand the potential of the square as a space of collective meanings and as an urban articulator, considering the socio-cultural processes and those related to the urban context, of different scales and temporalities, establishing relationships of rooting, connection and transversality in and with the place. The case study of São Judas Tadeu Square, located in the neighborhood of Cosme Velho-Rio de Janeiro, is proposed, in order to illustrate the pertinence of a systemic approach in the analysis of public space, using the potential of the square as a space of collective meanings and as an urban articulator as a way of drawing guidelines for the project of public space in general, and of the square in particular.

For this reason, the proposed methodology has four stages: in the first stage, the theoretical framework is explored in the construction of a systemic approach of the square as a place in the urban landscape of the neighborhood, using existing literature in the areas of urbanism, landscape architecture, landscape planning and geography. The second stage, of recognition, seeks to understand the processes of urban transformation in the neighborhood of Cosme Velho, the role of the square São Judas Tadeu in this context, and the intentions and actions of urban agents (institutions, residents, merchants, tourists, etc.) regarding it. The third stage, of analysis, proposes the analysis of the square São Judas Tadeu as a place from its vertical relations - rooting, its horizontal relations- connection (Cresswell, 2012) and, as a contribution of this work to the systemic approach to the place , proposes the analysis of its transversal relations - insertion of place in processes that affect it, according to the dimensions of spatiality, meanings and practices, in order to understand the complexity of roles and relationships that regard this square. Related to the analysis, conceptual guidelines are drawn for an integral public space project, which are capable of responding to both local issues and to larger scale issues that are present in the local lived space.

Key Words: Square, Place, Urban Landscape, Urban Analysis, Systemic Approach, Public Open Space System, Cosme Velho Neighborhood.

Lista de Figuras

Figura 1 · Mãe d'água e pico do Corcovado, 1866. _pag. 62
Fonte: Leuzinger, Georges. Biblioteca Nacional.

Figura 2 · Cosme Velho entre 1864 e 1870. _pag. 62
Fonte: Leuzinger, Georges. Biblioteca Nacional.

Figura 3 · Estação Cosme Velho, 1893. _pag. 64
Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/5a/05/d/5a05ad140e18d1012e4151d012167ea5.jpg>

Figura 4 · Estação Cosme Velho, anterior à abertura da Rua Smith de Vasconcelos. _pag. 64
Fonte: <http://www.brasilcult.pro.br/palestras/html/ferrovia.htm>

Figura 5 · Rua das Laranjeiras, 1887. _pag. 67
Fonte: Marc Ferrez (<https://i.pinimg.com/originals/28/a3/d3/28a3d30f0a0262f69a2e26584f8dbb2a.jpg>)

Figura 6 · Rua das Laranjeiras, 1906. _pag. 69
Fonte: Augusto Malta (<http://rio-de-janeiro-desaparecido.blogspot.com.br/2011/06/>)

Figura 7 · imagem da Estação de Trem do Corcovado na Rua Cosme Velho, anterior à abertura da rua Ibitara nos lotes 145 e 147. _pag. 70
Fonte: <http://www.brasilcult.pro.br/palestras/html/ferrovia.htm>

Figura 8 · Viaduto e alça do Túnel Rebouças recém construído, 1971. _pag. 76
Fonte: José Araújo/Agência O Globo. (<https://vejario.abril.com.br/cidades/tunel-reboucas-completa-50-anos-em-2017/>)

Figura 9 · Viaduto e alça do Túnel Rebouças, 1975. _pag. 76
Fonte: <http://www.rioquepassou.com.br/2008/11/18/tunel-reboucas-a-serie-cap-iv/>

Figura 10 · Terminal Rodoviário, 1976. _pag. 76
Fonte: https://medium.com/@mineiro_/a-passagem-aumentou-para-r-3-80-e-isso-%C3%A9-s%C3%B3-o-come%C3%A7o-29a8773f212c

- Figuras 11 e 12 · Largo do Boticário e canal do Rio Carioca. _pag. 82
Fonte: Fotos da autora
- Figuras 13 e 14 · Terminal Rodoviário e canal do Rio Carioca. _pag. 82
Fonte: Fotos da autora
- Figuras 15 e 16 · Largo Professo Silva Melo e baixio do viaduto do Túnel Rebouças. _pag. 82
Fonte: Fotos da autora
- Figuras 17 e 18 · Colégio São Vicente de Paulo e Estação de Trem do Corcovado. _pag. 86
Fonte: Fotos da autora.
- Figuras 19 e 20 · Casa onde funcionou o Museu de Arte Naif e Solar dos Abacaxis. _pag. 86
Fonte: Fotos da autora.
- Figuras 21 e 22 · Viaduto do Túnel Rebouças e Ladeira dos Guararapes. _pag. 86
Fonte: Fotos da autora.
- Figuras 23 e 24· Frente da Estação de Trem do Cosme Velho com intenso movimento de turistas e seu muro lateral . _pag. 88
Fonte: Fotos da autora.
- Figuras 25 e 26· Usos da praça em um dia ensolarado de alta temporada. _pag. 88
Fonte: Fotos da autora.
- Figuras 27 e 28· Entrada para a Horta Comunitária do Cosme Velho e térreo comercial do entorno. _pag. 88
Fonte: Fotos da autora.
- Figuras 29 e 30 · Ponto de ônibus e frente da praça, na Rua das Laranjeiras. _pag. 88
Fonte: Fotos da autora.
- Figura 31 · Projeto de reforma proposto pela ESFECO em 2002. _pag. 92
Fonte: Jornal “O Dia”.
- Figura 32 · Projeto de reforma proposto em 2012. _pag. 92
Fonte: <https://vizinhosdapraca.wordpress.com/>

- Figura 33 · Estacionamento na praça antes de 2004. _pag. 92
Fonte: <https://vizinhosdapraca.wordpress.com/>
- Figura 34 · Praça como área de estar a partir de 2004. _pag. 92
Fonte: <https://vizinhosdapraca.wordpress.com/>
- Figura 35 · Projeto para a praça desenvolvido pela equipe de Projetos Especiais do IPP. _pag. 92
Fonte: <https://vizinhosdapraca.wordpress.com/>
- Figura 36 · Panorama da praça desde a esquina da Rua Ererê com Rua das Laranjeiras. _pag. 102
Fonte: Foto da autora.
- Figura 37 · Panorama da praça desde a esquina com a Rua Efigênio Sales. _pag. 102
Fonte: Foto da autora.
- Figura 38 · Panorama da praça desde a esquina da Rua Efigênio Sales com Rua das Laranjeiras. _pag. 102
Fonte: Foto da autora.
- Figura 39 · Vista da Praça São Judas Tadeu desde a Rua Efigênio Sales. _pag. 102
Fonte: Foto da autora.
- Figura 40 · Banner pendurado na praça pelos moradores durante sua inauguração. _pag. 103
Fonte: <https://vizinhosdapraca.wordpress.com/>
- Figura 41 e 42 · Camelôs vendem utensílios de interesse turísticos. _pag. 104
Fonte: Foto da autora.
- Figura 43 e 44 · Guias turísticos almoçam nos bancos da praça e formam rodas de conversa. _pag. 104
Fonte: Foto da autora.
- Figura 45 e 46 · Turistas utilizam a estátua como assento e se alimentam nas barracas de comida instaladas na praça. _pag. 104
Fonte: Foto da autora.

Figura 47 e 48 · Turistas aguardam o horário do bondinho enquanto crianças _pag. 104 brincam.

Fonte: Foto da autora.

Figura 49 · Proposta de integração sócio espacial entre diferentes perfis de _pag. 106 frequentadores na praça.

Fonte: elaborado pela autora

Figura 50 · Proposta de integrações espaciais da Praça São Judas Tadeu com seu _pag. 106 entorno imediato. Corte transversal.

Fonte: elaborado pela autora

Figura 51 · Proposta de integrações espaciais da Praça São Judas Tadeu com seu _pag. 106 entorno imediato. Corte longitudinal.

Fonte: elaborado pela autora

Figura 52 · Usos dos espaços livres do Sistema de Espaços Livres do Vale _pag. 110 complementares ao bairro do Cosme Velho.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 53 · Equipamentos histórico-culturais do bairro e suas relações potenciais _pag. 110 com os espaços livres do entorno.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 54: Diagrama de conexões Zona Sul-Centro antes da construção dos túneis _pag. 114 Rebouças (Linha Vermelho) e Santa Bárbara (Linha Lilás).

Fonte: Elaborado pela autora.

Lista de Mapas

MAPA 1 · Bairro do Cosme Velho. Em amarelo, a área de interesse para o estudo. _pag. 34

Fonte: Elaborado pela autora.

Mapa 2 · Mapa da cidade do Rio de Janeiro em 1720: localização do Rio Carioca e seu _pag. 58
aqueduto com relação à cidade, com demarcação da área relativa ao atual bairro do
Cosme Velho.

Fonte: elaborado pela autora.

Mapa 3 · Mapa da cidade do Rio de Janeiro em 1850: localização do Rio Carioca e _pag. 61
os aquedutos do Carioca e do Maracanã com relação à cidade, com demarcação da
área relativa ao atual bairro do Cosme Velho.

Fonte: elaborado pela autora.

Mapa 4 · Mapa da cidade do Rio de Janeiro (1886) com marcação das linhas de _pag. 62
bonde existentes em 1878, e suas operadoras.

Fonte: Blog Bondes Rio (http://www.bondesrio.com/fotos/mapas/mapa_linhas_1878.jpg)

Mapa 5 · Nova planta da cidade do Rio de Janeiro (1867), ilustra a cidade com alta _pag. 64
densidade, o vetor de expansão da cidade na direção sul e com ele a ocupação
esparsa do Vale do Carioca.

Fonte: E. & H. Laemmert. Geography and Map Division, Library of Congress, Washington, D.C.

(Disponível em <https://www.loc.gov/resource/g5404r.br000055/>)

Mapa 6 · Mapa da cidade do Rio de Janeiro em 1920: crescimento da cidade no _pag. 68
sentido sul e norte, aterramento na área do porto, e Rio Carioca já canalizado. Em
rosa: área relativa ao atual bairro do Cosme Velho.

Fonte: elaborado pela autora.

Mapa 7 · Mapa Cosme Velho década de 1940 com marcação dos projetos de _pag. 72
alinhamento e loteamento aprovados nesta década.

Fonte: Elaborado pela autora.

- Mapa 8 · Mapa Cosme Velho década de 1950, com projetos de alinhamento e loteamento da década de 40 consolidados. _pag. 72
Fonte: Elaborado pela autora.
- Mapa 9 · Mapa da cidade do Rio de Janeiro em 1980: a cidade apresenta configuração semelhante à atual: aterros e túneis Rebouças e Santa Bárbara são as modificações mais significativas. Em rosa: área relativa ao atual bairro do Cosme Velho. _pag. 74
Fonte: elaborado pela autora.
- Mapa 10 · Mapa Cosme Velho atual, com o Viaduto do Rebouças, o Terminal Rodoviário e a Praça São Judas Tadeu. _pag. 75
Fonte: Elaborado pela autora.
- Mapa 11 · P.A. 8590, de 1968, define o alinhamento da praça na maneira como foi construída, a partir da desapropriação e demolição das casas dos lotes 469, 477 e 485. _pag. 78
Fonte: <http://www2.rio.rj.gov.br/smu/acervoimagens/principal.asp>
- Mapa 12 · Localização do bairro do Cosme Velho, junto aos bairros de Laranjeiras e Flamengo também inseridos no Vale do Carioca. Localizados na Área de Planejamento 2, na Região Administrativa IV Botafogo, Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro. _pag. 79
Fonte: Elaborado pela autora.
- Mapa 13 · Mapa de gabaritos e estrutura viária do Cosme Velho, no qual a via coletora (vermelho mais espesso) dá acesso às diversas vias perpendiculares sem saída (vermelho mais fino) ou de conexão com os bairros vizinhos (vermelho mais claro). _pag. 80
Fonte: Elaborado pela autora.
- Mapa 14 · Sistema de Espaços Livres do bairro do Cosme Velho: ruas, praças, espaços livres ociosos, e matas do vale. _pag. 80
Fonte: Elaborado pela autora.
- Mapa 15 · Mapa de usos do solo, bairro do Cosme Velho. _pag. 84
Fonte: Elaborado pela autora
- Mapa 16 · Mapa de usos da praça em um dia de semana. _pag. 90
Fonte: Elaborado pela autora.

- Mapa 17 · Mapa de usos da praça em um final de semana/ feriado. _pag. 90
Fonte: Elaborado pela autora.
- MAPA 18 · Planta Baixa Praça São Judas Tadeu. _pag. 100
Fonte: Elaborado pela autora.
- Mapa 19 · Mapa do SEL do vale - Conexões espaciais com outras praças ao longo da Rua Cosme Velho/ Laranjeiras, que permite uma unidade nas dinâmicas urbanas e sociais dos bairros do Cosme Velho e Laranjeiras. _pag. 108
Fonte: elaborado pela autora
- Mapa 20 · Bairro do Cosme Velho- Edifícios históricos, equipamentos turísticos e culturais, e sistema de espaços livres com potencial articulador. _pag. 109
Fonte: elaborado pela autora
- Mapa 21 · Mapa de acessos ao Parque Nacional da Tijuca através de estradas, ferrovias e metrô. _pag. 115
Fonte: Elaborado pela autora.
- Mapa 22 · Sistema de Parques Urbanos e pontos turísticos na Zona Sul da cidade. _pag. 116
Fonte: Elaborado pela autora.
- Mapa 23 · Mapa atual da cidade do Rio de Janeiro com identificação histórica do trajeto dos rios, do aqueduto, de reservatórios e fontes da bacia do Rio Carioca. _pag. 118
Fonte: Elaborado pela autora.
- Mapa 24 · Diagrama resumo da análise: enraizamento, conexões e transversalidades da Praça São Judas Tadeu. _pag. 125
Fonte: Elaborado pela autora.

Sumário

1 · INTRODUÇÃO	· 25
1.1 Objetivos	. 29
1.2 Metodologia	. 30
1.3 A Praça São Judas Tadeu no bairro do Cosme Velho	. 33
1.4 Conteúdo da dissertação	. 36
2 · COMPREENSÃO: Fundamentação e referencial teórico	· 39
2.1 Paisagem Urbana em Sistema e a escala bairro	. 39
2.2 A praça no Sistema de Espaços Livres Públicos do bairro	. 43
2.3 A praça como Lugar	. 47
2.4 A praça como Lugar na Paisagem Urbana do bairro: uma abordagem sistêmica	. 52
3 · RECONHECIMENTO: Caracterização do estudo de caso	· 57
3.1 Processos de transformação urbana do bairro do Cosme Velho	. 57
3.1.1 Rio Carioca como estruturador da ocupação do Vale do Carioca por fazendas (Século XVI ao século XVIII)	59
Transformações urbanas e do Sistema de Espaços Livres	
Transformações socioculturais	
3.1.2 Desmembramento das fazendas em chácaras e o enobrecimento do bairro do Cosme Velho (Século XIX)	60
Transformações urbanas e do Sistema de Espaços Livres	
Transformações socioculturais	
3.1.3 Rio Carioca canalizado e a expansão da ocupação urbana do vale (Primeira metade século XX)	66
Transformações urbanas e do Sistema de Espaços Livres	
Transformações socioculturais	
3.1.4 Transformações socioespaciais progressistas e a abertura da Praça São Judas Tadeu (Segunda metade século XX)	71
Transformações urbanas e do Sistema de Espaços Livres	

Transformações socioculturais
Abertura da Praça São Judas Tadeu

3.2 O bairro do Cosme Velho . 78

Sistema de Espaços Livres do bairro
Usos do solo
Problemas e potencialidades

3.3 A praça do Cosme Velho . 87

Usos e apropriações
Processo de criação e intenções de transformação da praça
Problemas e potencialidades

4 · ANÁLISE E DIRETRIZES: Traçando diretrizes conceituais para o projeto integrado

4.1 Análise e diretrizes: Praça São Judas Tadeu como Lugar . 99

4.1.1 Enraizamento - eixo vertical 101

Espacialidade
Valores
Práticas
Diretrizes

4.1.2 Conexão – eixo horizontal 108

Espacialidade
Valores
Práticas
Diretrizes

4.1.3 Transversalidade – eixo transversal 113

Espacialidade
Valores
Práticas
Diretrizes

4.1.4 Quadro resumo das análises e diretrizes 124

4.2 O potencial da Praça São Judas Tadeu como Lugar na Paisagem Urbana do Bairro do Cosme Velho . 126

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contribuições da análise sistêmica da praça como lugar na paisagem urbana do bairro na formulação de diretrizes conceituais para o projeto integrado . 131

Referências Bibliográficas . 137

Anexos

I. Linha do tempo: Processos de Transformação Urbana do Cosme Velho . 143

II. Roteiro de entrevista semiestruturada . 145

III. Tabulação de pesquisa sobre a Praça São Judas Tadeu – VIVA Cosme Velho . 147

I · INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo compreender a praça como lugar na paisagem urbana na escala do bairro, através de uma abordagem sistêmica, considerando processos socioculturais e aqueles relativos ao contexto urbano (edifícios, vias e outros espaços livres públicos), de modo a propor uma metodologia de análise e subsídios para a intervenção urbana na escala do projeto local. Para tal, utiliza-se o conceito de lugar (Cresswell, 2014) associado ao conceito geográfico de bairro enquanto espaço vivido, e à praça enquanto lugar de práticas e valores coletivos, que assume papel singular dentro do sistema de espaços livres públicos do bairro como espaço de articulação do seu entorno urbano (Lynch, 1960; Jacobs, 1961; Carr et al, 1995; Carmona, 2003; Abrahão, 2008; Carlos, 2007; Halley, 2014). Como abordagem sistêmica, entende-se que os espaços livres não existem isolados em si mesmos, mas são parte de uma paisagem urbana composta por sistemas: biofísico, sociocultural e relativo ao contexto urbano, seus elementos e processos em distintas escalas e tempos, os quais estão presentes desde a escala mais geral até a mais local, afetando-se mutuamente no processo de estruturação da paisagem (Tardin, 2014). Nesse contexto, entre os possíveis papéis dos espaços livres na paisagem urbana, está o de espaço articulador urbano, aquele que coloca partes do contexto urbano em relação, estruturando-o, seja físico-espacial ou socioculturalmente (Tardin, 2014).

Como recorte escalar de interesse para o trabalho, escolhe-se a escala bairro, na qual a paisagem urbana é passível de vivência, percepção e ação direta do sujeito, entendendo o bairro como uma unidade urbana: um espaço reconhecido através de formas e funções específicas na cidade, assim como espaço vivido e sentido pela experiência humana, que porta uma identidade própria passível de reconhecimento coletivo, resultante de uma convivência social e espacialidades específicas (Halley, 2014). Entende-se aqui que a praça, no sistema de espaços livres do bairro, possui o potencial de abrigar práticas e assumir valores coletivos que sejam relevantes na vida comunitária de um bairro, por se constituir como um espaço de acesso livre e indiscriminado, e por articular os diversos processos do seu entorno urbano.

Contudo, é possível perceber que algumas praças de bairro sofrem com o esvaziamento da vida coletiva, seja pela existência de conflitos de interesses que se fazem presentes no espaço, ou por questões de inadequação do espaço às suas demandas de usos. O que, possivelmente, também enfraquece o reconhecimento da comunidade do bairro enquanto coletivo. Sendo assim, acredita-se que um processo de reestruturação desses espaços tenha o potencial de influenciar em diversos benefícios como: a coesão social e interação na construção de um capital social local, o incremento da vitalidade urbana, e o fortalecimento das trocas microeconômicas (Carmona et al, 2008).

Acredita-se, então, que uma abordagem sistêmica no processo de projeto de reestruturação da praça seja relevante, afim de lidar com diversos processos socioculturais e urbanos para que o espaço da praça atenda às suas funções de forma integrada e democrática.

Tal abordagem contempla o entendimento do espaço livre público enquanto parte de um sistema, que possui processos e relações de diversas escalas, procurando reconhecer o 'todo' no entendimento da 'parte' (Santos, 2004), e se diferencia da tradição usual de processo

de projeto, no qual o espaço livre público costuma ser compreendido de forma desconexa dos processos sistêmicos externos que nele influenciam, se restringindo ao estudo e ações na escala imediata do objeto de projeto, que muitas vezes não contemplam o potencial de transformação do projeto referente à intervenção no espaço livre público considerado em sistema, especificamente a praça.

No contexto da cidade do Rio de Janeiro, é possível encontrar inúmeras praças públicas de bairro ociosas que, por mais que possuam o potencial de ser espaço referencial da vida coletiva e de atuar como “articuladores” urbanos, não o evidenciam. Seja por sofrerem alguma inadequação do espaço físico às demandas locais e de seu entorno, seja por possíveis entraves socioculturais, como a violência ou conflitos de interesse entre diferentes frequentadores e agentes locais.

Entende-se aqui, que a atuação do arquiteto-urbanista sobre o espaço urbano é capaz de transformar e induzir novas dinâmicas socioculturais, assim como articular seu entorno urbano, a partir de uma postura crítica e cuidadosa com o contexto cultural (Corner, 1999), afim de promover a apropriação dos espaços livres públicos pelo coletivo. Para além da dimensão físico-espacial, defende-se que tal atuação esteja atenta aos significados do lugar, no sentido de mantê-los ou modificá-los, afim de criar oportunidades para a manifestação das demandas coletivas relacionadas aos diversos interesses sobre o lugar.

Pretende-se, então, explorar a possibilidade de incremento do senso de lugar coletivo de um bairro a partir da intervenção no espaço livre público de forma sistêmica, propondo um processo de projeto que esteja atento às demandas e aos processos urbanos e socioculturais de distintas escalas, que influenciam e influenciaram o lugar ao longo do tempo. Entende-se, aqui, que o senso de lugar está diretamente relacionado aos sentidos do lugar, ou seja, os sentidos atribuídos ao espaço -e por ele expressos- são fatores de identificação e sensação de pertencimento do homem ao território (Corrêa, 2012; Halley, 2014).

Diversos autores reconhecem os espaços livres públicos como espaços de apreensão, vivência e relação direta com a paisagem urbana, espaços referenciais na identificação do homem com o território, assim como reconhecem a importância da praça enquanto espaço de manifestação e fortalecimento da vida coletiva (Lynch, 1960; Jacobs, 1961; Carr et al, 1995; Carmona, 2003; Abrahão, 2008; dentre outros). Dentre os elementos do sistema de espaços livres públicos urbanos- ruas, travessas, largos, praças, parques, etc., pode-se dizer que a praça costuma exercer um papel singular, especialmente na escala bairro, como lugar de estar em um “tempo lento” (Santos, 2006), como espaço vivido de trocas de diversos tipos, capaz de abarcar valores e práticas de seus frequentadores, e assumir papel de referência na vida local (Lynch, 1960, 1980; Carr et al, 1995; Carmona, 2003; Pedrosa, 2005; Alex, 2011; Halley, 2014).

Entende-se que a praça, assim como todo espaço livre público, se define a partir de sua conformação espacial interna, as práticas que abriga e os valores que carrega. Da mesma maneira, se define pelo seu entorno construído, as relações que estabelece com o mesmo, e as relações espaciais e funcionais que estabelece com seu entorno urbano mais amplo,

conformando-se como espaço de articulação do lugar através de processos que envolvem seu entorno imediato e o contexto urbano do bairro e da cidade (Tardin, 2008). Assim, a praça é entendida como parte de um sistema de espaços livres que estrutura a paisagem urbana entendida em sistema (Tardin, 2014).

Como parte de um sistema, considera-se a praça como um elemento relacional, que participa de processos que extrapolam suas fronteiras e constroem relações com elementos interconectados em diversas escalas ao longo do tempo. O seu entendimento, então, passa por entender não somente as particularidades locais, mas também por entendê-la como parte de um todo, que a afeta e por ela é afetado, levando em conta processos tanto da escala local quanto de uma escala mais ampla, ambos presentes no espaço vivido (Santos, 2006).

Compreender o lugar a partir de uma abordagem sistêmica implica não somente em entender sua inserção nos processos atuais da paisagem, mas também em compreender como ele se constituiu e se transformou sistematicamente na sua história a partir dos diversos processos biofísicos, socioculturais e urbanos que sofreu, que resultam na sua especificidade atual. Sendo assim, neste estudo, para compreender a praça como lugar no tempo presente, é necessário reconhecer os processos que se sobrepuseram ao longo de sua história, afim de entender as raízes de suas dinâmicas atuais (Santos, 2004).

Para tal, utiliza-se a definição de Cresswell (2014), que define o conceito de lugar como espaço das relações socioculturais segundo três dimensões inseridas em uma temporalidade: a espacialidade do lugar, os valores que lhe são atribuídos, e as práticas que o caracterizam. Tais dimensões não são analisadas isoladamente, mas formam um todo interdependente, no qual fatores de todas as dimensões colaboram para a formação e compreensão de cada uma delas. Cresswell propõe, também, que o lugar possui relações que seguem um eixo vertical- de enraizamento, e relações que seguem um eixo horizontal- de conexão, o que abarca o entendimento do lugar enquanto localidade de valores e práticas específicos que estabelece relações com outros lugares.

Neste trabalho, busca-se seguir adiante com tal proposta e, ao entender o lugar como parte constituinte de um todo que possui processos sistêmicos de maior escala, propõe-se aqui que sejam consideradas também as relações transversais ao lugar, que o afetam e por ele são afetadas. Sendo assim, o trabalho se estrutura em três tipos de relações a explorar: relações verticais que tratam do que é singular ao lugar, relações horizontais que tratam da interação do lugar com outros, e relações transversais que tratam da inserção do lugar em processos que extrapolam sua escala local.

Ao entender o lugar a partir destes três tipos de relações, assume-se que ele não existe somente em sua interioridade, mas é percebido, significado e transformado tanto a partir de suas relações internas quanto externas. De tal forma, procura-se entender o lugar enquanto parte constituinte de um todo, como um senso de lugar extrovertido, “que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo” (Massey, 2000 :184)¹.

1

Texto publicado originalmente em Doreen Massey (1991) “A global sense of place”, *Marxism Today*, junho, pp. 24-29.

A dimensão espacial é entendida neste trabalho como o espaço material concreto, historicamente construído (Gomes, 2014). Para entendimento da dimensão espacial, torna-se necessária o reconhecimento dos elementos espaciais existentes (Krier, 1979; White, 1999; Carmona et al, 2003; Tardin, 2008). Analisam-se, então, as configurações espaciais e a materialidade do espaço livre público e de seu entorno urbano, assim como do Sistema de Espaços Livres no qual está inserido, considerando-se os elementos e processos urbanos que se manifestam na paisagem, procurando entender como a praça articula espacialmente e funcionalmente os elementos do seu entorno urbano em uma determinada temporalidade.

A dimensão dos valores é referente ao entendimento do lugar enquanto espaço significado, em oposição ao espaço indiferenciado. Entende-se que a identidade dos lugares e seus significados coletivos são de grande importância na constituição dos lugares e das relações sócio espaciais que se apresentam (Le Bossé, 1999)². Analisa-se, nesta dimensão, valores presentes no imaginário coletivo da população sobre a praça e sobre o bairro, e possíveis rebatimentos espaciais, como símbolos- monumentos, elementos naturais ou templos (Corrêa, 2012; Halley, 2014; Lynch, 1960; Carr et al, 1995).

A dimensão das práticas trata das atividades que acontecem nos lugares, como: encontros casuais, passeios, compras, atividades físicas, ida e volta de trabalho/escola, feiras, concertos, turismo, comercialização, etc. Neste trabalho pretende-se analisar as práticas do dia-a-dia no espaço, enquanto processos socioculturais de diferentes escalas, relacionando-as com a dimensão espacial e de significados para melhor entendê-las enquanto fenômeno social (Lynch, 1960; Whyte, 1980; Zeisel, 1981; Carr et al, 1995; Holland et al, 2007).

Tal metodologia de análise proposta, tem como característica uma formulação propositiva de diretrizes conceituais de projeto na escala local, que segue princípios de entendimento do espaço urbano como 'espaço vivido', contemplando o reconhecimento dos espaços livres públicos como lugares da vida social coletiva; a atenção aos significados do lugar, sua paisagem urbana e sua memória; o reconhecimento dos espaços livres públicos como espaços de estruturação e articulação dos processos socioculturais e urbanos; o respeito à escala do corpo humano no espaço urbano.

Como estudo de caso, escolhe-se a Praça São Judas Tadeu no bairro do Cosme Velho, localizado na Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro. Tal praça é vizinha à Estação de Trem do Corcovado, principal acesso a um dos pontos turísticos mais importantes da cidade: o Cristo Redentor, e por tal motivo está intimamente ligada às dinâmicas do circuito turístico da cidade, com grande movimento de pessoas.

Tal função turística da praça, presente desde sua abertura na década de 70 (quando servia de estacionamento para a estação), cria conflitos junto aos moradores do entorno devido ao grande movimento de pessoas, de ônibus de turismo, e devido às dinâmicas de

Reimpresso em Doreen Massey (1994, pp. 146-156) "A global sense of place". In: Massey, Doreen. Space, place and gender. Oxford: Polity, 1994.

² Publicado originalmente como "Les questions d'identité em géographie culturelle. Quelques aperçus contemporains", em *Géographie et Culture*, 1999, n.31. Traduzido por Marcia Trigueiro e publicado em CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural- uma antologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

domínio do lugar que se estabelecem sobre o espaço da praça.

Desta maneira, a praça e o bairro são escolhidos como estudo de caso por apresentarem em suas problemáticas atuais conflitos entre interesses “globais”- do circuito turístico da cidade, e “locais”- das disputas sobre o domínio da praça, que apontam para a necessidade de uma abordagem sistêmica de análise do lugar enquanto parte do processo de projeto. Tornando possível o reconhecimento dos processos internos ao lugar e de processos que extrapolam sua escala e que o afetam, iluminando, então, a necessidade de consideração de diversas escalas de abrangência para o projeto do espaço livre público de forma integrada.

De modo complementar à proposta das relações transversais presentes na praça, e em relação ao caso de estudo a Praça São Judas Tadeu no bairro do Cosme Velho, o trabalho pretende contribuir com a produção de informações e interpretações sobre a praça, que carece de estudos que abordem sua situação atual a partir de seus processos temporais e espaciais, seus valores socioculturais, e as relações conflituosas geradas pelo embate de interesses sobre o espaço da praça. O recolhimento de tais informações é fruto de um esforço investigativo, com idas e vindas em fontes oficiais e narrativas de moradores do bairro, afim de compreender o processo de abertura e construção da praça, uma vez que este histórico não está ‘dado’ na memória urbana do bairro, pois faltam documentos oficiais sobre o assunto, e as falas de diversos moradores se contradizem.

Neste sentido, este trabalho contribui na elaboração deste histórico da inserção desta praça na paisagem urbana do bairro do Cosme Velho, traçando suas problemáticas de uso e adequação do espaço às suas demandas. E busca, a partir das análises apresentadas mais a diante, delinear seus potenciais como articulador urbano e como local de trocas sociais, formulando diretrizes conceituais como subsídios para o projeto do bairro e de seus espaços livres, de forma a reduzir os conflitos atuais e potencializar o senso de lugar do mesmo.

Objetivos

Este trabalho tem como objetivo compreender a praça como lugar na paisagem urbana na escala do bairro, através de uma abordagem sistêmica, considerando processos socioculturais e aqueles relativos ao contexto urbano, de modo a propor uma metodologia de análise e subsídios para o projeto de intervenção urbana na escala local.

Para tal, os seguintes objetivos específicos se apresentam:

1. Entender a construção da *paisagem urbana* do bairro ao longo do tempo, o papel da praça no seu entorno urbano, e as intenções dos diversos agentes sobre a praça, afim de explorar as potencialidades do papel da praça como articulador urbano e como espaço de significados e práticas coletivas, importantes no *senso de lugar* coletivo do bairro;
2. Analisar a praça São Judas Tadeu como *lugar* a partir de uma abordagem sistêmica, considerando suas relações verticais (de enraizamento), suas relações horizontais (de conexões), e suas relações transversais (processos externos que a afetam), segundo as

dimensões de espacialidade, valores e práticas;

3. Traçar diretrizes conceituais para o projeto do espaço livre público segundo os resultados obtidos na análise sistêmica da praça em questão.

Metodologia

Tendo em vista tais objetivos, organiza-se a metodologia em três etapas: 1- fundamentação, 2- reconhecimento, 3- análise e diretrizes conceituais:

A etapa de **fundamentação** busca explorar o referencial teórico na construção de uma abordagem sistêmica da praça como *lugar* na *paisagem urbana* do bairro. Afim de elaborar os princípios de análise e formulação de diretrizes conceituais de projeto, organiza-se o referencial teórico em quatro partes,: a primeira parte: “Paisagem Urbana em Sistema e a Escala Bairro” define o conceito de paisagem utilizado, e o seu entendimento segundo uma abordagem sistêmica, apresentando e justificando o recorte escalar do estudo na escala bairro; a segunda parte: “A praça no Sistema de Espaços Livres Públicos do bairro” busca caracterizar os espaços livres públicos como espaços da vida coletiva que possuem significados coletivos, e identificando a praça como elemento articulador singular no Sistema de Espaços Livres na escala bairro; a terceira parte: “A praça como *Lugar*” apresenta a noção de *lugar* utilizada no entendimento da praça, na qual ele se define a partir de processos de combinação de materialidades, significados e práticas, que existem em sua especificidade local e em relação ao seu exterior; a quarta parte: “A praça como *Lugar* na Paisagem Urbana do bairro: uma abordagem sistêmica” traz a contribuição deste trabalho no entendimento do papel articulador da praça nos sistemas de maior escala da Paisagem Urbana, assim como a relevância de uma análise sistêmica do lugar para o processo de projeto do espaço livre público na escala bairro.

A etapa de **reconhecimento** busca delinear os processos de transformações urbanas do bairro do Cosme Velho, no qual pode-se reconhecer as características de sua morfologia urbana, contemplando os tipos de ocupação desse território, assim como suas relações sociais características, afim de compreender os processos biofísicos, socioculturais e urbanos que compuseram sua *paisagem urbana*, assim como a inserção da praça São Judas Tadeu neste contexto, e as intenções e ações dos agentes e moradores sobre a mesma atualmente. Para tal, são identificadas quatro fases distintas de processos de ocupação urbana e configurações socioculturais: 1- Rio Carioca como estruturador da ocupação do vale por fazendas (Século XVI ao século XVIII); 2- Desmembramento das fazendas em chácaras e o enobrecimento do bairro do Cosme Velho(Século XIX); 3- Rio Carioca canalizado e expansão urbana do bairro (Primeira metade século XX); 4- Transformação socioespaciais progressistas e abertura da Praça São Judas Tadeu(Segunda metade século XX), e apresentados os contextos atuais do bairro do Cosme Velho e da Praça São Judas Tadeu, identificando as intenções de transformação sobre os mesmos, e delineando problemas e potencialidades.

A pesquisa feita para reconhecer tais processos, incluiu as etapas abaixo descritas, afim de recolher todo tipo de informações históricas e atuais disponíveis sobre o bairro do Cosme

Velho e a Praça São Judas Tadeu.

1. Busca cartográfica e iconográfica:

A busca cartográfica e iconográfica incluiu pesquisa nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Pereira Passos, do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, do site da Biblioteca Nacional, do site da Secretaria de Urbanismo do Município do Rio de Janeiro e no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Tal busca permitiu acesso a ilustrações do século XIX sobre o Vale do Carioca; fotografias do bairro do Cosme Velho, datadas do final do século XIX e início do século XX; fotografias da Estação Inicial da Estrada de Trem do Corcovado desde a década de 1880; mapas da cidade do Rio de Janeiro desde suas primeiras ocupações; e Projetos de Arruamento históricos, desde a primeira década do século XX até a década de 1980. Não foram encontrados, contudo, mapas históricos do bairro onde estivessem visíveis os elementos construídos do bairro e suas relações com os espaços livres ao longo do século XIX e primeira metade do século XX.

2. Produção cartográfica:

Nesta etapa foram produzidos quatro mapas referentes às fases descritas anteriormente, que ilustram as transformações urbanas ocorridas na região centro-sul cidade desde o início de sua ocupação até a atualidade. Para tal, foram utilizados como base mapas retirados do ImagineRio, onde é possível perceber os aterramentos e o crescimento da malha viária da cidade ao longo dos séculos.

Também foram produzidos mapas do bairro do Cosme Velho nos anos de 40 e 50, que marcaram uma época de expansão urbana do bairro, com abertura de rua e loteamentos principalmente nos anos 40, que aumentaram a densidade demográfica da área ao longo dos anos 50. Estes mapas foram produzidos a partir de um mosaico produzido com os Projetos de Arruamento históricos disponíveis no site da Secretaria de Urbanismo do Município do Rio de Janeiro, e por tal motivo não representam de maneira completa as ocupações de todo o bairro nestas duas décadas. Contudo, acredita-se que a produção destes mapas contribuiu na identificação deste momento do século XX como uma fase importante de expansão da malha urbana do bairro, que definiu como o bairro seria ocupado posteriormente.

3. Levantamento de notícias:

Foram feitas consultas a notícias na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional afim de descobrir a data de abertura da Praça São Judas Tadeu, mas tal fato não foi noticiado nos jornais. Contudo, o acesso às notícias permitiu compreender como o bairro e a Estação de Ferro do Corcovado apareciam na mídia desde o início do século XX até a atualidade.

4. Entrevistas e observação empírica:

Nesta etapa, foram feitas visitas a campo para observação empírica em diferentes dias da semana e horários, afim de mapear os frequentadores e usos da praça, junto às entrevistas com moradores e com frequentadores (turistas, camelôs, guias turísticos e

comerciantes), afim de mapear os valores da praça.

5. Consulta aos sites da organização Viva Cosme Velho:

Consultas a páginas da internet (blog e Facebook) da organização VIVA Cosme Velho, onde estão disponíveis: atas de reunião da associação VIVA Cosme Velho, atas de auditorias públicas relativas à concessão administrativa da Estação de Trem do Corcovado, e discussões sobre os temas caros à comunidade local.

6. Consulta de bibliografia:

Consulta em livros sobre a história do bairro do Cosme Velho e do Vale das Laranjeiras, que permitiram compreender os processos de transformação sociais e alguns marcos de transformações urbanas do bairro desde o início de sua ocupação.

A etapa de **análise** propõe o trabalho de campo como método de aproximação das dinâmicas presentes na praça São Judas Tadeu, buscando analisá-la como lugar (Cresswell, 2014) a partir de suas relações verticais- de enraizamento, suas relações horizontais- de conexão, e suas relações transversais- de inserção do lugar em processos de escala mais ampla, afim de compreender a complexidade de papéis e relações que abrangem a praça em questão. Tal análise é feita a partir das dimensões: espacial, de valores, e de práticas, em cada um dos três eixos elencados, descritos a seguir:

Relações verticais- enraizamento: Neste item, propõe-se a leitura das características do lugar orientadas pelo eixo vertical no espaço da praça. São analisadas as características que criam e/ou reforçam a ideia de pertencimento ao lugar, o senso de lugar, e as características estáticas do lugar, únicas e particulares a ele, que o diferem de outros lugares. Identificando, por exemplo, como a praça se estrutura espacial e seus processos socioculturais internos; a existência de elementos como monumentos, estátuas, fontes, vegetação, visadas, etc. que contribuam para o significado da praça; as práticas de significado local que reforçam sua especificidade enquanto lugar.

Relações horizontais- conexões: Neste item, propõe-se a leitura das características do lugar orientadas pelo eixo horizontal. São analisadas as características próprias da integração com outros lugares, sejam elas conexões socioculturais ou urbanas. Identificando, por exemplo, como a praça articula espacialemente o entorno urbano, com seus equipamentos turísticos, culturais e religiosos, e os processos socioculturais de tal articulação, suas práticas e significados.

Relações transversais- inserção: Neste item, propõe-se a identificação de elementos e processos de escalas diversas à do lugar, que o afetam e por ele são afetados. São analisadas as escalas e as relações do lugar com processos do contexto urbano: seu entorno imediato, o bairro e a cidade, que venham a influenciar a praça como espaço de articulação e suas práticas coletivas.

As dimensões espacial, de valores e de práticas tem como objetivo atingir um entendimento da complexidade de fatores que atuam nos lugares. Sendo assim, em cada eixo já mencionado, pretende-se fazer o levantamento e análise dos seguintes fatores:

Espacial: Análise da praça em si e uma análise do seu entorno urbano, com identificação dos elementos estruturantes do espaço livre em questão (vegetação, água, relevo, piso, planos, mobiliário e equipamentos), e elementos relevantes do seu entorno construído, a partir de mapeamento e levantamento fotográfico, e posterior elaboração de mapas, plantas e cortes dos lugares analisados (Krier, 1979; White, 1999; Carmona et al, 2003).

Valores: Levantamento dos valores coletivos do lugar e seu entorno (podem estar vinculados a crenças, à identificação social, à eventos comunitários, etc.), feito a partir de entrevistas abertas (Gray, 2009; Pillai, 2013), que podem ser individuais ou em grupo. Nesta dimensão, espera-se trabalhar com palavras-chave que indiquem os valores individuais e coletivos, assim como podem aparecer imagens, ícones ou elementos espaciais que funcionem como símbolos (Jackson, 1989; Hall, 1997; Mathias Le Bossé, 1999; Denis Cosgrove, 2003; Roberto Lobato, 2012).

Práticas: Levantamento das práticas do lugar e de seu entorno, posteriormente relacionando-as às características espaciais e de significados específicos do mesmo, fazendo possível entendê-las enquanto fenômenos sociais. Tal representação é feita a partir de fotos, mapas, plantas e cortes, com informações recolhidas a partir da observação empírica em diversos dias da semana (4 dias da semana e finais de semana), em horários diversos (Whyte, 1980; Zeisel, 1981; Woolley, 2003; Holland et al, 2007; Gehl, 2010; Speck, 2012).

A etapa de análise está articulada com a elaboração de diretrizes conceituais para uma intervenção urbana integrada, que seja capaz de utilizar as análises como insumos para o projeto do espaço livre público com enfoque sistêmico. Tais diretrizes levam em conta a relação atual do lugar com os sistemas socioculturais e urbanos identificados, assim como potenciais da praça como articulador urbano e sociocultural, afim de incrementar seus significados- senso de lugar- e promover o sentido coletivo do espaço livre público.

Praça São Judas Tadeu no bairro do Cosme Velho

A compreensão do lugar no processo de projeto da praça na escala bairro, a partir de uma abordagem sistêmica associada a diretrizes de projeto, de modo a propor uma metodologia de análise e subsídios para a intervenção urbana na escala do projeto local, é o objetivo central deste trabalho. Busca-se fornecer subsídios para uma ação integrada de projeto que considere as diversas escalas de compreensão do contexto urbano e sociocultural local. Desta forma, parte-se ao estudo da Praça São Judas Tadeu, no bairro do Cosme Velho no Rio de Janeiro.

A escolha da praça São Judas Tadeu no bairro do Cosme Velho como caso de estudo se dá por três questões principais:

- 1) A localização do bairro no alto do Vale do Carioca e sua inserção de forma particular em processos urbanos ao ser cortado pelo viaduto e alça de acesso ao Túnel Rebouças que fazem do bairro uma área de passagem de veículos, assim como em processos biofísicos, por estar envolto por uma vegetação abundante e abrigar o Rio Carioca em sua história e (hoje)

em parte de sua paisagem urbana;

2) O fato do bairro possuir características morfológicas e sociais de caráter local, com uma identidade histórico-cultural específica defendida por seus moradores, a qual é um importante definidor de um senso de lugar do bairro. Este fato origina uma identidade de escala local característica, ao mesmo tempo que abriga equipamentos como a Estação de Trem do Corcovado e a Igreja São Judas Tadeu, que recebem visitantes de diversas precedências, em escala global, o que gera conflitos entre interesses “globais” e “locais”;

3) A existência da Praça São Judas Tadeu, vizinha à Estação de Trem do Corcovado e a Igreja São Judas Tadeu, espaço livre público que é objeto de identificação comunitária dos moradores no nível simbólico. Contudo, a praça não costuma ser utilizada pelos mesmos, o que indica que os conflitos antes mencionados se tornam presentes no espaço da praça, e torna possível investigar a relação entre o desenho do espaço, seus valores e as práticas que nele se dão, de forma a compreender o projeto do espaço livre enquanto importante ferramenta de ressignificação de suas dinâmicas socioespaciais.

O bairro localiza-se aos pés do Maciço da Tijuca, mais especificamente no fundo do vale por onde escoam o Rio Carioca: um dos rios mais importantes na história do Rio de Janeiro, cujas águas abasteciam toda a cidade através do Aqueduto da Lapa desde o séc. XVIII (1750) até o final do séc. XIX. Sua condição geográfica diz muito sobre sua estrutura urbana e formas de ocupação: uma via coletora e estruturadora do bairro onde se localizam edifícios multifamiliares, comércios e serviços de bairro, e diversas vias locais perpendiculares que sobem os aclives do vale, em sua grande maioria “sem saída”, ocupadas majoritariamente por



MAPA 1 · Bairro do Cosme Velho. Em amarelo, a área de interesse para o estudo.

Fonte: Elaborado pela autora.

residências unifamiliares. Isso faz com que a Rua Cosme Velho seja o eixo de acesso principal, e de concentração das dinâmicas do bairro.

A área de interesse para o estudo do bairro do Cosme Velho, é o trecho da Rua Cosme Velho que vai desde a Bica da Rainha, até o baixio do viaduto do Rebouças, com foco principal na área da Praça São Judas Tadeu, onde se localizam os principais equipamentos coletivos e públicos do bairro: a própria praça, a Estação de Trem do Corcovado, a Igreja São Judas Tadeu, o Terminal Rodoviário, dentre outros. Tal foco nesta área se dá por ser o ponto onde os interesses locais e os interesses globais se encontram e disputam o espaço material concreto, disputa que fica evidente na materialidade, valores e práticas da praça.

Os moradores pouco se apropriam da praça, e reivindicam o direito de uso da mesma frente aos interesses da concessionária responsável pela Estação de Trem. Tais reivindicações ficam evidentes nos documentos publicados no site da associação de moradores Viva Cosme Velho, no qual criticam as iniciativas de intervenção da concessionária da Estação de Ferro na praça como ações que impedem a apropriação da mesma pelos moradores. Em tais documentos, também é perceptível a identificação da praça enquanto símbolo de valores comunitários do bairro, como único espaço livre público de caráter coletivo do Cosme Velho. A praça, então, funciona como símbolo de união e força comunitária dos moradores, uma vez que foi criada a partir de sua mobilização, e segue como objeto foco de reivindicação de seus interesses.

Da mesma maneira, pode-se dizer que a praça se caracteriza como a porta de entrada para a Estação de Trem do Corcovado, uma vez que abriga os turistas que entram e saem da estação na espera de transporte, assim como os guias, e os diversos camelôs e barraquinhas de comida que se aproveitam do grande fluxo de pessoas no local. Tal inserção da praça nas dinâmicas do circuito turístico da cidade, faz com que ela também exerça um papel de importância que influencia no funcionamento de um sistema de escala mais ampla.

Desta maneira, entende-se que a praça possui importância tanto na escala local, quanto em processos de maior escala, e busca-se diretrizes de atuação na escala local, levando à elaboração de tais perguntas: Quais são as dinâmicas urbanas e socioculturais que incidem sobre esse espaço e suas respectivas escalas de abrangência? Qual a origem e o desenvolvimento dessas dinâmicas? Quais são os conflitos de interesse existentes, considerando dinâmicas urbanas e socioculturais e suas distintas escalas, desde o ponto de vista dos diversos agentes urbanos envolvidos? Qual é a atual significação socioespacial da praça desde o ponto de vista dos moradores? Quais são os motivos dos moradores não utilizarem a praça de maneira prática no seu cotidiano, se a mesma se apresenta como importante símbolo de valores comunitários nos seus discursos? Como um entendimento sistêmico sobre o lugar pode dar subsídios para o projeto da praça de forma a ressignificar dinâmicas socioespaciais no espaço livre?

Conteúdo da dissertação

O primeiro capítulo desta dissertação está dedicado à uma introdução ao trabalho, na qual são apresentados o tema, suas problemáticas, as abordagens teóricas e metodológicas, os princípios e objetivos do trabalho, e o estudo de caso.

O segundo capítulo é referente à etapa de fundamentação, e busca explorar o referencial teórico na construção de uma abordagem sistêmica da praça como lugar na paisagem urbana do bairro, utilizando-se da literatura existente nas áreas do urbanismo, da arquitetura da paisagem, do planejamento da paisagem e da geografia humana e cultural. Afim de elaborar os princípios de análise e formulação de diretrizes conceituais de projeto do espaço livre público na escala bairro.

O terceiro capítulo é referente à etapa de reconhecimento, que busca delinear os processos de transformação urbana e social do bairro do Cosme Velho, no qual pode-se reconhecer as características de sua morfologia urbana, contemplando os tipos de ocupação desse território, assim como suas relações sociais características, afim de compreender os processos biofísicos, socioculturais e urbanos que compuseram sua paisagem urbana. Após este histórico, apresentam-se problemas e potencialidades do bairro nos dias atuais, assim como os problemas e potencialidades da inserção da praça São Judas Tadeu neste contexto, e as intenções e ações dos agentes e moradores sobre a mesma.

O quarto capítulo é referente à etapa de análise da Praça São Judas Tadeu como lugar na paisagem urbana do bairro, a partir de suas relações verticais- de enraizamento, suas relações horizontais- de conexão, e suas relações transversais- de inserção do lugar em processos de escala mais ampla, a partir das dimensões: espacial, de valores, e de práticas. A análise tem como objetivo compreender a complexidade de papéis e relações que abrangem a praça em questão, e está articulada com a etapa de elaboração de diretrizes conceituais para uma intervenção urbana integrada, utilizando as análises como insumos para o projeto do espaço livre público com enfoque sistêmico. Tais diretrizes levam em conta a relação atual do lugar com os sistemas socioculturais e urbanos identificados, assim como potenciais do papel da praça como articulador urbano e sociocultural, afim de incrementar seu senso de lugar do bairro e promover o sentido coletivo do espaço livre público.

As considerações finais deste trabalho apontam os potenciais da abordagem sistêmica da praça como lugar na paisagem urbana do bairro, que possibilita extrapolar limites consensuais, e avançar na abrangência de complexidades presente no espaço urbano, com diversos sistemas, elementos e processos sobrepostos no espaço vivido.

2 · COMPREENSÃO

Fundamentação e referencial teórico

Este capítulo pretende construir o referencial teórico utilizado para compreender a praça enquanto lugar na paisagem urbana do bairro segundo uma abordagem sistêmica. Para tal, inicia-se definindo o entendimento da paisagem (Cosgrove, 1989, 1994; Corrêa, 2012) em uma abordagem sistêmica (Tardin, 2014; Santos, 2004). Com o entendimento sobre a paisagem urbana, apresenta-se o recorte escalar do estudo no bairro e suas justificativas (Carlos, 2007; Halley, 2014), fechando a primeira parte do capítulo: “Paisagem Urbana em Sistema e a escala bairro”.

A seguir, é apresentado o entendimento dos espaços livres públicos enquanto espaços da vida coletiva que carregam significados, e construído o entendimento da praça enquanto lugar de referência coletiva e enquanto elemento articulador singular dentro do sistema de espaços livres públicos na escala bairro (Lynch, 1960, 1980; Jacobs, 1961; Carr et al, 1995; Tardin, 2008; Alex, 2011; Shaftoe, 2012; Halley, 2014): “A praça no Sistema de Espaços Livres Públicos do bairro”.

A terceira parte, apresenta a noção de lugar utilizada no entendimento da praça (Cresswell 2012, Massey 2000, Carlos, 2007), na qual ele se define a partir de processos de combinação de materialidades, significados e práticas, que existem em sua especificidade local e em relação ao seu exterior: “A praça como Lugar”.

A quarta e última parte do capítulo: “A praça como Lugar na Paisagem Urbana do bairro: uma abordagem sistêmica”, traz a contribuição deste trabalho no entendimento da inserção da praça em processos sistêmicos da paisagem urbana, e seu potencial como articulador de tais sistemas, assim como a relevância de uma análise sistêmica do lugar para o processo de projeto do espaço livre público na escala bairro.

Paisagem Urbana em Sistema e a Escala Bairro

Com principal foco no espaço livre da “praça de bairro”, este trabalho busca elaborar a importância em compreender a paisagem urbana do lugar e seus valores para a formulação de diretrizes de projeto para o mesmo, entendendo que o reconhecimento da paisagem é, também, o reconhecimento do que nos define enquanto sujeito coletivo, e que atuar sobre a paisagem é atuar sobre a identificação de seus habitantes com território, podendo contribuir para o fortalecimento do seu senso de lugar (Corner, 1999; Tardin, 2014). Sendo assim, o entendimento da paisagem urbana enquanto sistema é apresentado e articulado com a escala do espaço vivido, no qual a paisagem se constrói em um processo constante de significação.

Primeiramente, entende-se que a paisagem pode ser interpretada como a interação entre o homem e a natureza ao longo do tempo, estabelecendo uma relação de adaptação e manutenção da vida humana no ambiente, que implica em um processo constante de interpretação e significação (Cosgrove, 1989). Desta maneira, aponta-se para o entendimento da paisagem enquanto objeto, ação e interpretação que se constroem mutuamente, fugindo do entendimento da paisagem somente enquanto “pano de fundo” das ações humanas.

Tal entendimento da paisagem aponta para o seu entendimento enquanto uma

conjunção de processos com significados diversos ao longo do tempo, e neste sentido, Cosgrove afirma: *“Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e da transformação do meio ambiente pelo homem”*¹.

Sendo assim, é reconhecida neste estudo a importância dos valores da paisagem e, para tal, busca-se trabalhar com autores da geografia cultural, que tem como foco central os diferentes significados atribuídos por grupos sociais aos diversos aspectos da vida. Neste campo disciplinar, segundo Corrêa, os significados são *“construções intelectuais que visam dar sentido às diversas esferas da vida”*, e compreendê-los é conhecer suas organizações, constituições e estruturas (Corrêa, 2012).

A geografia cultural renovada (iniciada na década de 1970), entende que a cultura não é dada, mas é a construção de um objeto do qual busca-se fazer uma interpretação densa dos significados das práticas culturais dos diversos grupos sociais. Sob este ponto de vista, os significados são considerados instáveis, caracterizados pela polivocalidade: para cada grupo os mesmos processos e fenômenos podem possuir significados distintos (Hall, 1997).

A cultura, então, é entendida a partir da metáfora espacial dos significados polivocais: o ‘mapa de significados’ (Jackson, 1989), ou seja, os significados ou representações que os diferentes grupos sociais com suas práticas estabelecem no território. Entendendo, então, que a superfície terrestre está recoberta por diversos mapas de significados de diferentes grupos sociais, que se superpõem e justapõem-se no todo ou em parte, descrevendo a diferenciação espacial dos significados a partir do espaço vivido (Corrêa, 2012).

Roberto Lobato Corrêa², em *“Espaço e Simbolismo”* (2012), aborda a relação entre a cultura (na qual o simbólico possui papel central) e o espaço, e para isso busca identificar e interpretar os significados das *“formas simbólicas espaciais”* que compõem o espaço urbano. Para tal, ele propõe que as formas simbólicas espaciais se constituem em lugares e itinerários simbólicos, fixos e fluxos simbólicos que fazem a relação entre significado e espaço:

Palácios, templos, cemitérios, memoriais, nomes de ruas, shoppings, parques temáticos, montanhas, rios, cidades, bairros, ruas, praças e prédios podem ser vistos como fixos simbólicos. Por outro lado, procissões, paradas, desfiles e marchas são, em geral, fluxos impregnados de significados simbólicos. Lugares e itinerários simbólicos sintetizam os diversos fixos e fluxos simbólicos. (Corrêa, 2012: 137)

Esta abordagem sobre os significados polivocais das formas simbólicas espaciais, que resulta em um mapa de significados justapostos que inter-relacionam símbolos, lugares e itinerários, se mostra pertinente na construção da abordagem sistêmica proposta nesta pesquisa. Pois, considera a complexidade de composição dos significados sobre o território, e como eles se justapõem sobre os lugares e em relação a outros lugares, criando um sistema

¹ Publicado originalmente como *“Geography is everywhere: culture and symbolism in the human Landscapes”*, em *Horizons in human geography*, org. D. Gregory e R. Walford. Londres: Macmillan, 1989. Traduzido por Óivia Barros Lima e Silva e publicado em CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural- uma antologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013: p.228.

² Roberto Lobato Corrêa é autor da *Geografia Cultural brasileira*, pesquisador do PPGG-UFRJ, investiga as manifestações culturais simbólicas no espaço urbano, sob o título: *“Formas Simbólicas Espaciais”*.

simbólico-referencial vinculado ao espaço urbano.

Neste caminho de entendimento sobre paisagem e seus significados, trazemos a contribuição de Raquel Tardin, que propõe o entendimento da paisagem urbana enquanto sistema, que se define por elementos e processos biofísicos, urbanos e sócio culturais, que possuem aspectos físicos-espaciais e funcionais em diversas escalas ao longo do tempo, de acordo com os valores coletivos de cada sociedade (Tardin, 2014).

Tais interpretações sistêmicas das relações que se estabelecem no espaço urbano, nas quais a paisagem urbana pode ser entendida como a sobreposição de processos temporais, espaciais e funcionais de acordo com os valores da sociedade, nos permite entender o lugar (neste estudo: o bairro e a praça) como um elemento desta paisagem, e que sua inserção nos processos biofísicos, urbanos e socioculturais são parte de sua constituição.

Sendo assim, o entendimento do lugar passa por entender não somente suas particularidades locais, mas também por entendê-lo como parte de um todo, que o afeta e por ele é afetado, levando em conta processos tanto da escala local, de um “tempo lento”, quanto da escala global, de um “tempo rápido” (Santos, 2006). Neste sentido, Milton Santos propõe um entendimento sistêmico do espaço, que se dá nos processos de ação sobre o lugar, e em “Por uma Geografia Nova” (2002), propõe o entendimento dos sistemas espaciais para entender a natureza do espaço, e define:

Um sistema se define por um nóculo, uma periferia e a energia mediante a qual as características pioneiras elaboradas e localizadas no centro conseguem projetar-se na periferia, que será então modificada por elas. (Santos, 2004: 79)

Milton Santos começa por referenciar o entendimento dos sistemas espaciais a teorias que tem como base os modelos matemáticos. Contudo, ao desenvolver a revisão sobre o tema, propõe algumas releituras: primeiramente sobre a ideia de totalidade na análise das articulações do espaço, criticando as análises de causa e efeito que isolam artificialmente certas variáveis e distorcem a totalidade das interações, defendendo a ideia de que o sistema é mais do que a soma de partes, e que as relações e interações entre as partes é de interesse para a totalidade. Ele também propõe que a análise do espaço esteja calcada nos processos³, que consideram a ideia de tempo: “(...) *o sistema espacial é sempre a consequência da projeção de um ou vários sistemas históricos*” (p. 80).

Compreender o lugar a partir de uma abordagem sistêmica implica não somente em entender sua inserção nos processos atuais da paisagem, mas também em compreender como ele se constituiu e se transformou sistematicamente na sua história, a partir dos processos temporais, espaciais e funcionais de escalas diversas, que resultam na sua especificidade atual. Sendo assim, para compreender o lugar no tempo presente, é necessário reconhecer

³ Ao defender a importância da dimensão do tempo na análise dos sistemas espaciais, Milton Santos defende o uso do termo processo, ao invés de relação: “*O conhecimento real de um espaço não é dado pelas relações e, sim, pelos processos. A análise de sistemas negligencia isto, e uma das razões vem do fato de que tal método foi criado (...) para abrir-se sobre modelos matemáticos. Ora, os modelos matemáticos, sobretudo quando se referem ao espaço, sofrem da fraqueza fundamental que vem da incapacidade de apreender o tempo no seu movimento. Ora, quando se fala de processo, também se está falando de tempo*” (Santos, 2004: 84).

os processos que se sobrepuseram ao longo de sua história, com o objetivo de explicar as situações que ocorrem atualmente, e reconhecer as intenções de transformação futuras sobre ele (Santos, 2004; Tardin, 2014).

Como recorte escalar de interesse para este trabalho, escolhe-se trabalhar na escala bairro, na qual a paisagem urbana é passível de vivência, percepção e ação direta do sujeito. Tal recorte escalar cabe ao entender que, no lugar, encontramos as mesmas determinações da totalidade sem, com isso, eliminar as particularidades locais. O bairro é entendido como o espaço imediato da vida, das relações cotidianas mais finas, que ganham significado pelo uso (Carlos, 2007):

São a rua, a praça, o bairro – espaços do vivido, apropriados através do corpo – espaços públicos, divididos entre zonas de veículos e a calçada de pedestres dizem respeito ao passo e a um ritmo que é humano e que pode fugir daquele tempo da técnica (ou que pode revelá-la em sua amplitude). É também o espaço da casa e dos circuitos de compras, dos passeios, etc. (Carlos, 2007: 18)

Desta forma, busca-se a articulação de uma leitura geográfica de bairro com o conceito de lugar no entendimento das relações identitárias com a paisagem. Sendo assim, entende-se o bairro como uma unidade urbana, um espaço reconhecido através de formas e funções específicas na cidade, assim como espaço vivido e sentido pela experiência humana, que porta uma identidade própria, *“resultante de uma fisionomia particular e de uma convivência social específica, cujos moradores externam as singularidades do lugar através de uma consciência coletiva de pertencimento”* (Halley, 2014: 46).

Neste sentido, Bruno Halley propõe que o bairro seja considerado como um lugar de “enredos” dos seus habitantes, que através dos seus diversos “ir e vir” pelas ruas, becos, casas, vielas, praças e calçadas, configuram tramas densas reconhecidas e conduzidas por marcos referenciais, ou seja, equipamentos ou acontecimentos que assumem significados coletivos associados ao sentimento de pertencimento ao bairro, como praças, igrejas, mercados, feiras livres, etc., denominados pelo autor como “espaços de diálogo”. Entendendo, então, o bairro como uma unidade urbana que carrega uma dimensão simbólica e subjetiva caracterizado pelas sociabilidades que ele abriga em seu espaço material.

O entendimento da paisagem urbana na escala bairro, escala do espaço vivido e sentido, passa por compreender os processos biofísicos, socioculturais e urbanos que influenciam no desenvolvimento da vida no bairro, como por exemplo: nos processos biofísicos, a canalização de um rio ou modificações em sua configuração geomorfológica que influenciam no escoamento de águas; nos processos urbanos, o adensamento populacional relacionado à verticalização dos edifícios, ou alargamento de vias e estreitamento de calçadas trazendo conflitos locais com relação à mobilidade urbana; e nos processos socioculturais, como a inserção de equipamentos de interesses ‘globais’ que trazem públicos externos para a convivência cotidiana do bairro, etc.

Desta maneira, tal recorte de interesse se relaciona com um dos princípios do trabalho, que trata de reconhecer o espaço urbano enquanto espaço vivido, na escala do bairro, que possui características específicas e particulares, como unidade urbana que possui elementos e processos que estabelecem inter-relações com a cidade, e contribuem para a sua especificidade.

A praça no Sistema de Espaços Livres Públicos do bairro

Neste trabalho, entende-se o espaço livre público enquanto espaço vivido que carrega significados de importância comunitária, palco da vida coletiva nas mais diversas formas. Para construir tal entendimento, são utilizados autores do urbanismo e da geografia humana que entendem o espaço urbano enquanto espaço social, e abordadas algumas relações entre o espaço, a vida coletiva, e seus significados coletivos. O recorte de interesse sobre o espaço livre público envolve as partes do ambiente urbano que são de livre acesso: as ruas, largos, praças e parques, que estabelecem relações intrínsecas com o ambiente construído e que estão inseridos nos processos sistêmicos da paisagem urbana (Tardin, 2014), com interesse específico no espaço livre público da praça enquanto lugar de valores coletivos no bairro, e seu papel articulador do entorno urbano e seus processos espaciais e funcionais.

O entendimento do espaço urbano enquanto espaço social surge, a partir dos anos 60, com as primeiras críticas ao movimento moderno, que propõem que o ambiente urbano tem como função vital a atividade humana e, como função mais importante, ser o palco de interações sociais e econômicas de todo o tipo (Jacobs, 1961). Kevin Lynch e Jane Jacobs, no início da década de 60, introduziram a discussão sobre o espaço urbano a partir da experiência humana, buscando parâmetros para a construção de ambientes urbanos de qualidade.

Em 1960, em *“A Imagem da Cidade”*, Lynch propõe a leitura da imagem da cidade a partir da percepção humana do espaço urbano com suas imagens mentais, argumentando que as pessoas e suas atividades são partes ativas das dinâmicas da cidade, tão importantes quanto as partes físicas e imóveis, afirmando que as pessoas têm papel ativo na sua estruturação (Lynch, 1960).

Na pesquisa sobre a imagem da cidade, Lynch explora a existência de imagens coletivas da cidade (imagens públicas) que favorecem a coexistência pacífica no ambiente urbano, e especifica que os espaços livres públicos são os primeiros e mais predominantes elementos reconhecíveis desta imagem cidadina, o que aponta o reconhecimento do espaço livre público enquanto lugar da coletividade:

“Parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de imagens de muitos indivíduos. Ou talvez haja uma série de imagens públicas, criadas por um número significativo de cidadãos. Tais imagens de grupo são necessárias, quando se pretende que um indivíduo opere de um modo bem-sucedido dentro do seu meio ambiente e coopere com os seus companheiros. Cada indivíduo tem uma imagem própria e única que, de certa forma, raramente ou mesmo nunca é divulgada, mas que, contudo, se aproxima da imagem pública e que, em meios ambientes diferentes, se torna mais ou menos determinante, mais ou menos aceita”. (Lynch, 1960: 57)

Em *“Morte e Vida de Grandes Cidades”* (1961), Jacobs também apresenta um entendimento social do espaço urbano com a crítica ao monofuncionalismo e ao desenho monótono da cidade moderna, e se concentra no aspecto social das ruas, calçadas e parques, discorrendo sobre fatores formais e de usos que influenciam na apropriação dos espaços livres públicos por seus moradores, atribuindo à materialidade dos espaços urbanos uma dimensão de realização social.

Ela descreve as ruas como os órgãos mais vitais da cidade, os elementos onde estão impressas suas identidades⁴, e identifica os espaços livres públicos como os lugares de conexão e de encontros, trocas sociais e microeconômicas de caráter público, que possuem papel central na vida urbana. Jacobs argumenta sobre a importância dos espaços livres públicos como lugares de encontros entre pessoas que não se conhecem socialmente de maneira íntima, e que esses contatos são fundamentais para a vida na cidade, uma vez que revelam uma compreensão da identidade pública das pessoas: *“(...) se os contatos interessantes, proveitosos e significativos entre os habitantes das cidades se limitassem à convivência na vida privada, a cidade não teria serventia”* (Jacobs, 1961: p.59).

Em 1995, Stephen Carr, Mark Francis, Leanne G. Rivlin e Andrew M. Stone, parecem reconhecer a complexidade das relações humanas que se estabelecem no (e com) o espaço livre público. No livro *“Public Space”*, eles reforçam a ideia do espaço livre público enquanto lugar da vida coletiva, enquanto lugar de conexão e comunicação onde o vínculo comunitário se constrói, e reconhecem três dimensões sociais presentes nesses espaços: as necessidades, os direitos, e os significados.

Public space is the stage upon which the drama of the communal life unfolds. The streets, squares, and parks of a city give form to the ebb and flow of the human exchange. These dynamic spaces are an essential counterpart to the more settled places and routines of work and home life, providing the channels for movement, the nodes of communication, and the common grounds for play and relaxation. There are pressing needs that public space can help people satisfy, significant human rights that it can be shaped to define and protect, and special cultural meanings that it can best convey. These themes, to be explored and developed in this book, reveal the value of public space and lay the groundwork for improved design and management. (Carr et al, 1995: 3)

Os autores propõem que a estrutura física dos lugares pode afetar fortemente a vida pública, uma vez que as guia através das conexões que se fazem possíveis espacialmente. Propõem também que existem três forças de natureza cultural que moldam a vida coletiva no espaço livre público: a primeira é predominantemente social, de trocas e interações sociais de todo tipo; a segunda é uma forma funcional da vida, que age nas necessidades básicas de uma comunidade como alimentação, abrigo e proteção; a terceira é a simbólica, que desenvolve continuamente os significados coletivos atribuídos aos lugares e suas práticas. A força simbólica pode ser de natureza espiritual ou religiosa, ou mesmo de natureza cultural/

⁴ *“(...) As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. Ao pensar numa cidade, o que lhes vem à cabeça? Suas ruas. Se as ruas de uma cidade parecem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecem monótonas, a cidade parecerá monótona”* (Jacobs, 1961: p.29).

identitária, podendo estar presente em eventos ou no cotidiano, e oferecendo um tipo de comunicação que vai além da palavra. (Carr et al, 1995)

By observing other people and their activities and participating with them in shared tasks, the existence of a community can be confirmed, enabling people to feel that they are part of a larger group in an active manner. (Carr et al, 1995: 27)

O entendimento proposto por Carr, do espaço livre público se apresenta extremamente relevante no entendimento social do espaço dentro da disciplina do urbanismo, uma vez que considera que a ação no espaço livre público deve estar atenta às demandas e condicionantes de caráter social e político. Para o autor, o espaço livre público deve atender as necessidades de seus frequentadores, é onde direitos e deveres político-sociais se fazem presentes, e carrega símbolos e significados coletivos que tem profunda relação com as maneiras de apropriação do espaço.

Henry Shaftoe, em *Convivial Urban Spaces* (2012), também aborda o tema dos espaços livres públicos com foco na vida social que neles acontecem, e levanta a pergunta: “*o que os cidadãos percebem como bons espaços para estar? O que faz alguns espaços públicos melhores que outros?*”. Ele defende que os espaços públicos de convívio estão no coração da vida democrática, sendo alguns dos poucos lugares onde ainda se encontra diversidade, e onde se aprende a entender e tolerar o diferente.

A contribuição de Shaftoe é considerável porque seu entendimento dos espaços de convívio não se limita à sua dimensão física, mas considera sua complexidade a partir dos elementos que influenciam no seu funcionamento: físicos (inclui o desenho e questões práticas), geográficos (localização), administrativos, sensitivos (como o espaço afeta os cinco sentidos humanos), e psicológicos (como o espaço afeta a mente e o espírito humanos).

O autor elenca algumas características do convívio no espaço baseado na teoria behaviorista: territorialidade, distância interpessoal, distribuição e diferentes tipos de observação e comunicação; assim como traz os ‘efeitos psicológicos’ do espaço: interpretação, coerência, legibilidade, sensação de segurança, intriga e curiosidade, e estética. Shaftoe, então, defende que o espaço físico e suas dimensões (física, geográfica, administrativa, sensitiva e psicológica) influenciam na maneira como a vida acontece no espaço, e vice-versa:

At the other end of this continuum of thinking about the degree to which design of space can influence behavior are those who note the degree to which people can adapt to their surroundings and ‘make the best of a bad job’. In truth it is likely that we both affect and are affected by space. (Shaftoe, 2012: 51)

O tema de como o espaço afeta o comportamento humano, e ao mesmo tempo é afetado por ele, é abordado por diversos autores que entendem que existe uma relação dialética de produção entre espaço e vida social. Lefebvre, em “*A Produção do Espaço*” (1974), introduz o entendimento do espaço enquanto produto e produtor social (Lefebvre, 1974), propondo uma relação imbricada entre espaço e ação, na qual um atua na construção do outro simultaneamente. Milton Santos também traz este entendimento, propondo que a dialética

social não se estabelece apenas no espaço, mas se realiza com o espaço, entendendo o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações (Santos, 1996).

Sendo assim, com base nos autores citados, neste trabalho entende-se que a vida no espaço livre público é resultado não só da relação com o espaço em si, mas de diversos elementos e processos: físicos, naturais e sociais que, junto a fatores locais, influenciam nas práticas e nos significados do lugar, contribuindo na construção de um “senso de lugar” (sensação de pertencimento e identificação com o lugar).

Sobre o entendimento dos espaços livres enquanto sistema, é trazida a contribuição de Raquel Tardin, que propõe o entendimento do sistema de espaços livres e espaços ocupados como elementos e processos inter-relacionados, passíveis de estabelecerem relações espaciais, funcionais e sinérgicas entre si em diversas escalas, se estruturados simultaneamente a partir das dimensões urbana, biofísica e sócio cultural. Nesse contexto, a autora aponta o potencial papel de estruturação e articulação dos espaços livres nos processos biofísicos, socioculturais e urbanos, por constituir-se espaço para as dinâmicas biofísicas, as manifestações socioculturais, e a inter-relação entre espaços ocupados (Tardin, 2008; 2014). Tal entendimento do sistema de espaços livres serve de base para este estudo, se distanciando de uma abordagem estritamente morfológica e levando em consideração seus diversos elementos e processos sistêmicos.

A autora propõe o entendimento do sistema de espaços livres considerando a relação de cada elemento com seus entornos, com os quais estabelecem relações espaciais e funcionais, e as relações que se estabelecem entre os elementos a partir da continuidade/descontinuidade entre eles. Ambos fatores relacionais que condicionam o funcionamento geral do sistema de espaços livres. Para tal, são utilizados critérios relativos ao contexto urbano, biofísico e perceptivo, contribuindo para o entendimento da ação sobre o território urbano de forma sensível aos seus recursos e às necessidades de sua gente. Desta maneira, neste trabalho, a análise da praça inserida no sistema de espaços livres públicos é feita considerando as dinâmicas locais e as dinâmicas que se estabelecem na escala do sistema (Tardin, 2008), em contraposição à uma leitura restrita do espaço da praça.

Sendo assim, pontua-se a importância de entender e explorar o papel e potencialidade de cada elemento dentro do sistema, sua conexão e continuidade com outros elementos, que permitem ou impedem os processos que perpassam os mesmos. Neste sentido, aponta-se aqui o papel singular da praça como articulador do entorno urbano, uma vez que articula os edifícios do seu entorno através do seu espaço livre público, colocando em relação suas funções urbanas e suas relativas práticas. Contudo, a praça não articula somente seu entorno imediato, mas também funciona como elemento articulador de processos urbanos e socioculturais mais extensos, por exemplo, como o fluxo de pessoas e veículos, funcionando como rotatória e/ou como ponto de acesso a serviços do entorno, ou como espaço de feiras, concertos, manifestações e encontros sociais cotidianos, que reúnem a população de seu entorno urbano e também de áreas mais extensas, uma vez que, muitas delas, podem abrigar equipamentos coletivos referenciais.

A praça, então, é escolhida como recorte espacial de estudo devido à sua característica de encontro e reunião de pessoas, de práticas, de significados e de valores coletivos. Espaço que pode assumir papel simbólico referencial na identidade local, configurando um espaço coletivo e diverso de relevância sociocultural, que assume relevância urbana na articulação do seu entorno e seus processos.

Sobre o reconhecimento das pessoas com o lugar em que moram ou frequentam, Bruno Halley (2014) propõe que o espaço vivido e sentido, do “ir” e “vir” e seus encontros cotidianos e intrínsecos, se dão nos “espaços de diálogo” do bairro: locais onde se ocorrem as *“ocasiões mais propícias ao envolvimento mútuo das pessoas e, por conseguinte, pelo pulsar mais intenso da identidade local”* (p. 43). Dentre os “espaços de diálogo” mencionados pelo autor, a praça possui grande importância na escala bairro, uma vez que pode abrigar os diferentes grupos sociais, suas práticas e significados ou, como define o autor: os “enredos” vivenciados por moradores e frequentadores se encontram e se configuram enquanto coletivo (Halley, 2014)⁵. São como lugares que exprimem e reproduzem os valores coletivos da população na escala bairro de maneira abrangente, uma vez que são espaços de acesso e uso indiscriminado.

Ao reconhecer os espaços livres públicos como “espaços de diálogo”, e o papel da praça como elemento singular no sistema de espaços livres públicos, propõe-se o entendimento da praça enquanto espaço significado (Cresswell, 2012), no qual os sentidos particulares e coletivos a ela atribuídos são de grande importância na construção do senso de lugar do bairro. E propõe-se que o entendimento dos elementos, processos e relações físicas, naturais e sociais, da paisagem urbana e dos significados do lugar, esteja contemplado no processo de projeto do espaço livre público, de forma a responder coerentemente à sua complexidade e seu potencial como articulador urbano.

A praça como Lugar

O conceito de lugar é revisado neste trabalho com o intuito de explorar suas bases conceituais e então trazer leituras do tema que apontem para um entendimento das complexidades presentes nas relações que a praça estabelece com sua paisagem urbana. Junto ao conceito de lugar, evidencia-se a importância do significado do espaço livre público enquanto espaço social.

A crítica e revisão pós-moderna que aconteceu na arquitetura a partir da década de 60, como mencionado anteriormente, também teve seu espaço em diversas áreas das ciências sociais. O entendimento do indivíduo como ser universal, o tecnicismo e a lógica positivista vigente em meados do século XX começou a ser criticado na área da geografia com a criação da *Geografia Humanista* em meados dos anos 70. Yi-Fu Tuan, em “Espaço e Lugar” (1977), critica

⁵ Em artigo intitulado “O bairro e os enredos do lugar”, Bruno Maia Halley define o “enredo” como: “um conjunto de experiências, historicamente formadas por determinadas ações conduzidas por marcos referenciais ou focos de intenção e propósito do bairro, podendo ser as ações regidas num templo religioso, num mercado público, feira livre, ou mesmo um conjunto de experiências realizadas numa determinada rua ou esquina, entre outras situações.” (Halley, 2014: 51), e os “espaços de diálogo” como os recortes espaciais onde se dão esses encontros.

a ‘neociência’ da geografia humana, que até então olhava o mundo e as pessoas como objetos ao invés de sujeitos. Sob influência da fenomenologia, Tuan ajuda a difundir o entendimento do lugar a partir da experiência do sujeito, redesenhando o conceito na tentativa de entender a relação do homem com o meio.

O lugar é entendido como o microsomo que dá sentido à existência- o ser-no-mundo: lugar significado na relação corpórea e simbólica do sujeito, distinto do espaço indiferenciado (MARANDOLA, 2013).⁶

Tuan entende o ser humano a partir dos fatos biológicos, seus órgãos sensoriais “que permitem aos seres humanos ter sentimentos intensos pelo espaço e pelas qualidades espaciais”: cinestesia, visão e tato. O autor recusa a conotação passiva da experiência, e defende que “a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele”, sendo assim, ele costura sentimento e pensamento, que vão significar a experiência do corpo no espaço.

Para Tuan, a pausa é peça chave na significação do lugar, o que permite marcar a experiência no espaço ao senti-lo de forma específica, significá-lo. Contudo, no contexto de fluidez da experiência contemporânea, de comunicação instantânea, essa ideia é revisada, abrindo a novas interpretações sobre o problema do lugar, que serão tratadas nesta revisão.

Tradicionalmente, lugar é um conceito estático, com foco no enraizamento, suas fronteiras e uma identidade singular, que se opõe às noções de dinamismo e mobilidade, como defendido por Yi-Fu Tuan e Edward Relph⁷. Contudo, desde o surgimento da geografia humanista, tem havido tentativas de pensar como o lugar está em processo e como o processo faz o lugar (Cresswell, 2014).

Trabalhando a ideia do lugar como processo, que varia segundo circunstâncias históricas e é resultado da sobreposição de diversas biografias, Tim Cresswell, em artigo publicado em 2014, trabalha- dentre outras- com a ideia de lugar como “a coming together of things once and once only”. Ele argumenta que o lugar é onde objetos, memórias, emoções, e etc. se reúnem, o que sugere uma dinâmica constante de coisas se movendo ao serem reunidas. Tal dinamismo leva a entender o lugar como uma reunião particular de coisas em um tempo específico.

O lugar, então, poderia ser a reunião de coisas reais no mundo real e uma maneira de pensar sobre o mundo, que estão combinadas de maneira contingente (Cresswell, 2014). Tal interpretação se aproxima de uma abordagem cultural, e se afasta, então, da busca fenomenológica pela essência, que entende que as experiências podem ser encontradas da mesma maneira em diversas situações, transcendendo seu contexto social e temporal.

Neste trabalho, entende-se o espaço livre público enquanto lugar, assumindo que os significados atribuídos ao espaço em questão possuem uma dimensão eminentemente coletiva, como propõe Carr:

⁶ Eduardo Marandola Jr., no prefácio de TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. OLIVEIRA, Livia de (trad.). Londrina: Eduel, 2013.

⁷ Autor de Place and Placelessness-1976.

Throughout history, communities have developed public spaces that support their needs, whether these are markets, places for sacred celebrations, or site for local rituals. Public spaces often come to symbolize the community and the larger society or culture in which it exists. Specifics places acquire meanings through their functions, further deepening their roles in people's lives. (...) Public places have enabled the social exchange of a widely ranging nature covering individual as well as communal issues. They also provide the grounds for demanding personal and political rights. Although there are vast differences in the forms of communal life across societies, public life has been an integral part of the formation and continuation of social groups. (Carr et al, 1995: 22)

Cresswell propõe que pensar o mundo como uma reunião de lugares profundamente enraizados, com fronteiras claras e uma identidade estável associada, pode nos levar a pensar a conexão entre lugares particulares e a conexão deles com o mundo. Para alguns geógrafos, esse entendimento tradicional de lugar é muito fixo e cercado, enraizado no passado, e podem ocasionar processos de exclusão, como Cresswell descreve: *“People connect a place with a particular identity and proceed to defend it against the threatening outside with its different identities”*.

Sobre o tema do lugar, Massey traz diversas contribuições no seu entendimento enquanto parte constituinte de um todo, em oposição ao entendimento internalizado do mesmo na geografia humanista (Tuan, 1977; Relph, 1976), um “senso de lugar extrovertido”. A autora apresenta tal abordagem como forma de reposicionar o tema do lugar dentro da tendência contemporânea de compressão do espaço-tempo, no qual o tempo global se sobrepõe ao tempo local (ou tempo rápido e tempo lento, segundo Milton Santos). Pode-se dizer que os atributos do “global” são vivenciados no “local”, escala do espaço vivido (Massey, 2000; Santos, 2006; Carlos, 2007), e que com isso a escala e tempo globais e locais se sobrepõem no espaço vivido contemporâneo.

Em artigo publicado em 1993, a autora argumenta que lugares são ativamente constituídos pelo movimento de pessoas, ideias e mercadorias. Ela defende que é necessário pensar sobre o senso de lugar progressivo, que leva em conta o corrente tempo global-local, e os sentimentos e relações que ele gera. Um senso de lugar global, que não pode ser definido pelo desenho de suas fronteiras. Como exemplo, ela descreve Kilburn:

Kilburn is a place for which I have a great affection; I have lived here many years. It certainly has ‘a character of its own’. But it is possible to feel all this without subscribing to any of the Heideggerian notions of ‘place’ which were referred to above. First, while Kilburn may have a character of its own, it is absolutely not a seamless, coherent identity, a single sense of place which everyone shares. It could hardly be less so. People's routes through the place, their favourite haunts within it, the connections they make (physically, or by phone or post, or in memory and imagination) between here and the rest of the world vary enormously. (MASSEY, 1993: 65)

A autora traz a ideia de compressão do espaço-tempo (termo que se refere ao movimento e comunicação pelo espaço), e defende que, com o desenvolvimento desse processo, as relações sociais mudam, se esgarçam. A partir dessa perspectiva é possível encarar uma interpretação de lugar alternativa, que dá ao lugar sua especificidade, já que ele nasce

de uma rede particular de relações sociais e entendimentos articulados em um determinado local. Ela, então, propõe um senso de lugar extrovertido, que inclui a consciência de suas conexões com o resto do mundo, integrando o global e o local.

A especificidade do lugar também se dá a partir da sua história, que acumula camadas de diferentes conexões locais e globais:

(...) the specificity of place also derives from the fact that each place is the focus of a distinct mixture of wider and more local social relations and, further again, that the juxtaposition of these relations may produce effects that would not have happened otherwise. And, finally, all these relations interact with and take a further element of specificity from the accumulated history of a place, with that history itself conceptualized as the product of layer upon layer of different sets of linkages both local and to the wider world. (MASSEY, 1993: 68)

Sobre a integração do global e do local no lugar, Ana Fani Carlos (2007) também contribui, defendendo que o lugar guarda em si as dimensões do movimento da vida e seus significados. Para a autora, o lugar se apresenta como *“ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta”*, sendo a porção do espaço apropriável para a vida, o espaço vivido, apropriado através do corpo e dos sentidos: *“é o bairro, é a praça, é a rua”* (Carlos, 2007). Tal abordagem sobre o tema do lugar reforça a pertinência da escolha da escala bairro neste estudo, uma vez que se busca compreender o lugar não só através de sua interioridade, mas também através de seus papéis nos processos sistêmicos da paisagem urbana.

Cresswell, em artigo publicado em 2014, propõe uma interpretação do entendimento de lugar proposto por Massey através dos eixos vertical e horizontal de orientação no espaço. Ele argumenta que o lugar tem foco no eixo vertical, do enraizamento- *rootness*- e pertencimento, desde a teoria Heideggeriana, que evoca um senso de profundidade e de fronteira na ideia de lugar- assim como Massey explica. Cresswell acrescenta que o lugar também existe no eixo horizontal- *routes*, no qual está conectado com outros lugares, e a partir dos quais também constrói sua identidade. O eixo horizontal faz com que o lugar estenda as fronteiras antes estabelecidas pelo eixo vertical.

Esse plano horizontal focaliza a atenção em como os lugares reúnem pessoas, coisas, ideias e práticas e outros lugares, o que, segundo Cresswell, significa pensar sobre a mobilidade e sua relação com o lugar: *“thinking place means thinking mobilities, considering wich mobility are encouraged and wich are forbidden”* (p. 14), e questiona: *“Is there something there- in place- that leads to these connections? Are there qualities of place that make it more or less likely to connect in the ways that they do?”* (p. 14).

Cresswell, no mesmo artigo, apresenta um compilado de conceituações sobre o lugar, das quais reúne embasamento para o seu entendimento sobre o conceito. Ele propõe o entendimento do lugar como união singular de materialidade, significado e prática, e acrescenta, então, a ideia de temporalidade a cada um desses elementos que constituem o lugar. A materialidade traz uma ideia de duração consigo, e pode ser a representação do

passado no lugar. Os significados também são uma forma de entender a temporalidade do lugar: *“Place is powerfully linked to memory through the connections between materiality and meaning”* (p. 16). As práticas parecem ser o elemento mais fugaz na definição do lugar, já que cada coisa acontece no lugar de uma forma somente uma vez. Mas ainda assim, as práticas podem se tornar hábitos ou rotinas, que possuem uma temporalidade, e que quando repetidas diversas vezes podem criar significado e um poderoso senso de lugar.

Places are meaningful locations. They combine the three aspects of location, locale and sense of place. Places are sites where things are uniquely together and where the whole adds up to more than the sum of the parts. The components that are assembled (or ‘gathered’) are **materialities** (including non-concrete materialities), **meanings** (through experience, narratives, representation, ideologies, etc.) and **practices/performances**. Places exist in relation to an outside from where things are gathered and to where things disperse. Roots and routes exist together in place. Places are also temporal. The particular assemblage that is formed at one point in time enables and prohibits particular futures. The components of place – materialities, meanings and practices – all contribute temporal dimensions to place as they are lived, felt and recalled (CRESSWELL, 2014: 19-20). (grifo nosso)

A definição de Cresswell é aqui utilizada para compreender o lugar, que se constitui como processos de combinação de materialidades, significados e práticas, que existem em sua especificidade local e em relação ao seu exterior, e possuem uma determinada temporalidade. Entendem-se aqui as materialidades como uma dimensão espacial, os significados como a dimensão dos valores que são atribuídos ao lugar pelas pessoas, e as práticas como a dimensão das atividades cotidianas e extraordinárias das pessoas no lugar, dimensões estas sempre entendidas em uma temporalidade.

A dimensão espacial é entendida neste trabalho como o espaço material concreto, historicamente construído (Gomes, 2014). Para o entendimento da dimensão espacial, torna-se necessária o reconhecimento dos elementos espaciais construídos e naturais (Krier, 1979; White, 1999; Carmona et al, 2003; Tardin, 2008). Analisam-se, então, as escalas, as configurações espaciais e funcionais, e a materialidade do espaço livre público e de seu entorno urbano, considerando-se os processos biofísicos e urbanos que se manifestam de forma concreta na paisagem.

A dimensão dos valores é referente ao entendimento do lugar enquanto espaço significado, em oposição ao espaço indiferenciado (Tuan, 1981). Entende-se que a identidade dos lugares e seus significados individuais e coletivos são de grande importância na interpretação dos lugares e das relações sócio espaciais que se apresentam (Le Bossé, 1999)⁸. Para tal interpretação, utiliza-se de autores da Geografia Cultural que abordam o tema dos valores e dos simbolismos nas paisagens humanas (Jackson, 1989; Hall, 1997; Mathias Le Bossé, 1999; Berque, 2000; Denis Cosgrove, 2003; Roberto Lobato, 2012) entendidos como fatores culturais. Analisa-se, nesta dimensão, processos socioculturais de identificação cultural

⁸ Publicado originalmente como “Les questions d’identité em géographie culturelle. Quelques aperçus contemporains”, em *Géographie et Culture*, 1999, n.31. Traduzido por Marcia Trigueiro e publicado em CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural- uma antologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

com a paisagem, que podem se materializar em processos biofísicos e urbanos como símbolos-monumentos, elementos naturais ou templos- ou podem estar presentes no imaginário coletivo da população.

A dimensão das práticas trata das atividades que acontecem nos lugares, como: encontros casuais, passeios, compras, atividades físicas, ida e volta de trabalho/escola, feiras, comícios, shows, comercialização, etc. Neste trabalho, pretende-se analisar as práticas do dia-a-dia no espaço enquanto processos socioculturais, relacionando-as com a dimensão espacial e de significados para melhor entendê-las enquanto fenômeno social (Lynch, 1960; Whyte, 1980; Zeisel, 1981; Carr et al, 1995; Magnani, 2000; Holland et al, 2007).

Sendo assim, aqui propõe-se que o entendimento da praça como lugar contemple a sua espacialidade, os seus significados, e suas práticas, em uma dimensão temporal, assim como a sua inserção no sistema de espaços livres, e na paisagem urbana do bairro enquanto elemento articulador.

Praça como Lugar na Paisagem Urbana do Bairro: uma abordagem sistêmica

Entender o lugar como processo, orientado por um eixo vertical de enraizamento, e um eixo horizontal de conexão (Cresswell, 2012), nos permite entender que o lugar é parte dos sistemas constituintes da paisagem urbana, com seus processos biofísicos, urbanos e socioculturais (Tardin, 2013). Tal entendimento nos permite propor um terceiro eixo relacional: o eixo transversal, que aborda a inserção do lugar nos processos sistêmicos da paisagem urbana, sejam eles biofísicos, socioculturais ou relativos a questões urbanas de escalas mais amplas.

Tal proposta é uma das contribuições deste trabalho, e se mostra pertinente por considerar o todo como condicionador da parte, assim como considera as variáveis locais como parte do todo (paisagem urbana), propondo o entendimento de que o todo é diverso em sua composição e variável nas relações que dentro dele se estabelecem. Sendo assim, a proposta de entendimento do lugar a partir também do eixo transversal é uma contribuição metodológica deste trabalho, que explora o papel da praça nos processos sistêmicos da paisagem urbana. Neste sentido, entender a praça como lugar passa por compreendê-la enquanto elemento constituinte de um Sistema de Espaços Livres, que possui processos de escala local, de escala do bairro, assim como processos de escala mais ampla, que podem afetar o lugar e por ele serem afetados.

A abordagem sistêmica deste trabalho propõe, então, que a praça seja entendida como um elemento do Sistema de Espaços Livres Públicos do bairro, que carrega significados e práticas coletivas, que possui um eixo vertical de pertencimento do qual participam os fatores que influenciam no senso de lugar; possui um eixo horizontal, no qual estabelece relações com seu entorno urbano e com o SEL do bairro, criando conexões físicas ou simbólicas; e que possui um eixo transversal, no qual estabelece relações pela sua inserção nos processos sistêmicos da paisagem urbana, que afetam a praça e por ela são afetados. Neste sentido,

aponta-se para o potencial da praça como espaço articulador de diversos processos urbanos e socioculturais no qual se insere, orientados por estes três eixos, e em diversas escalas e tempos, afim de compreender seus problemas e suas potencialidades na escala do espaço vivido, e traçar diretrizes de projeto integrado.

3 · RECONHECIMENTO

Caracterização do estudo de caso

Este capítulo tem por objetivo a caracterização do estudo de caso, primeiramente buscando delinear os processos de desenvolvimento urbano do bairro do Cosme Velho, relativas às transformações urbanas e do sistema de espaços livres e às transformações socioculturais, que formaram sua paisagem urbana atual e seu sistema de espaços livres, afim de reconhecer a origem de problemas e potencialidades dessa paisagem. Após um histórico destes processos, é apresentado o contexto físico espacial e sociocultural do bairro atualmente, e busca-se, a seguir, compreender a inserção da praça São Judas Tadeu nesse bairro, traçando as relações urbanas e socioculturais da praça nesta paisagem urbana atualmente, e as intenções dos diversos agentes locais sobre a mesma.

Ao abordar tais processos do bairro do Cosme Velho, estaremos, muitas vezes, abordando processos do Vale do Carioca como um todo, que inclui também os bairros de Laranjeiras, Flamengo e Catete, principalmente nos processos biofísicos e naqueles relativos ao Sistema de Espaços Livres do vale. Neste sistema, os espaços livres assumem uma relação de interdependência relativo às funções urbanas e às práticas dos habitantes dos bairros. Contudo, o bairro do Cosme Velho é estudado aqui em sua especificidade identitária, como comenta Hélio Vianna:

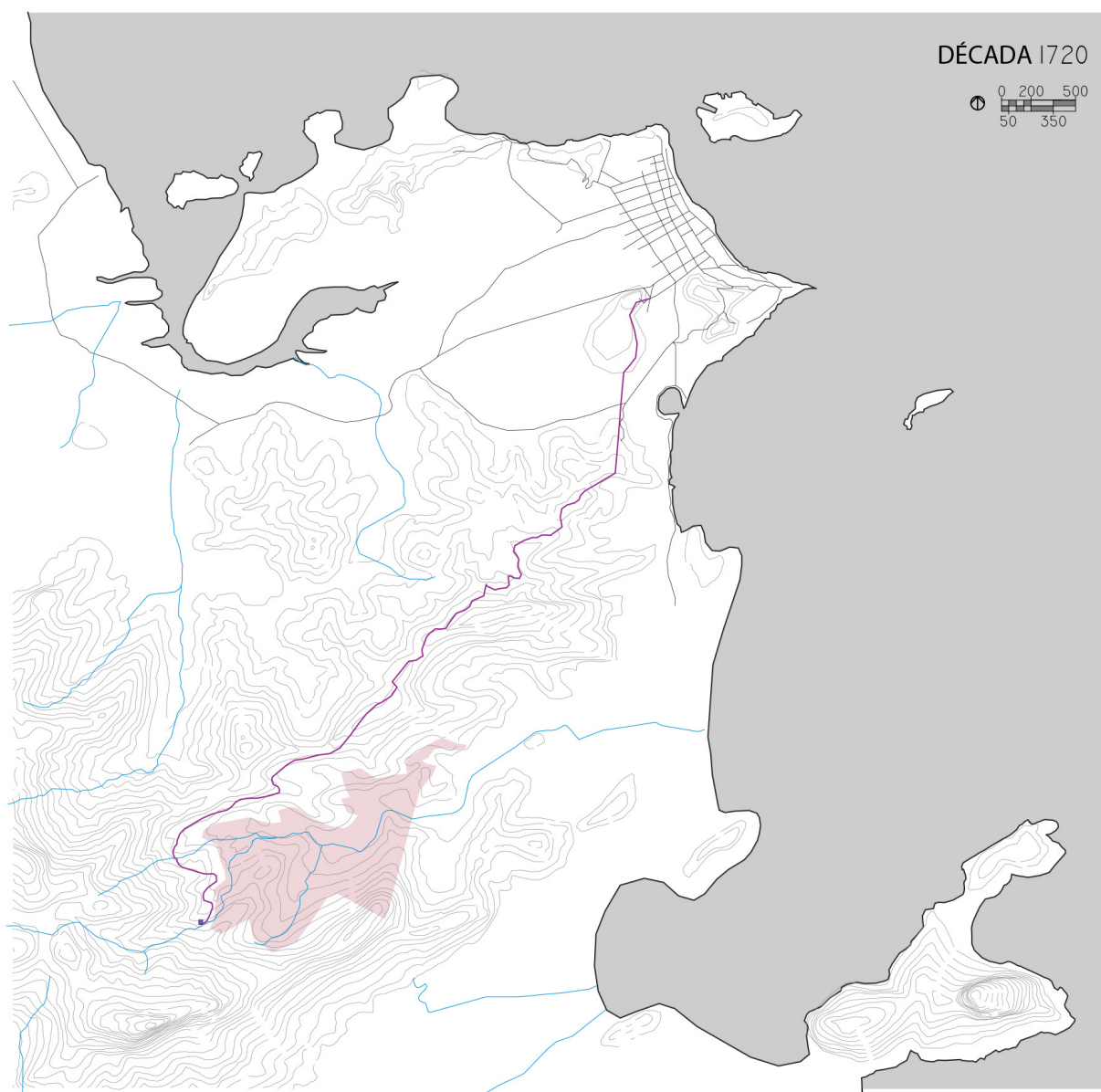
Na sua origem, porém, o Cosme Velho não foi área de passagem. Era antes o término de um dos rumos por onde se expandiu a cidade, o coroamento do vale das Laranjeiras, a fronteira entra a ocupação urbana e a área de florestas e montanhas que dão ao Rio de Janeiro uma fisionomia tão particular. Este relativo isolamento, vigente até poucas décadas atrás, possibilitou que seus moradores desenvolvessem vínculos fortes entre si e com o meio ambiente, o que resultou numa identidade local consistente e evitou que se passasse a ver a região como parte de outros bairros. Como quiseram seus habitantes, o Cosme Velho não é Laranjeiras, não é Santa Teresa. Criou-se como um tesouro que os moradores cediam aos amigos dispostos a irem até lá de visita. Crescer como um pequeno segredo entre os conhecedores da cidade e os apreciadores da natureza. À medida em que o Rio de Janeiro se transformava numa megalópole, mais o Cosme Velho parecia um local de pausa no ritmo desenfreado da vida moderna, um recanto da Mata Atlântica a comprovar que era viável a harmonia entre natureza e ocupação humana. (Vianna, 1993: p.15)

Processos de transformação urbana e social do bairro do Cosme Velho

Procura-se, aqui, delinear os processos de desenvolvimento urbano do bairro do Cosme Velho, no qual pode-se reconhecer as características de sua morfologia urbana, contemplando os tipos de ocupação desse território, assim como suas relações sociais características, afim de compreender as dinâmicas dos processos biofísicos, socioculturais e urbanos que compuseram sua paisagem urbana, reconhecendo a natureza de seus problemas e potencialidades.

Neste processo, pode-se perceber 4 fases distintas: as ocupações iniciais em grandes terrenos com fazendas e engenhos, que tem como principal elemento de estruturação urbana o Rio Carioca (do século XVI ao século XVIII); um segundo momento de desmembramento destas fazendas em grandes chácaras, palacetes e sobrados ao longo da Rua Cosme Velho, no qual o rio corre a céu aberto contido por muros de pedras (ao longo do século XIX); um

terceiro momento no qual há um crescimento da área de ocupação urbana no vale, com a abertura de ruas e loteamentos transversais à Rua Cosme Velho, momento no qual o rio é canalizado e se torna oculto na paisagem do bairro (início do século XX até a década de 1960); e um quarto momento que tem como principal marco a construção do Túnel Rebouças, que traz modificações nas dinâmicas urbanas e sociais do bairro: momento no qual é construída a Praça São Judas Tadeu (década de 1960 em diante).



Mapa 2 · Mapa da cidade do Rio de Janeiro em 1720: localização do Rio Carioca e seu aqueduto em relação à cidade. Em rosa demarcação da área relativa ao atual bairro do Cosme Velho. Fonte: elaborado pela autora.

I - Rio Carioca como estruturador da ocupação do vale por fazendas (Séc. XVI ao séc. XVIII)

Desde a chegada dos portugueses no século XVI, até a primeira metade do século XVIII, o Brasil serve como colônia extrativista à Portugal. Inicialmente, durante os séculos XVI e XVII, a extração de Pau-Brasil e o cultivo de cana de açúcar concentrava principal interesse no litoral da região nordeste da colônia. Contudo, a partir do século XVIII, as expedições bandeirantes no interior da colônia descobrem jazidas de ouro e diamantes na região sudeste, e tal descoberta desloca o interesse do Governo-Geral para a região de Minas Gerais como área de extração, e do Rio de Janeiro como porto de escoamento para a capital da Coroa. Em 1763, a capital da colônia é transferida para o Rio de Janeiro, e a região sudeste começa a crescer econômica e demograficamente.

Nesta época, a ocupação da cidade do Rio de Janeiro se limitava à atual região central, entre o Morro do Castelo e o Morro de São Bento, e a bacia do Rio Carioca, à sul da cidade, servia como fonte de água e como área de produção agrícola para abastecimento do núcleo urbano.

O Cosme Velho, localizado aos pés do Maciço da Tijuca, no fundo da parte alta do vale por onde escoam o Rio Carioca: um dos rios mais importantes na história do Rio de Janeiro, cujas águas abasteceram toda a cidade através do Aqueduto da Lapa. Sua condição geográfica é definidora da estrutura urbana e das formas de ocupação do vale, no qual o Rio Carioca é o principal elemento referencial estruturador. Sobre a primeira fase de ocupação da área atualmente ocupada pelo bairro, aborda-se a ocupação do Vale do Carioca como um todo, uma vez que o bairro em questão só aparece na geografia da cidade com o nome de Cosme Velho em meados do século XVIII (SANDRONI, 1999).

Confundindo-se com a vegetação, com a névoa e com a reverberação da luz tropical, o espaço das terras altas do vale das Laranjeiras foi obra destes pequenos cursos d'água que, deslizando de suas fontes e nascentes, atraíram, direcionaram e localizaram a população. (Vianna, 1993: p.45)

Transformações urbanas e Sistema de Espaços Livres

No período colonial, percebe-se que o Rio Carioca, na vertente sul da cidade, assume papel de referência para a ordenação do território em torno da cidade, no qual implantam-se atividades agropastoris de abastecimento do núcleo urbano. Tais ocupações iniciais do vale se dão nas margens do rio, onde fazendas e engenhos se utilizam da água para a produção e escoamento das mercadorias rumo à praia do Flamengo (Vianna, 1993; Sandroni, 1999).

Em 1672 uma resolução do governo prevê a captação das águas do Rio Carioca para abastecimento da cidade, e em 1723 é inaugurado pelo Governo Ayres Saldanha o chafariz no Largo da Carioca. Com o desvio de suas águas para a cidade, o rio torna-se cada vez menos caudaloso e seu uso às fazendas e engenhos é prejudicado, resultando no desmembramento das terras em grandes chácaras. No início do século XVIII, a maior delas, localizada na altura da

Mãe D'água, pertencia a Cosme Velho Pereira, comerciante estabelecido na Rua Direita, que tomava o caminho de sua chácara à cidade todos os dias, ficando conhecido como o Caminho do Cosme Velho (Sandroni, 1999).

Nesta fase, o sistema de espaços livres se configurava através do Rio Carioca no fundo do vale, que articula os acessos às ocupações de fazendas e engenhos no vale, com os quais a floresta nativa ainda se confundia na paisagem.

Transformações socioculturais

Originalmente, o Vale do Carioca era ocupado pelos índios Tamoios (também chamados de Tupinambás), nativos aliados aos franceses que viviam em uma grande aldeia na Praia do Flamengo, local de deságue do Rio Carioca. Área descrita nos escritos da época como lugar de caudaloso rio de águas puras e cristalinas onde os índios se banhavam, que tinham poderes de cura e embelezamento. Na segunda metade do século XVI, com a guerra pelo domínio e ocupação da região da Baía de Guanabara entre portugueses (aliados aos indígenas Tupiniquins) e franceses (aliados aos Tamoios), a população indígena local foi exterminada e os sobreviventes foram escravizados, ou fugiram se escondendo nas matas mais altas do Vale do Carioca (Alencar, 2015; Sandroni, 1999).

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, a população da cidade cresceu com a chegada de imigrantes europeus e de escravos africanos, tendência que se intensificou com o crescimento da mineração e com a transferência da capital da colônia para o Rio de Janeiro. Neste momento, a população e os usos do Vale do Carioca descritos na bibliografia são de escravas negras que lavavam as roupas nas águas do rio, e escravos que trabalhavam nas plantações do Vale (Sandroni, 1999).

2- Desmembramento de fazendas em chácaras e o enobrecimento do bairro do Cosme Velho (Século XIX)

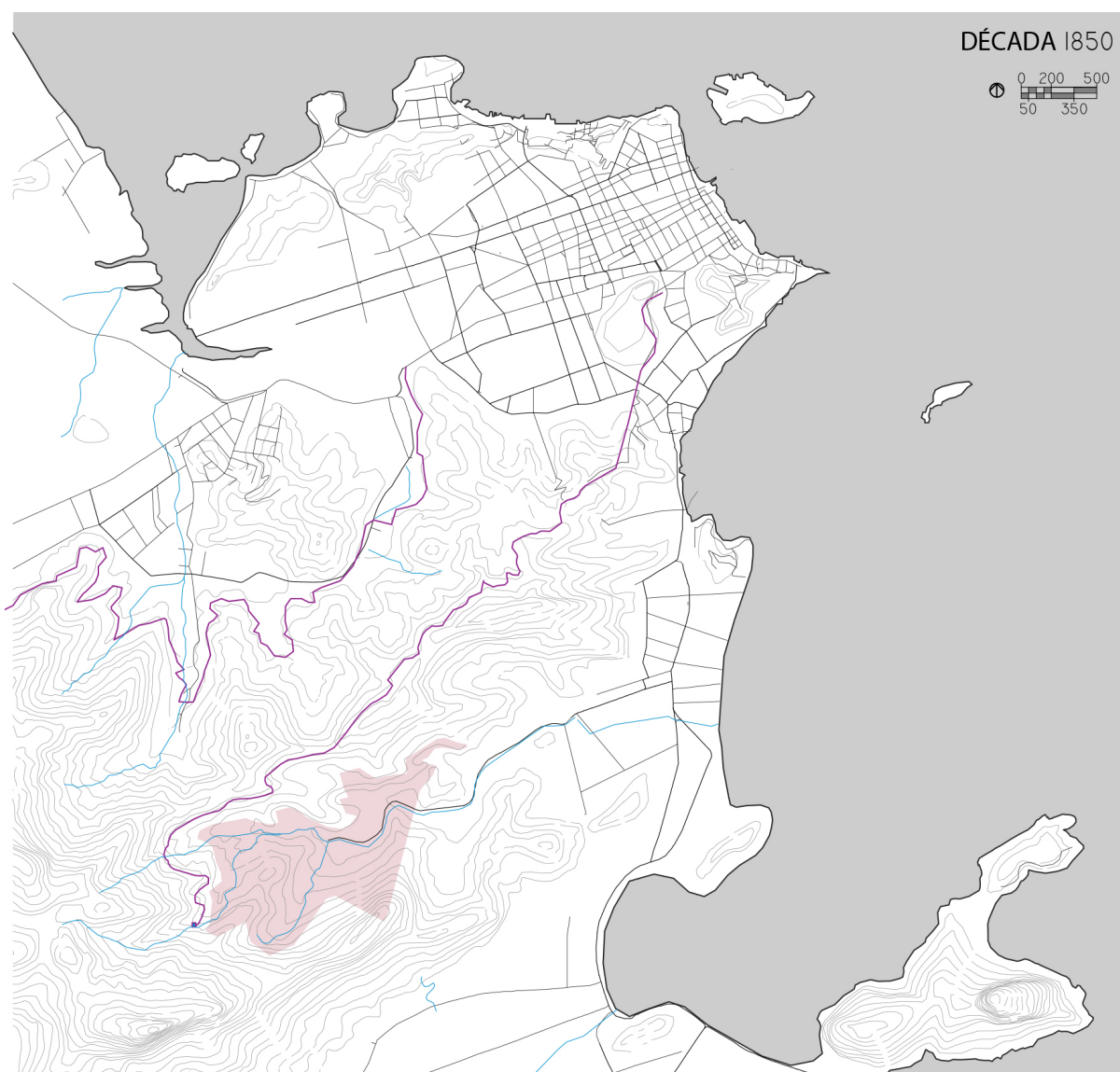
O Século XIX foi uma época de importantes mudanças para o Brasil colonial, e em especial para a cidade do Rio de Janeiro. A chegada da corte portuguesa em 1808 ao Rio de Janeiro adicionou cerca de 15.000 pessoas à população da cidade, que à época não possuía infraestrutura e moradias suficientes para tal quantidade de pessoas. Esta conjuntura, seguida à proclamação da independência em 1822 e mais adiante a proclamação da república- 1889, trouxe a necessidade de crescimento e estruturação urbana da cidade, que ao longo do século passaria a crescer em direção ao interior (zona norte) e ao litoral sul (zona sul). Tal crescimento teria como vetores de estruturação os recursos naturais (rios e cadeias montanhosas) e as linhas de transporte coletivo, com os trens na direção norte e oeste, e os bondes principalmente na região central e na direção sul, trazendo a necessidade de criação de um novo sistema de captação de águas para abastecimento da zona norte da cidade: o aqueduto do Maracanã.

Nesta época, o alto do vale passou a ser procurado por famílias de posse que tentavam

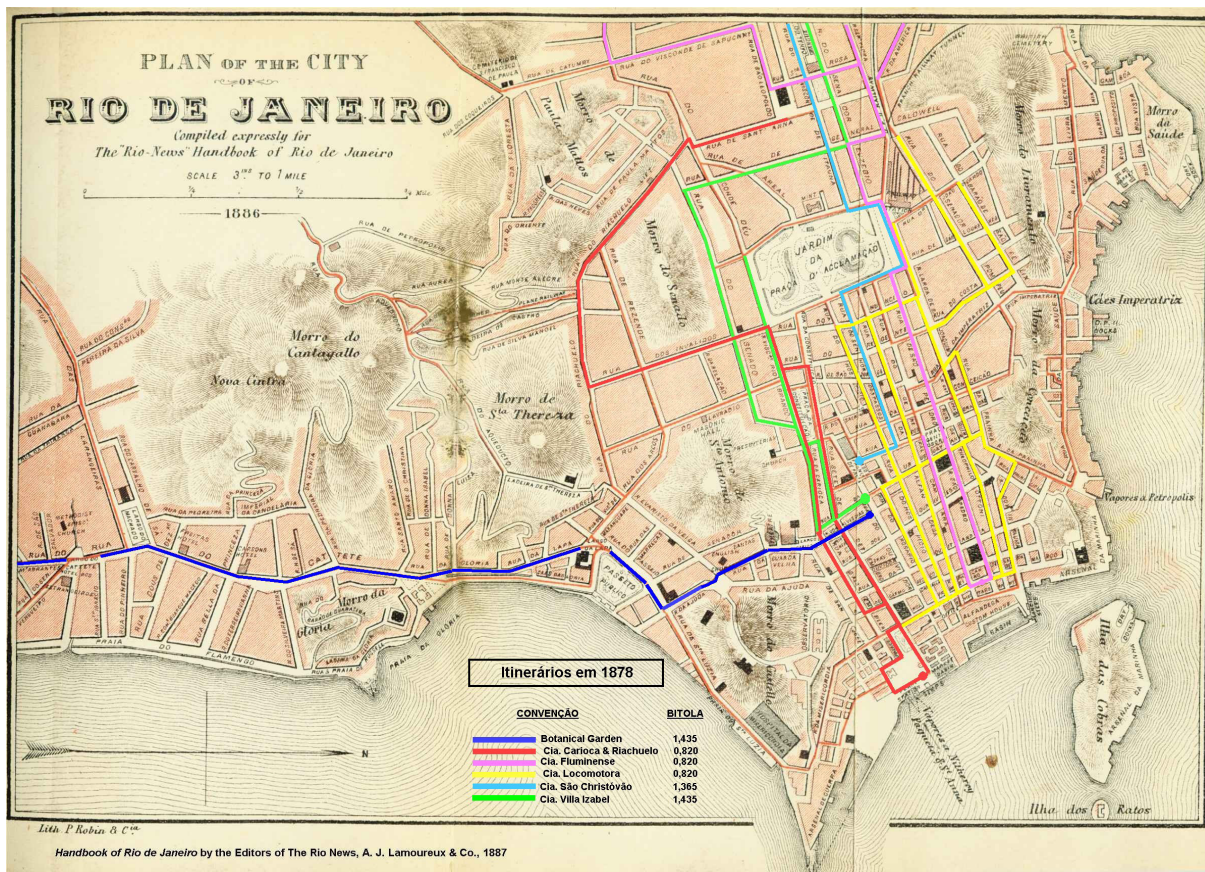
se afastar das mazelas do conjunto urbano da cidade recém ocupada pela Corte Portuguesa. Ao longo deste século, com o crescimento da cidade rumo à zona sul, o Vale do Carioca foi ocupado por chácaras e sítios de menor porte, cuja construção principal se localizava próximo ao caminho de acesso que acompanhava o Rio Carioca- Caminho do Cosme Velho, e ao longo da qual foram sendo construídas casas, solares e sobrados para residências de aluguel.

O aspecto bucólico da Várzea do Carioca, com o aprazível entorno da Bica da Rainha e a pequena fonte das Águas Férreas, atraía notáveis figuras da sociedade que ali foram se estabelecendo. Já no segundo quartel do século, as encostas da serra estavam ocupadas por extensos cafezais e ao longo da estrada alinhavam-se belos solares e grandes chácaras. (Pougy, 2012: p.20)

O valor atribuído à essas terras próximas à cidade, contribuiu para o estabelecimento de uma aristocracia no alto do vale, que buscava participar da vida da Corte nas festas em



Mapa 3 · Mapa da cidade do Rio de Janeiro em 1850: localização do Rio Carioca e os aquedutos do Carioca e do Maracanã com relação à cidade. Em rosa, demarcação da área relativa ao atual bairro do Cosme Velho.
Fonte: elaborado pela autora.



Mapa 4 · Mapa da cidade do Rio de Janeiro (1886) com marcação das linhas de bonde existentes em 1878, e suas operadoras.
 Fonte: Blog Bondes Rio (http://www.bondesrio.com/fotos/mapas/mapa_linhas_1878.jpg)

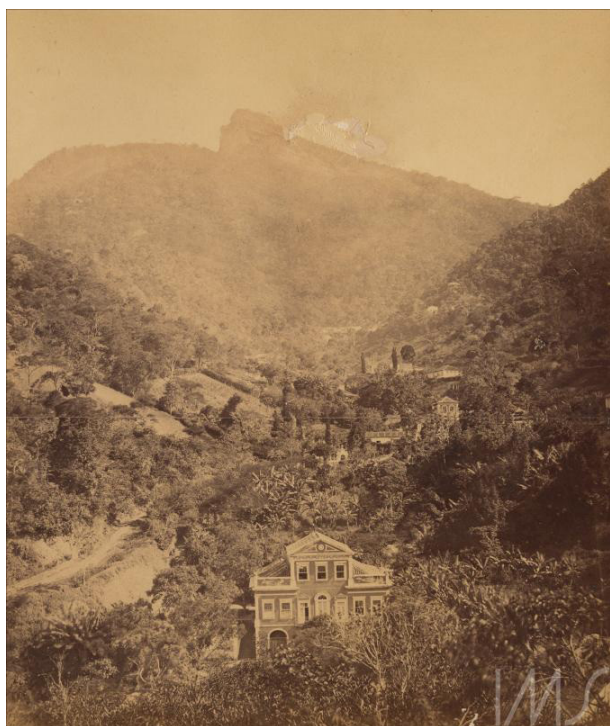


Figura 1 · Mãe d'água e pico do Corcovado, 1866.
 Fonte: Leuzinger, Georges. Biblioteca Nacional.

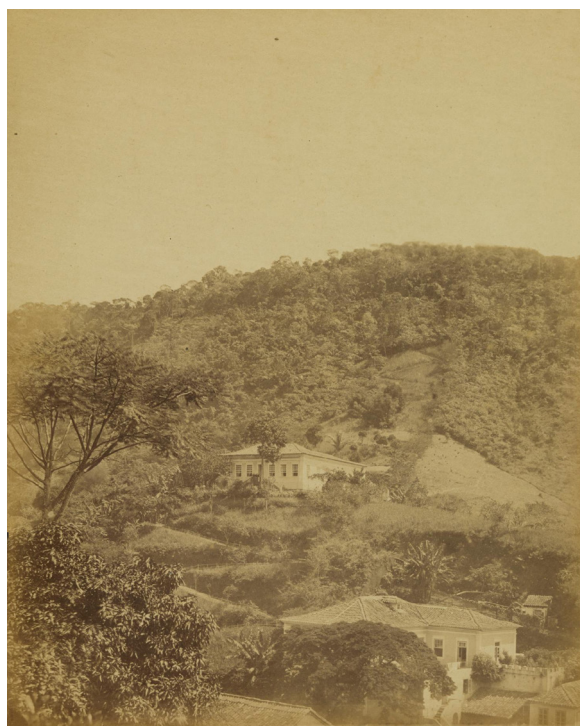


Figura 2 · Cosme Velho entre 1864 e 1870.
 Fonte: Leuzinger, Georges. Biblioteca Nacional.

salões e clubes privados, permitindo um progressivo enobrecimento do seu estilo de vida e, conseqüentemente, da ambiência social do bairro (Vianna, 1993; Pougy, 2012).

Sendo assim, nesta época, o bairro se caracterizava pela presença de belas chácaras onde residiam famílias abastadas, e ainda guardava as características de um recanto bucólico, destino de passeios e local de coleta das águas do Rio Carioca. Desta época, ainda se encontra no bairro a Bica da Rainha, fonte do início do séc. XIX, onde a Rainha D. Carlota Joaquina e D. Maria costumavam ir para beber as ditas águas ferruginosas do rio.

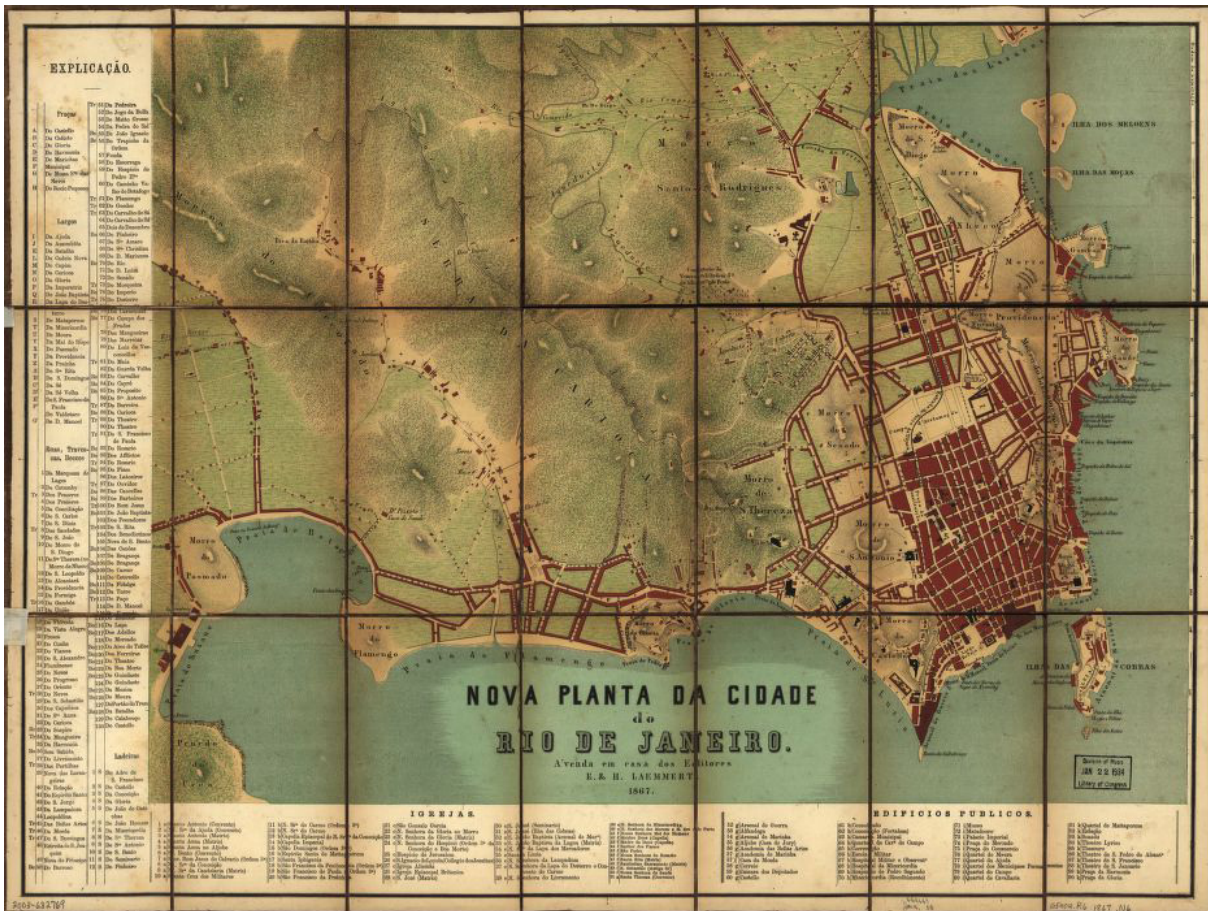
Junto às belas chácaras, o vale era ocupado por cafezais, que subiam as encostas do morro do Corcovado, ocupando o espaço da mata original. Contudo, na segunda metade do século XIX, a cidade sofreu com problemas de falta d'água, e então as encostas que abrigavam as fontes e ribeirões que abasteciam a cidade passaram a ser protegidas. É a partir de 1861 que se começa a realizar o reflorestamento da Floresta da Tijuca, afim de garantir a manutenção do abastecimento de água da cidade (Neto, 2007). São desta época também as primeiras explorações da Floresta de Tijuca como destino de lazer, com criação de fontes, mirantes e áreas de estar, que mais tarde serão incorporados ao Parque Nacional da Tijuca.

Transformações urbanas e Sistema de Espaços Livres

Ao longo do século XIX, o bairro do Cosme Velho assume maior densidade, com ocupações ao longo da Estrada do Cosme Velho a partir do desmembramento de grandes chácaras, como as terras de Cosme Velho Pereira, que foram desmembradas e vendidas em 1822, resultando na construção de residências de fidalgos e ricos comerciantes, algumas ainda hoje existentes no bairro. Outros proprietários também contribuíram neste processo de densificação, desmembrando seus terrenos para a construção de residências e casas de aluguel¹, que abrigariam nobres e funcionários do império e da posterior república, e caracterizariam o bairro como aristocrático e de uma elite social e cultural.

A partir de 1800, as terras por onde corria o Carioca seriam divididas entre representantes das elites do Império. Dentre estes nomes e endereços famosos poderíamos destacar o da Rainha Carlota Joaquina, no Largo do Machado, demarcado em 1810. Dali em direção ao Cosme Velho, pela estrada das Laranjeiras, mais tarde tornada Rua, instalaram-se em diversas épocas José Antonio Lisboa, ministro da Fazenda de D. Pedro I, a Duquesa de Cadaval, viúva de um primo de D. João, em cuja casa depois moraria a família Teixeira Leite, de Vassouras, o Conde de Lajes, o Visconde de São Salvador dos Campos, o Barão de Paranapiacaba, o Barão de Macaúbas, o Conde de Wilson, o Conde Modesto Leal, e Barão da Glória. (Neto, 2007:160)

¹ Dentre eles: Antônio Peixoto do Vale, que por volta de 1830 comprou uma chácara próxima à Mãe d'Água e ali construiu diversas casas, e a partir de 1844 viveu em uma casa com frente para a Estrada Cosme Velho, trecho que ficou conhecido até o início do século XX por "Caminho do Peixoto"; Antônio José Leite Guimarães, Barão da Glória, que adquiriu grande chácara em 1838 com testada pela margem direita do rio, na área hoje ocupada pela Ladeira dos Guararapes, logo desmembrou suas terras e construiu diversos edifícios de aluguel, que seriam vendidos ao Comendador José Borges da Costa em 1863. O Comendador morou na mansão próxima à fonte das Águas Férreas, hoje conhecida como "Solar dos Abacaxis" (construída em 1843 pelo arquiteto José Maria Jacinto Ribeiro, discípulo de Grandjean de Montigny), e possuía cerca de 30 imóveis no bairro; outro grande proprietário, Joaquim Luís da Silva Couto, conhecido como o boticário, ergueu um conjunto de seis casas fronteando um largo, hoje conhecido como Largo do Boticário.



Mapa 5 - Nova planta da cidade do Rio de Janeiro (1867), ilustra a cidade com alta densidade, o vetor de expansão da cidade na direção sul e com ele a ocupação esparsa do Vale do Carioca.

Fonte: E. & H. Laemmert. Geography and Map Division, Library of Congress, Washington, D.C. (Disponível em <https://www.loc.gov/resource/g5404r.br000055/>)

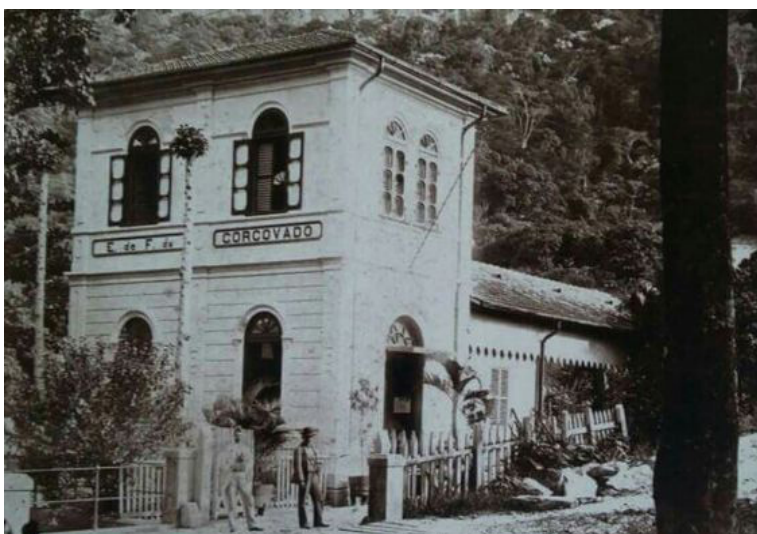


Figura 3 - Estação Cosme Velho, 1893.
Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/5a/05/d/5a05ad140e18d1012e4151d012167ea5.jpg>



Figura 4 - Estação Cosme Velho, anterior à abertura da Rua Smith de Vasconcelos.
Fonte: <http://www.brasilcult.pro.br/palestras/html/ferrovia.htm>

O desenvolvimento urbano do bairro contemplou o adensamento da área, contudo, o acesso ao bairro através do Caminho do Cosme Velho, até o final do século XIX, não possuía calçamento, e sua conexão com a cidade era feita a cavalo, tálburis e chalessas para os nobres, e a bordo de diligências e gôndolas para os menos favorecidos.

Em 1868, o serviço de bondes puxados a burro foi inaugurado (Vianna, 1993). O novo modal com rolagem sobre trilhos, mais suave e com menos poeira do que os outros meios de transporte, promoveu a conexão da área do Vale do Carioca à cidade com maior conforto e agilidade, o que iniciou um processo de valorização imobiliária do vale e certa alteração de seu perfil sócio econômico.

O sistema de espaços livres do bairro se conformava basicamente pelo Caminho do Cosme Velho que seguia o Rio Carioca, por onde corria o bonde até o ponto final conhecido como Águas Férreas, onde existia um chafariz público. Ao lado, ficava o Largo do Boticário como espaço livre público de uso residencial, integrado ao caminho principal através do Beco do Boticário. Ao longo do caminho e do rio, os terrenos das chácaras e dos solares eram em grande parte espaços livres privados, com árvores frutíferas e ornamentais, que compunham a paisagem bucólica do bairro. Pode-se considerar, também, como parte do sistema de espaços livres do vale, as matas da Floresta da Tijuca que envolvem o bairro do Cosme Velho nos acíves do vale, encontrando as residências localizadas no fundo do vale, próximo ao rio.

Transformações socioculturais

Em 1880, o bairro aristocrático receberia a Companhia de Fiação e Tecidos Aliança, instalada na área da atual Rua General Glicério, a fábrica se aproveitou da facilidade de conexão com o centro pelo bonde, e trouxe para o bairro uma população mais humilde composta por cerca de 1.500 operários imigrantes portugueses, espanhóis e italianos, que se instalaram em vilas no entorno da fábrica e trouxeram novos hábitos, como a organização de ranchos carnavalescos-manifestações populares recriminadas pela classe conservadora da cidade. (Vianna, 1993; Neto, 2007; Pougy, 2012).

Em 1884 foi inaugurada por D. Pedro II a Estrada de Ferro do Corcovado, projeto de Pereira Passos e João Teixeira Soares, que criou o acesso ao mirante do Corcovado desde a estação inicial do Cosme Velho, passando pela parada do Silvestre, onde encontrava-se com o bonde de Santa Tereza, mais à frente o Hotel Paineiras, e o ponto final no pico do Corcovado. O passeio era inovador, possibilitando confortável acesso ao mais alto mirante da cidade através de ousado trajeto de bonde movido à vapor pelos 3.824 metros de ferrovia nas encostas íngremes do pico.

Pouco se fala na bibliografia da área sobre o impacto da inauguração da Estrada de Ferro do Corcovado no bairro durante os anos posteriores à sua construção, mas os números de visitantes são grandes nos primeiros anos: em 1885, transitaram pela via férrea 31.885 pessoas (Dunlop, 1951). Sendo assim, pode-se afirmar que este atrativo aumentou o número de pessoas que circulavam no bairro, que até então era um “fim de linha” e recebia esporádicos visitantes a caminho da Floresta da Tijuca.

O ambiente social da Primeira República no final do século, e a transferência da lavoura cafeeira para os vales do rio Paraíba do Sul, intensificou o processo de loteamento de chácaras e a construção de chalés, sobrados e vilas. Foi em um destes chalés, na Rua Cosme Velho 18, que viveu Machado de Assis no final do século XIX, o que indica que, por mais que a população do bairro tenha crescido ao longo do século, se manteve representativa de uma elite social e intelectual da cidade, como indica Gerson Brasil em sua descrição da Rua Cosme Velho:

No fim do século, a ela (a Rua Cosme Velho) chegou o que seria o maior dos seus moradores, Machado de Assis, com sua mulher Carolina, com casa alugada no número 18 antigo, onde morreriam os dois, ele depois dela. E nela ainda estiveram, antes ou depois, o abolicionista pernambucano José Mariano, no solar do fim da rua, evocado por Olegário Mariano em um de seus poemas; e a família mineira na qual nasceu a poetisa Ana Amélia Carneiro de Mendonça, e o Barão de Ladário, e o Marechal Mallet, e o capitalista português Vasco Ortigão do “Parc Royal”, o engenheiro Getúlio das Neves, e o segundo Barão Smith de Vasconcelos, médica da equipe de Oswaldo Cruz e industrial mais tarde. (Brasil, 2000: 272)

Em 1896, foram instalados os bondes elétricos na linha Águas Férreas, promovendo maior valorização da área do vale pela ágil conexão com outras áreas da cidade, assim como maior movimento de pessoas no bairro.

No fim do século XIX, a Rua Cosme Velho era uma bela alameda arborizada, com a o Rio Carioca correndo a céu aberto protegido por muretas, como na fotografia ao lado, de Marc Ferrez. A paisagem bucólica do bairro muda a partir de 1905, quando o então prefeito Pereira Passos, com o pressuposto de resolver o problema de recorrentes enchentes, manda canalizar o Rio Carioca e cortar as árvores de uma das margens, duplicando a largura da rua, e deixando o rio soterrado e oculto sob as camadas de urbanização que ainda hoje se sobrepõem a este importante elemento de memória da cidade.

3- Rio Carioca canalizado e expansão da ocupação urbana do bairro (Primeira metade século XX)

Na primeira metade do século XX é reconhecido o período da República Oligárquica (1894-1930), que se caracterizou por dar maior poder às elites regionais, principalmente às oligarquias republicanas de São Paulo e Minas Gerais, que revezavam o poder executivo do país. A república tinha a cidade do Rio de Janeiro como capital, e o seu crescimento e desenvolvimento urbanos tinham íntima relação com seu papel como distrito federal. Como exemplo, as políticas sanitárias de Oswaldo Cruz de erradicação da varíola, da febre amarela e da tuberculose, as grandes reformas urbanas promovidas por Pereira Passos com abertura e alargamento de ruas², e a grande reforma da região portuária por Francisco Bicalho³, afim de promover

² Sobre as reformas urbanas realizadas pelo prefeito Pereira Passos, pode-se citar: a abertura da Avenida Central, abertura da avenida Mem de Sá e da Praça da Cruz Vermelha, abertura da Avenida Passos, alargamento da Rua Uruguaiana e da Rua da Carioca, canalização do Rio Carioca, abertura das avenidas Beira-Mar e Atlântica, dentre outras.

³ A reforma do porto se estendeu desde o Arsenal da Marinha, até área além da embocadura do Mangue, com previsão de extensão até a ponta do Caju em etapa posterior.

o saneamento e o embelezamento da cidade, ambos guiados pela lógica do progresso urbano em moldes europeus.

Em 1930, a República Oligárquica e sua “política do café-com-leite” chega ao fim, e a turbulência política do país leva a um golpe de estado, que institui uma nova constituição em 1934. Em 1937, Getúlio Vargas instaura o Estado Novo, regime ditatorial populista conhecido como Era Vargas, que estimula a expansão das atividades urbanas e desloca o eixo produtivo da agricultura para a indústria, estabelecendo as bases da moderna economia brasileira. Em 1945, Getúlio Vargas é forçado a renunciar, e instaura-se a Nova República em 1946, que duraria até o Golpe Militar de 1964.

Este contexto de profundas reformas políticas junto aos processos de estruturação urbana da cidade,

que crescia vertiginosamente de tamanho e população, foi o período de maiores mudanças urbanas e sociais no bairro do Cosme Velho, com o crescimento de sua área urbana e intensa densificação. Sendo assim, procura-se elencar os mais importantes processos de transformações urbanas do vale em cada década, desde o início do século até os anos 80.

Transformações urbanas e Sistema de Espaços Livres

Nas duas primeiras décadas do século vinte, além da canalização do Rio Carioca, o bairro recebeu melhorias no calçamento das ruas e na arborização, sofreu a implementação do sistema de energia elétrica, e em 1910, a eletrificação da Estrada de Ferro do Corcovado que, junto ao intenso crescimento da cidade rumo à zona sul, contribuíram no processo de valorização urbana do vale.

Na década de 1900, foi criada a ligação da Ladeira do Ascurra com o Silvestre, possibilitando a ligação do bairro do Cosme Velho com Santa Tereza. Na virada da década de 1910, foi criada a ligação do bairro de Laranjeiras com Botafogo a partir do corte do Morro Azul e Mundo Novo, prolongando a atual Rua Pinheiro Machado, além da ligação do bairro das Laranjeiras com Santa Tereza a partir da abertura da Rua Júlio Otoni. Na década de 1920, a abertura do túnel de ligação entre Laranjeiras e Rio Comprido complementou as ligações do vale com os bairros do entorno na primeira metade do século XX (Vianna, 1993). Estas primeiras

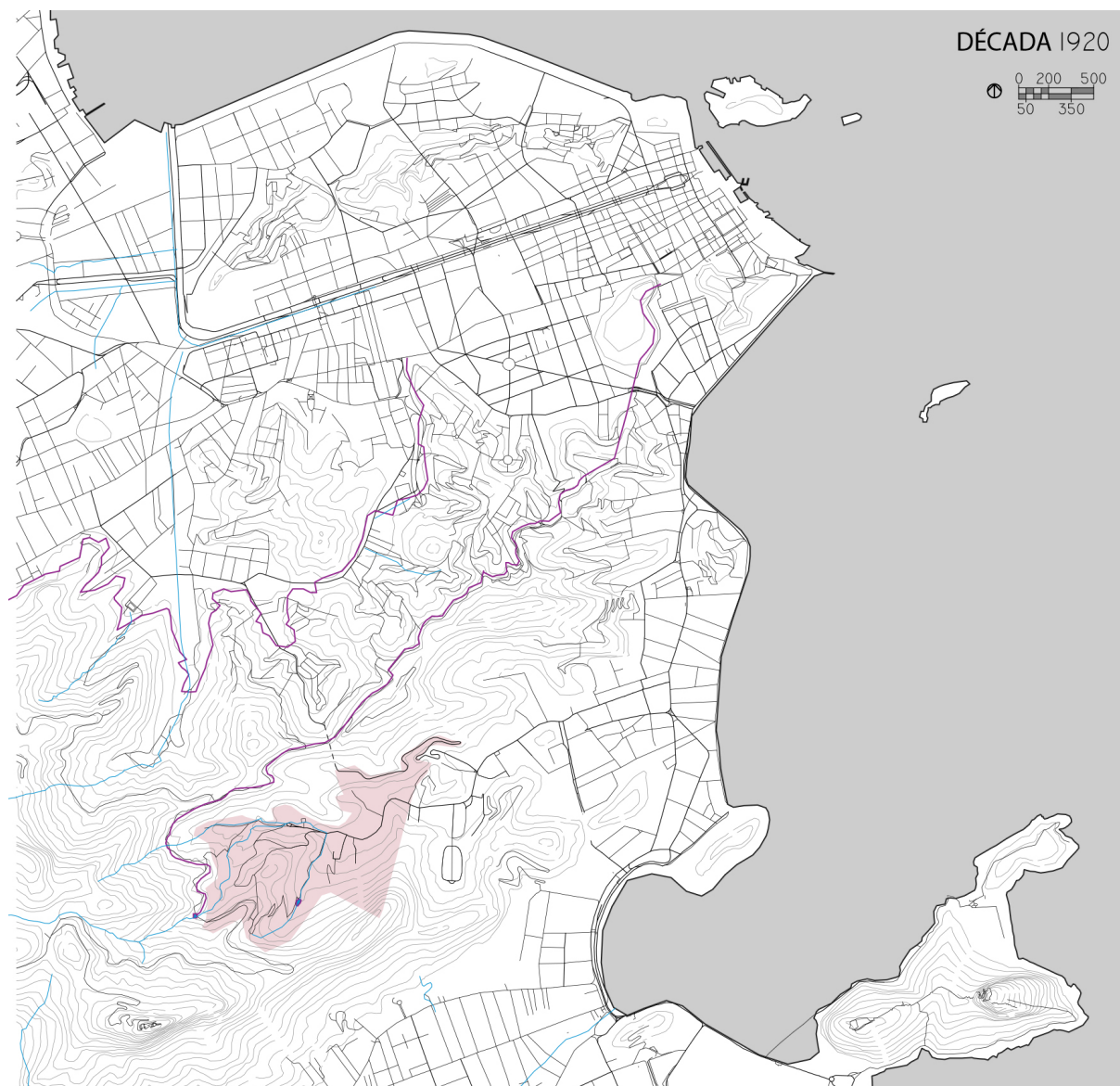


Figura 5 - Rua das Laranjeiras, 1887.

Fonte: Marc Ferrez (<https://i.pinimg.com/originals/28/a3/d3/28a3d30f0a0262f69a2e26584f8dbb2a.jpg>)

décadas formam um período de expansão de casas populares, com desmembramentos de terrenos e construções em lotes remanescentes, que trouxeram um aumento na população do vale, principalmente no bairro das Laranjeiras, atribuídas em grande parte à presença da Fábrica Aliança.

O bairro do Cosme Velho inicia também seu processo de expansão urbana nestas duas primeiras décadas do século, sofrendo a abertura da Rua Marechal Pires Ferreira em 1914, com a criação de 31 novos lotes, e a abertura da Rua Tobias do Amaral com loteamento de 40 unidades em 1929, com acesso pelo trecho inicial da Ladeira do Ascurra. Em 1925, instala-se no bairro uma sede do Colégio Sion, renomada escola católica para meninas, que viria a receber as moças das famílias abastadas da vizinhança. Em 1927, é aberta a Rua Pires Ferreira e construído o conjunto habitacional destinado a receber os funcionários da Companhia Sul-América. Existente ainda hoje como concebido, o conjunto composto por uma rua sem saída e uma praça central, com edifícios que seguiam a hierarquia dos postos de trabalho da Companhia,



Mapa 6 · Mapa da cidade do Rio de Janeiro em 1920: crescimento da cidade no sentido sul e norte, aterramento na área do porto, e Rio Carioca já canalizado. Em rosa: área relativa ao atual bairro do Cosme Velho.
Fonte: elaborado pela autora.

possui particular ambiência urbana, com uma escala confortável ao pedestre e janelas que permitem a vigília da rua e seus vizinhos.

A década de 30 se caracteriza pelo início do processo de verticalização do bairro das Laranjeiras, que sofre grande influência das dinâmicas urbanas de bairros vizinhos como Catete, Flamengo e Botafogo. No bairro do Cosme Velho, a inauguração da estátua do Cristo Redentor no pico



Figura 6 · Rua das Laranjeiras, 1906.

Fonte: Augusto Malta (<http://rio-de-janeiro-desaparecido.blogspot.com.br/2011/06/>)

do Corcovado em 1931, contribui para a valorização turística da Estrada de Ferro do Corcovado. Inicia-se nesta década o processo de ocupação das áreas hoje ocupadas pelas favelas do Guararapes, Vila Cândido e Cerro-Corá, no Silvestre, que na época era a única parte do bairro onde ainda não tinham chegado serviços de iluminação, água, esgoto, transporte (bondes elétricos), e calçamento das vias (Vianna, 1993). Estas favelas se expandem até a década de 60, e hoje abrigam uma população de cerca de 3.000 pessoas.

Em 1938 a Fábrica Aliança encerra suas atividades, e em 1939 é lançado o Projeto de Arruamento 3247, que indica a abertura da Rua General Glicério- onde seria lançado em 1945 o empreendimento urbano chamado Cidade-Jardim Laranjeiras, a abertura do túnel de ligação com o bairro de Botafogo (Túnel Aliança), a abertura do túnel de ligação com o Rio Comprido através da Rua Marechal Pires Ferreira, e abertura de rua paralela à Rua das Laranjeiras. Destes projetos, somente o empreendimento Cidade-Jardim Laranjeiras foi executado.

É, então, a partir dos anos quarenta, que são elaborados diversos projetos de arruamento, alargamento de vias, e criação de túneis de conexão mais ampla da área do vale com os bairros vizinhos. No Cosme Velho, há a aprovação do projeto de alargamento da Rua Cosme Velho para 21 metros de largura, abertura de diversas ruas e lançamento de diversos loteamentos: projeto de arruamento e loteamento no terreno entre a Rua Cosme Velho e a Rua Almirante Alexandrino, com criação de 145 lotes e estabelecendo mais uma conexão entre o bairro do Cosme Velho e Santa Tereza através da Ladeira do Peixoto; loteamento da Rua Indiana e abertura da Rua Itamonte, com a criação de 39 lotes (1941); prolongamento da Rua Senador Pedro Velho e criação de 18 novos lotes (1946); abertura e loteamento da Rua Ibitara no terreno ao lado da estação do Corcovado, atual Efigênio Sales, com criação de 31 novos lotes (1947).

É neste período, que a ocupação urbana e o sistema de espaços livres do vale já assume conformação similar à atual, com uma rua coletora principal que segue o leito original do rio, e diversas ruas transversais que sobem os aclives do vale com lotes de menor escala, e com

alguns espaços de praças, largos e parques ao longo do seu trajeto: o Largo do Machado, a Praça São Salvador e o Parque Guinle, na parte mais baixa do vale; a Praça David Ben Gurion, que existe desde a primeira década do século como área de retorno do bonde, e passa a ter este nome a partir de 1961, a Rua General Glicério com praça central, que existe desde a década de 1940, e a praça da Rua Pires de Almeida, existente desde 1927, na parte alta do bairro das Laranjeiras; no bairro do Cosme Velho, o Largo do Boticário e o ponto de bonde das Águas Férreas, localizado no local por onde hoje passa o viaduto do túnel Rebouças, são os espaços livres públicos urbanos que compõem o alto do vale.

Transformações socioculturais

Aprovados na década de 40, a década de 50 se caracteriza pelo momento de ocupação destes loteamentos, resultando na expansão urbana do bairro do Cosme Velho e seu consequente adensamento. Nota-se nos mapas 7 e 8 (pág.72), elaborados nesta pesquisa através dos P.A.s históricos, que a Praça São Judas não existia, e o Largo do Boticário era o único espaço livre com conformação similar à de uma praça. Os encontros e trocas sociais do bairro, então, aconteciam principalmente na Rua Cosme Velho, em frente à estação, local onde mais tarde será aberta a praça. José Pougy, morador do bairro desde a década de 30, descreve a memória de tal prática social no bairro:

Ainda ressuscitando memórias tão antigas, lembro o anoitecer, banho tomado, ou após o jantar, quando o destino era a rua. O grupo reunia-se, em geral, junto ao portão do “Sindicato Médico”, em frente à Estação do Corcovado. O resultado dos últimos jogos do campeonato de futebol, o diz-que-diz sobre as meninas ou mesmo questões transcendentais típicas da idade eram objeto de acaloradas e exuberantes discussões. (Pougy, 2012: 11)



Figura 7 · imagem da Estação de Trem do Corcovado na Rua Cosme Velho, anterior à abertura da rua Ibitara nos lotes 145 e 147. Fonte: <http://www.brasilcult.pro.br/palestras/html/ferrovia.htm>

4- Transformações socioespaciais progressistas e abertura da Praça São Judas Tadeu (Segunda metade século XX)

Durante a chamada Nova República, em 1946, a Assembleia Nacional Constituinte elabora uma nova constituição que reestabelece os direitos individuais, e estabelece as eleições diretas para presidente da república. Em 1955, Juscelino Kubitschek é eleito presidente, e sua gestão é marcada pela ideologia desenvolvimentista que tomou forma com o Plano de Metas, conhecido pelo slogan: “50 anos de progresso em 5 anos de realizações”. É deste plano de metas a construção e transferência da capital federal para Brasília.

Tal ideal de progresso presente nos anos cinquenta em seguinte, que abre mão do passado e da história em busca da modernidade, agora estavam associadas ao rodoviarismo, ao mecanicismo e funcionalismo, e à construção civil nas grandes obras de renovação urbana. São desta fase o arrasamento do Morro do Castelo- cujas terras foram utilizadas no aterramento das áreas do Aeroporto Santos Dumont e do Parque do Flamengo, e a captação de águas de mananciais de grande porte como Lajes e Guandu, inutilizando as estruturas de captação de águas dos antigos mananciais do Carioca e do Maracanã.

Em 1964, o Golpe Militar inicia o regime de Ditadura Militar no país, regime autoritário que instaurou a censura, com rígido controle sobre manifestações populares e a imprensa. Um período de repressão violenta que calou organizações comunitárias de qualquer índole. No processo de redemocratização a partir de 1985, a Assembleia Nacional Constituinte promulga a nova Constituição de 1988, reestabelecendo direitos individuais e acabando com a censura. A partir de então, o engajamento comunitário e político da população passaria a se reestruturar e, na cidade do Rio de Janeiro, tal tendência é perceptível com a criação das organizações de moradores de diversos bairros.

No final dos anos 50, período de ascendência da ideologia desenvolvimentista, são elaborados os projetos de criação da Praça São Judas Tadeu entre as ruas Ibitara e Ererê (P.A. 7287, de 1958), a partir da desapropriação de três lotes na Rua Cosme Velho (Decreto 14369 de 25/04/1959). São também da década de 50 os projetos de abertura do Túnel Rebouças, que passaria pelo bairro por um viaduto, e se conectaria com a Rua Cosme Velho através de viadutos que avançariam sobre o conjunto de casas da Rua Indiana e da Rua Itamonte, projeto modificado posteriormente.

A década de 60 é uma década de grandes mudanças para o bairro do Cosme Velho, assim como para diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro, devido às grandes obras infraestruturais do Plano Policromático de Doxiadis, no governo de Carlos Lacerda, com a criação de viadutos e túneis que visavam otimizar o escoamento rodoviário na cidade. Dentre estas grandes obras efetuadas na cidade, o Túnel Rebouças foi o que mais afetou o bairro do Cosme Velho que, com a construção do viaduto que atravessa o bairro e a alça de acesso ao túnel, virou um ‘bairro de passagem’ com intenso trânsito de veículos entre a Lagoa e o Centro da cidade. O noticiário da época, contudo, anunciava as obras com grande entusiasmo, evidenciando a ideia de progresso

vinculada às obras infraestruturais e de renovação urbana e arquitetural.

Neste caminho de renovação alinhado ao progresso, também seguiu a construção do novo templo da Igreja São Judas Tadeu, na Rua Cosme Velho, iniciada final dos anos 50 e concluída em 1968 que, segundo notícias da época, incentivaram a elaboração de um projeto de renovação da Estação Inicial de Trem do Corcovado:

A antiga construção, que ainda conserva características do século passado, deverá ser demolida para que, em sua substituição, seja erguido um prédio em estilo moderno. Segundo um projeto que há vários anos se encontra em estudos, a estação recuará cerca de 25 metros, sendo construída à sua frente a Praça São Judas Tadeu.

Desde quando foi iniciada a construção da Igreja de São Judas Tadeu, começaram a estudar várias modificações urbanísticas a serem feitas na Rua Cosme Velho, dentre as quais um moderno jardim em frente ao templo. Para a construção deste jardim será necessário recuar a estação de passageiros do Corcovado cerca de 25m e que, se realmente forem feitas as modificações determinará a demolição do edifício atual, que será substituído por outro mais moderno. (Diário Carioca, 1960)

Transformações urbanas e Sistema de Espaços Livres

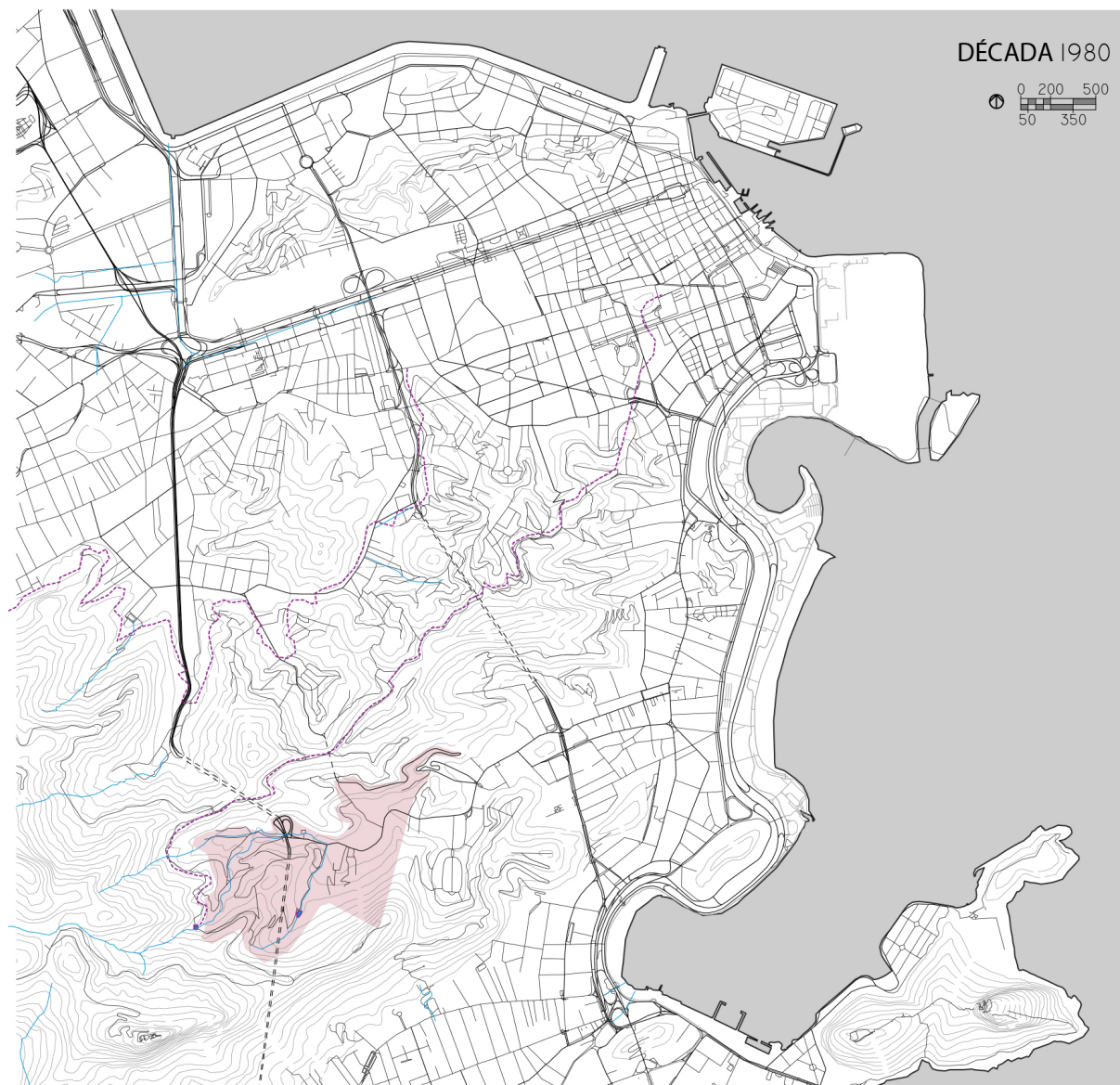
As transformações urbanas promovidas pela construção do túnel, imbuídas da ideia de renovação pelo progresso, ameaçavam o patrimônio histórico arquitetônico do bairro, e é neste momento que a população local começa a se organizar pela defesa de seus interesses em manter o bairro como um recanto histórico, como noticiado pelo Diário Carioca, em 1962:

SURSAN condena o Largo do Boticário: O Largo do Boticário – um dos mais belos e autênticos recantos do Rio antigo – será, dentro em breve, destruído pelos britadores e picaretas da SURSAN, que pretende fazer passar ali o túnel que liga Rio Comprido ao Jardim Botânico. Além da demolição das velhas casas, motivadas pelas obras do túnel, há também um plano de alargamento da Rua Cosme Velho, que importaria na destruição do Beco do Boticário, de acesso ao Largo.

A manobra, realizada sem o conhecimento da maioria dos moradores-inquilinos (quase todos artistas) está revolucionando o local, sendo que, um memorial assinado por todos os moradores e também por intelectuais de todo o Rio, será enviado ao sr. Governador, pedindo para que preservar aquele patrimônio histórico e turístico do Rio de Janeiro. (Diário Carioca, 1962)

O Túnel Rebouças foi inaugurado em 1965 pelo prefeito Carlos Lacerda, com grande comoção da mídia e da população da cidade (embora tenha sido liberado ao trânsito de veículos somente em 1967). As alças de ligação da Rua Cosme Velho com o túnel, que visavam aliviar o tráfego de veículos nos trajetos de conexão Zona Sul-Centro, contudo, somente foram inauguradas em 68 (conexão no sentido Lagoa-Cosme Velho) e 69 (conexão no sentido Cosme Velho-Lagoa), promovendo grande impacto nos bairros do Vale pelo intenso fluxo de veículos que modificaram a ambiência dos mesmos, além do impacto das demolições feitas para a construção dos viadutos que cortam os bairros.

Outra grande mudança ocorrida na cidade do Rio de Janeiro no início dos anos 60, foi a substituição dos bondes por ônibus da Companhia de Transportes Coletivos (Brasil, 2000), que prometiam um trajeto mais rápido e com maior capacidade de passageiros, como notícia o jornal

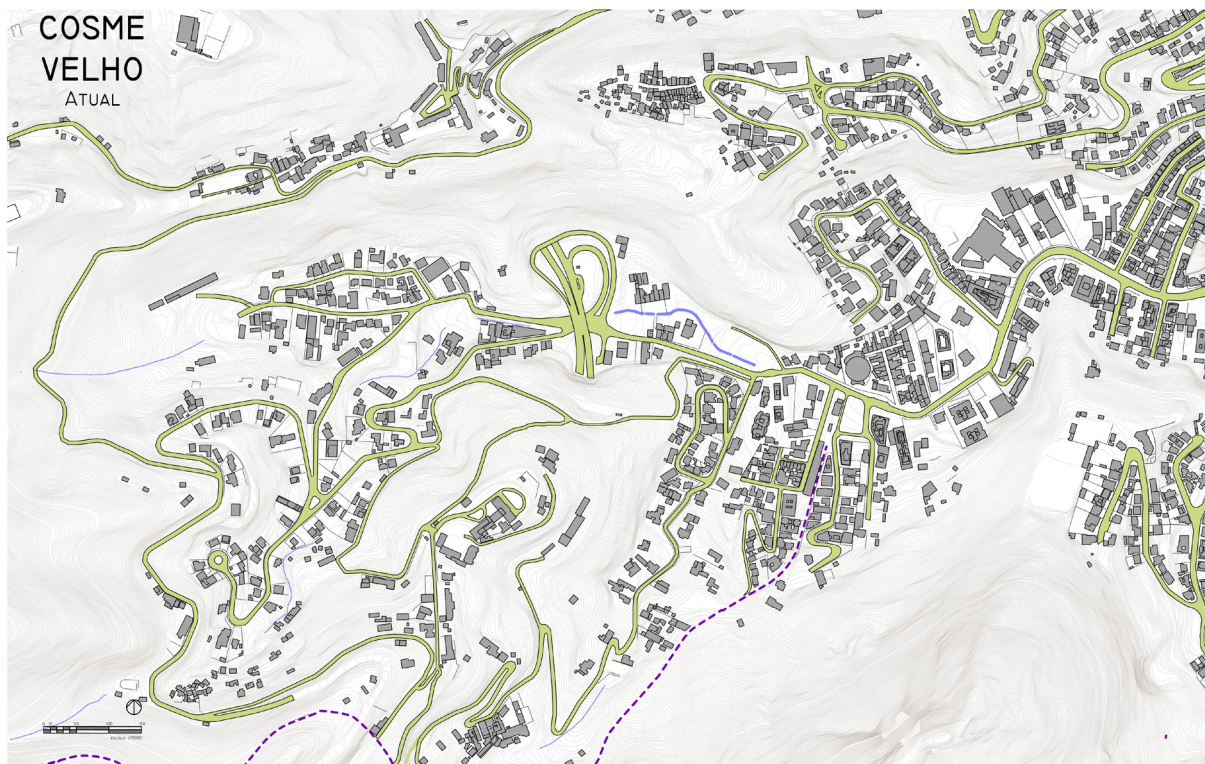


Mapa 9 · Mapa da cidade do Rio de Janeiro em 1980: a cidade apresenta configuração semelhante à atual: aterros e túneis Rebouças e Santa Bárbara são as modificações mais significativas. Em rosa: área relativa ao atual bairro do Cosme Velho. Fonte: elaborado pela autora.

A Noite, em 1963:

Em março próximo, as 12 novas linhas de trolley-buses que farão os seguintes percursos: Passei Público – Laranjeiras – Cosme Velho (...). Cerca de 85 bondes sairão de circulação para dar lugar aos 165 novos ônibus elétricos que tráfegarão nas linhas mencionadas. Com esta medida a Rio-Light deverá iniciar, ainda este mês, a retirada da rede elétrica dos bondes, a qual, em virtude do contrato com o Governo ter terminado, está sob a ação judicial, o retardou o funcionamento dos trolley-buses. Quanto aos trilhos, permanecerão ainda por algum tempo, até que a Secretaria da Viação e Obras resolva retirá-los. (A Noite, 1963)

O progresso prometido por tais mudanças nos sistemas viários e de transportes trouxe diversos problemas ainda hoje presentes no bairro, como o fluxo intenso de veículos na Rua Cosme Velho devido à conexão com o Túnel Rebouças, aumentando o congestionamento na via, reduzindo o espaço para pedestres e a possibilidade de trocas sociais no espaço da rua, assim



Mapa 10 · Mapa Cosme Velho atual, com o Viaduto do Rebouças, o Terminal Rodoviário e a Praça São Judas Tadeu.
Fonte: Elaborado pela autora.

como o grande número de linhas de ônibus que fazem ponto final no bairro:

Quem mora do Cosme Velho, lá no alto, está assistindo a velha rua transformar-se aos poucos em garagem de ônibus. Como o Departamento de Concessões autorizou um elevado número de linhas com terminal no fim do bairro, os ônibus vão ficando na rua mesmo, congestionando o tráfego, criando uma série de problemas para os moradores em vez de servi-los, como seria a primeira obrigação. Está na hora de fazer uma revisão nestas linhas e verificar a real necessidade do bairro, pois como está é que a situação não pode ficar. (Correio da manhã, agosto de 1968, por Cícero Sandroni)

O projeto de abertura da área da Praça São Judas Tadeu se deu, então, neste contexto de grandes renovações urbanas, no qual a praça estaria associada à estação e ao novo templo da Igreja São Judas Tadeu. Para abrir a praça, foi necessária a desapropriação e demolição de três casas do início do século, fato recebido com reticência pelos moradores que já haviam testemunhado a demolição de antigas casas para a construção do túnel.

A abertura da praça se deu entre o ano de 1968 (no qual foi aprovado o P.A. 8590 que apresenta o alinhamento executado na sua construção) e o ano de 1975 (quando a praça é reconhecida como logradouro público através do decreto 147, de 25 de setembro de 1975). Contudo, neste momento não se constrói uma praça com arborização, áreas de estar, e algo mais que se possa esperar de uma praça de bairro: a área recém-aberta passa a ser um estacionamento relacionado diretamente ao funcionamento da estação vizinha, e assim se manteve até o ano de 2004.

Durante as décadas de 70 e 80, com o crescente interesse da classe média em morar na área, o mercado imobiliário passa a atuar na demolição de antigos solares para a construção de edifícios multifamiliares de gabarito elevado- permitido pelas mudanças na legislação do bairro, modificando o perfil morfológico do bairro, assim como o perfil de seus moradores (Vianna, 1993; Neto, 2007;



Figura 8 · Viaduto e alça do Túnel Rebouças recém construído, 1971.

Fonte: José Araújo/Agência O Globo. (<https://vejario.abril.com.br/cidades/tunel-reboucas-completa-50-anos-em-2017/>)



Figura 9 · Viaduto e alça do Túnel Rebouças, 1975.

Fonte: <http://www.rioquepassou.com.br/2008/11/18/tunel-reboucas-a-serie-cap-iv/>



Figura 10 · Terminal Rodoviário, 1976.

Fonte: https://medium.com/@mineiro_/a-passage-aumentou-para-3-80-e-isso-%C3%A9-s%C3%B3-o-come%C3%A7o-29a8773f212c

Brito, 2012).

Foi ainda na década de 70 que foi construído pelo Prefeito Marcos Tamoyo, com o Decreto número 326, de 04/03/1976, o Terminal Rodoviário Urbano, que concentra cerca de 10 linhas circulares no sentido zona sul, centro e zona norte, na área livre pública (de responsabilidade do município) de aproximadamente 6.000m², por onde ainda passa o Rio Carioca à céu aberto, em frente à Ladeira do Ascurra (antes ocupada pelo Hotel Águas Férreas).

Desde a canalização do Rio Carioca no início do século, a influência dos processos biofísicos da paisagem no bairro do Cosme Velho e Laranjeiras é quase imperceptível, apesar terem sido os definidores das primeiras ocupações do vale. Contudo, tais processos se fazem presentes em momentos de chuvas intensas, nos quais a água desce nas encostas do vale como uma enxurrada, que muitas vezes são questões definidoras em decisões relativas às reformas no seu espaço urbano.

Nesta segunda metade do século XX, as maiores modificações no sistema de espaços livres são relativas à abertura dos túneis Rebouças e Santa Bárbara, que criam áreas livres a partir das demolições para construção dos viadutos e túneis. No bairro do Cosme Velho, também são abertas novas áreas livres de importância: a praça São Judas Tadeu, que aparece como uma possibilidade de complemento ao sistema de espaços livres do vale, trazendo um espaço de uso local para a vizinhança do Cosme Velho; e a área do Terminal Rodoviário, de propriedade do município, sob concessão para funcionar como terminal de linhas de ônibus municipais, que possui importante potencial como área livre no bairro, a ser explorado nas análises seguintes.

Transformações socioculturais

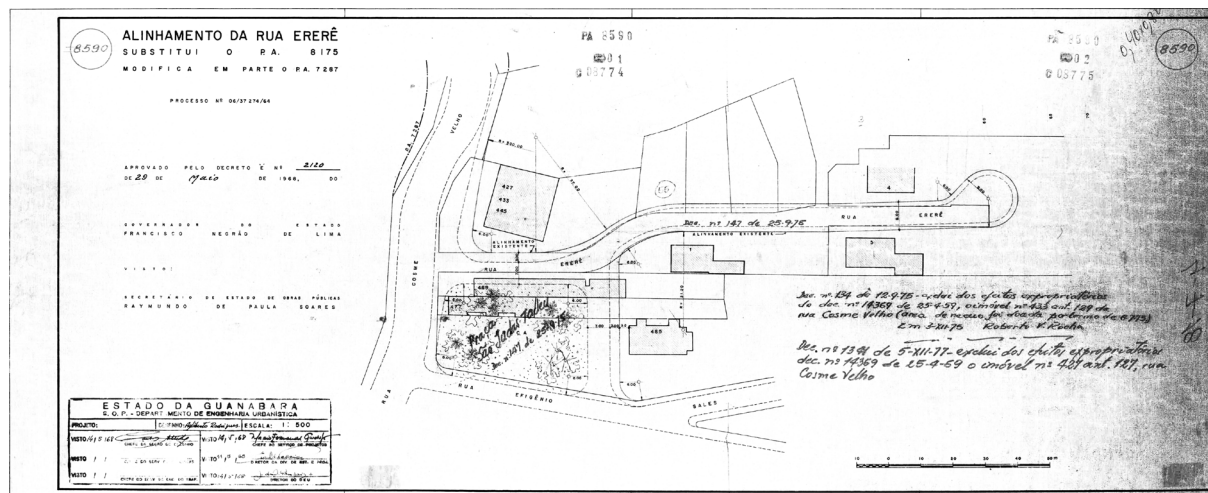
Tais mudanças nos sistemas biofísicos e urbanos que influenciam no bairro o afetaram de maneira significativa, causando modificações no perfil de seus moradores. As famílias tradicionais de classe alta que ocupavam suas chácaras e mansões se mudaram, fazendo com que algumas ficassem obsoletas, sem qualquer uso, ou com que assumissem usos institucionais ou corporativos. Com a mudança no perfil dos moradores, o abandono de alguns edifícios de valor para a história do bairro, e o tráfego constante e crescente de veículos advindo do Túnel Rebouças, que ajudou a comprometer o uso dos espaços livre públicos do bairro, a identidade e *senso de lugar* do mesmo ficaram abaladas. Coube aos moradores, então, organizarem-se através da Associação de Moradores e Amigos do Cosme Velho (AMA Cosme Velho) para elaborar, ao longo dos anos, seus posicionamentos e soluções que mantivessem a qualidade de vida local e evitassem o progressivo apagamento da memória do bairro. Sobre a importância das associações de moradores dos bairros do Cosme Velho e das Laranjeiras, Hélio Vianna escreve:

As lições de solidariedade entre pequenas associações de locais ricos e pobres, nestes bairros, e as iniciativas levadas a cabo pela preservação das casas casadas da rua Leita Leal, do Mercado São José, do casarão da professora Maria Helena Bezzi, na rua Ribeiro de Almeida, ou pela criação de uma futura praça no Cosme Velho, de áreas de proteção ambiental nas matas dos bairros e de gabaritos mais humanos nas ruas agora populosas, todas estas conquistas demonstram-nos, com viva emoção, que o

vale do Carioca é ainda hoje uma área singular, um recanto da Mata Atlântica onde qualquer um pode-se sentir gratificado por viver. (Vianna, 1993: 135)

Abertura da praça

Como já mencionado, os primeiros projetos para a praça aparecem no final dos anos 50, no P.A. 7287, de 1958, a partir da desapropriação dos lotes 427, 433, 445, 469, 477 e 485 da Rua Cosme Velho (Decreto 14369 de 25/04/1959), localizados entre as ruas Ibitara e Ererê, contemplando o desvio da Rua Ererê sobre os lotes 427, 443 e 445. Dez anos se passaram



Mapa 11 - P.A. 8590, de 1968, define o alinhamento da praça na maneira como foi construída, a partir da desapropriação e demolição das casas dos lotes 469, 477 e 485.

Fonte: <http://www2.rio.rj.gov.br/smu/acervoimagens/principal.asp>

até que o projeto P.A. 8590, de 1968, apresentasse o alinhamento existente hoje, na praça construída sobre os lotes 469, 477 e 485.

A data de abertura da praça não está bem definida nos documentos oficiais encontrados nesta pesquisa, e as publicações que mencionam datas se contradizem, uma vez que consideram o ano de aprovação do PA 8590- 1968, ou o ano em que a Praça São Judas Tadeu foi reconhecida como logradouro público, com o decreto 147, de 25 de setembro de 1975. Contudo, a precisão de tal data mostrou-se pouco importante ao longo desta pesquisa, já que a área relativa à praça passou a ser usada como um estacionamento até o ano de 2004, referido em alguns anúncios de jornal como “terminal do bondinho”. Neste ano foi elaborado junto aos moradores um projeto que retirava o estacionamento do local. Sobre a abertura da área e a construção da praça, Renato Celso Dantas Neto discorre:

Ainda em 1968 seria construída a Praça São Judas Tadeu, em área que originalmente era constituída por lotes residenciais particulares, em frente à Igreja de mesmo nome. Num bairro que outrora era tomado por mansões e seus espaçosos jardins, e que hoje se encontra adensada com muitos prédios de apartamentos, sem muitos espaços de convivência, um novo espaço público talvez representasse um descanso no ritmo desenfreado da cidade grande, um pouco de verde onde os moradores pudessem se distrair e conversar. No entanto, a Praça São Judas Tadeu, como se encontra atualmente, nada mais sendo que um estacionamento de apoio à estação de trem do Corcovado, um espaço confuso e sem atrativos, tantas vezes destacado nos jornais e revistas pelos transtornos que sua falta de organização causam aos que por ali transitam. (Neto, 2007: 166)⁴

4

É importante notar que o autor descreve a praça como estacionamento, embora o livro em que tal artigo

É interessante notar que, como comenta Renato Neto na transcrição acima, a praça do Cosme Velho surge como um potencial complemento no sistema de espaços livres públicos do Vale, trazendo uma opção de espaço livre público na escala da vizinhança do Cosme Velho, que muitas vezes se utiliza de outros espaços no sistema do Vale. Porém, o papel desta praça como lugar da vida coletiva do bairro, na verdade, apresenta diversos impeditivos práticos e de significados, que são elencados e elaborados mais adiante.

O bairro do Cosme Velho hoje

Localizado na Área de Planejamento 2 do município do Rio de Janeiro – RA IV Botafogo, Zona Sul do município, o bairro do Cosme Velho se localiza aos pés do Maciço da Tijuca, na parte alta do Vale do Carioca.

Como foi possível perceber a partir das transformações urbanas identificadas anteriormente, sua condição geográfica diz muito sobre sua estrutura urbana: uma via coletora (que segue o leito original do Rio Carioca) e vias locais perpendiculares, em sua grande maioria “sem saída”. Devido a tal morfologia de ocupação urbana em fundo de vale, os fluxos do sistema de espaços livres confluem para a via coletora- Rua Cosme Velho, que guia as dinâmicas internas do sistema ao conectá-las, atribuindo grande importância à mesma.

A Rua Cosme Velho caracteriza-se por ser o eixo estruturador da ocupação urbana do bairro: única via de acesso ao bairro, com intenso tráfego de veículos em mão-dupla, onde se localizam edifícios multifamiliares de gabarito elevado, e edifícios de uso misto, com comércios e serviços de bairro. Nesta via estão presentes diversas tipologias de edifícios provenientes das diferentes fases de ocupação do bairro, como chácaras e palacetes, chalés, sobrados, vilas, e torres residenciais, no caso do uso residencial; e edifícios de importância histórica que abrigam equipamentos educacionais, culturais e turísticos.

As vias locais, perpendiculares à Rua Cosme Velho e em sua grande maioria “sem-



foi publicado pela autora em 2007. O mapa foi elaborado em 2004, realizado na Área de Planejamento 2 da Região Administrativa IV Botafogo, Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Elaborado pela autora.



Mapa 13 · Mapa de gabaritos e estrutura viária do Cosme Velho.
Fonte: Elaborado pela autora.

- | | |
|-----------------|-------------------------|
| — via expressa | ■ 1 a 2 pavimentos |
| — via coletora | ■ 3 a 4 pavimentos |
| — via conectora | ■ 5 a 7 pavimentos |
| — via local | ■ acima de 7 pavimentos |



Mapa 14 · Sistema de Espaços Livres do bairro do Cosme Velho: ruas, praças, espaços livres ociosos, e matas do vale.
Fonte: Elaborado pela autora.

saída”, possuem calçamento em paralelepípedo, e vencem os aclives do vale com ocupações de edifícios residenciais de baixo gabarito e com residências unifamiliares, que estabelecem uma relação de proximidade com a mata do vale. Algumas destas vias (Ladeira do Ascurra, Ladeira dos Guararapes e Rua Prof. Mauriti Santos) fazem conexão com outros bairros através de íngremes ladeiras e muitas curvas, trazendo uma ambiência diferenciada, de um tempo mais lento, com estreita relação com a paisagem natural.

Sistema de espaços livres públicos do Cosme Velho

Como foi possível perceber através do histórico de transformações urbanas traçado neste capítulo, o Sistema de Espaços Livres Públicos do Cosme Velho, até o início do século XX, era caracterizado quase unicamente pela Rua Cosme Velho, na qual se faziam presentes na paisagem os jardins privados das chácaras e a exuberante mata do Vale. Hoje, este sistema apresenta maior complexidade, com ruas perpendiculares que vencem os aclives do Vale, e possuem ambiências diversas da rua principal, ao estarem mais próximas da mata. Desta maneira, uma das principais características do bairro é a presença desta mata na paisagem, com a qual os moradores estabelecem uma relação de proximidade, como descreve uma moradora do bairro: *“Se eu quiser, é só subir a Smith de Vasconcelos que estou no meio do mato, na natureza. Isso é muito bom”*. Tal fator é determinante no *‘senso de lugar’* do bairro.

Com relação à Rua Cosme Velho, as mudanças se deram principalmente na segunda metade do século XX, com a abertura do Túnel Rebouças e a construção de seus viadutos, com a abertura da área do Terminal Rodoviário, e com a abertura da Praça São Judas Tadeu. Estas modificações, contudo, não geraram um fortalecimento do *‘senso de lugar’* do bairro, e contribuíram na criação de dinâmicas urbanas muitas vezes conflituosas na relação entre interesses coletivos locais e interesses coletivos da cidade.

Como já mencionado anteriormente, a conexão com o Túnel Rebouças insere a Rua Cosme Velho no sistema de tráfego urbano da cidade, que se choca com suas dimensões espaciais e simbólicas de base histórica, e deixa o baixio do viaduto como um hiato no bairro. A abertura do Terminal Rodoviário leva ao bairro grande quantidade de linhas de ônibus, que superam a demanda do vale como um todo, e atribui à esta área, de dimensões relativamente grandes, um uso estritamente funcional que não contribui para o fortalecimento da vida pública na escala local. A abertura da Praça São Judas Tadeu, dentre as transformações já mencionadas, foi a que recebeu maior atenção na tentativa de construir função e significados para a comunidade local, principalmente com sua transformação em *‘praça de bairro’* em 2004. Contudo, seus papéis de articulador urbano e de lugar de práticas coletivas ainda pode ser incrementado.

A existência destes espaços livres públicos⁵ de largos e praças ao longo da Rua Cosme Velho, atribuem maior complexidade ao sistema de espaços livres do bairro: nódulos (praças e largos) e suas periferias, e as conexões físicas que existem entre eles, que permitem que se

⁵ Neste trabalho são considerados os espaços livres públicos de livre acesso, de apropriação e propriedade pública.



Figuras 11 e 12 · Largo do Boticário e canal do Rio Carioca.
Fonte: Fotos da autora



Figuras 13 e 14 · Terminal Rodoviário e canal do Rio Carioca.
Fonte: Fotos da autora



Figuras 15 e 16 · Largo Professo Silva Melo e baixio do viaduto do Túnel Rebouças.
Fonte: Fotos da autora

estabeleçam relações espaciais, funcionais e simbólicas. A via coletora é entendida como o elemento conector os diversos pontos de articulação do espaço urbano- no caso do Cosme Velho: a Praça São Judas Tadeu, o Terminal Rodoviário, o baixio do viaduto, a Praça Prof. Silva Melo e o Largo do Boticário.

A seguir, uma breve descrição destes espaços (com exceção à Praça São Judas Tadeu, que será abordada com maior profundidade no próximo item do capítulo):

Largo do Boticário:

No Largo do Boticário encontra-se hoje um dos poucos trechos do Rio Carioca à céu aberto, o que contribui ao ar bucólico do largo extremamente vegetado, e ao caráter de memória de "outros tempos" do bairro do Cosme Velho. Contribuem também as casas, construídas no século XIX, que sofreram reformas de estilo neocolonial no início do século XX, assumindo as características que tem hoje. Algumas casas do conjunto, hoje encontram-se bastante deterioradas devido à falta de investimento dos proprietários na sua manutenção, problema perceptível em diversos edifícios históricos de uso residencial, como o Solar dos Abacaxis (antiga residência da poetisa Ana Amélia e do goleiro e historiador Marcos Carneiro de Mendonça) e a antiga residência de Beatriz Veiga, localizada na esquina da Rua Smith de Vasconcelos.

Recentemente, um morador do Largo do Boticário abriu um centro cultural em uma sala de sua casa que dá acesso ao beco, chamado "Espaço Botica". Promovendo aulas e pequenos concertos no espaço, além de rodas de samba e apresentações de música e arte no largo. O Espaço Botica começa um trabalho de resignificação deste espaço que é monumento histórico do bairro, e promove a discussão sobre os cuidados dos moradores e frequentadores com o mesmo. Outro uso cultural e de lazer se dá na residência conhecida como "casa amarela", que promove festas nos fundos do terreno, em meio à mata.

Terminal Rodoviário do Cosme Velho:

Área livre de cerca de seis mil metros quadrados, atualmente é ocupada pelo Terminal Rodoviário do Cosme Velho, onde cerca de dez linhas de ônibus fazem ponto final durante o dia. Desde o início do século XX, junto ao Largo do Boticário é uma das poucas áreas onde o Rio Carioca se encontra à céu aberto, porém canalizado por muros de concreto. Entende-se aqui, que embora o uso atual deste espaço livre possuía importante função para a população local e da cidade, ele poderia ainda contribuir no fortalecimento da vida pública do bairro, articulando de melhor forma as dinâmicas turísticas de acesso ao Corcovado e um potencial circuito histórico-cultural do bairro.

Praça Prof. Silva Melo e Baixio do Viaduto:

A Praça Prof. Silva Melo, localizada à frente do Solar dos Abacaxis, e o baixio do viaduto conformam hoje uma área onde a memória do bairro dá sinais de degradação. O casarão, hoje em péssimo estado de conservação, mas que é utilizado como espaço para festas, já foi residência de importante família de intelectuais do bairro. A praça, criada a partir das demolições para passagem do Túnel Rebouças e criação da alça de acesso, apresenta

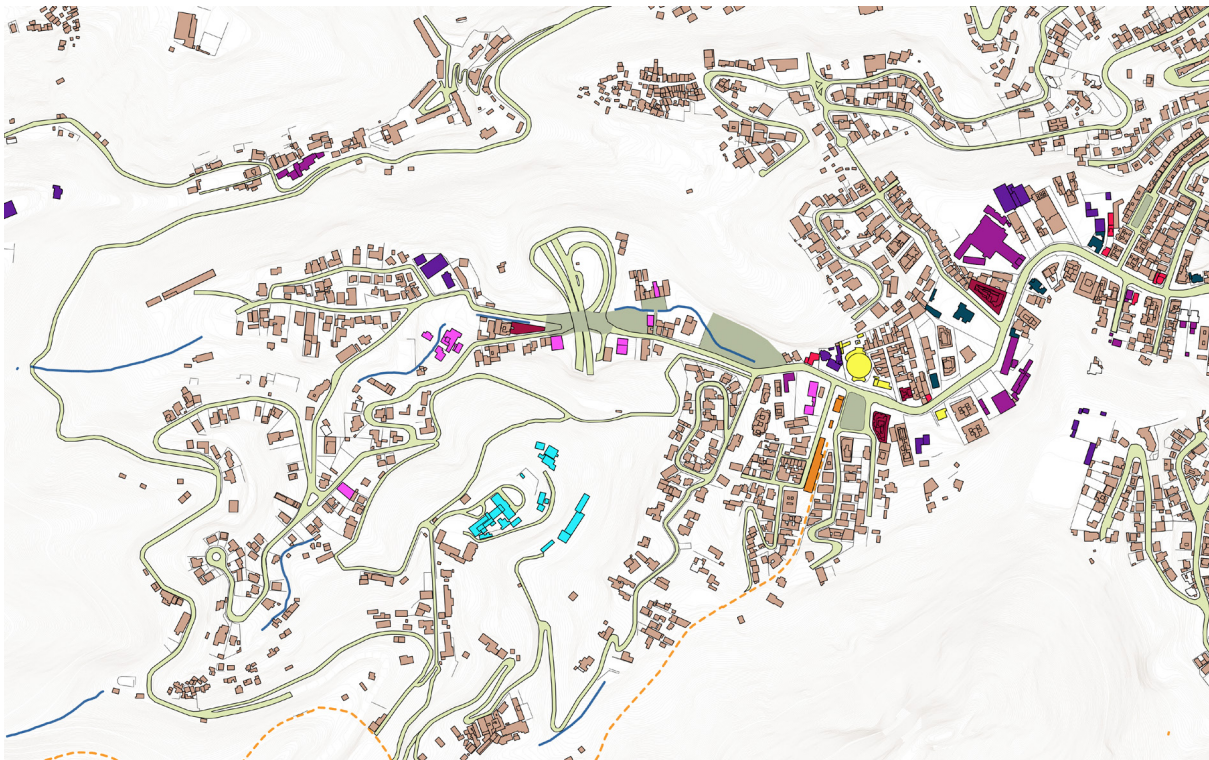
dificuldades em ser utilizada como espaço de praça por estar isolada entre vias de trânsito de alta intensidade e muros.

O baixio do viaduto, adjacente à área do Solar e da praça descritos, configura-se hoje como espaço de tráfego de veículos, onde algumas linhas de ônibus circulares fazem ponto final, e onde guias turísticos provenientes das comunidades do entorno oferecem serviços. Aponta-se aqui o potencial articulador desta área do bairro- que desde antes da construção do túnel, era o local onde o Bonde das Águas Férreas fazia a volta, com acessos para as partes mais altas do vale, onde estão localizadas as favelas do Guararapes, Cerro-Corá e Vila Peixoto.

Usos do solo

O bairro é de uso majoritariamente residencial, setorizado em grande parte por uma ZR1 (zona residencial), onde atividades comerciais não são permitidas. A ZR1 do Cosme Velho começa a partir da Rua Smith de Vasconcelos, e se estende até o final do bairro, na Rua Almirante Alexandrino. Contudo, este trecho apresenta diversos edifícios de interesse histórico-cultural, e alguns deles abrigam centros culturais, centros de eventos e até museus. Existem também alguns restaurantes nesta área, apesar da legislação impeditiva.

No trecho que abrange desde o bairro das Laranjeiras até a Praça São Judas Tadeu, há pouca atividade comercial, com somente alguns pontos de comércio de bairro. Grande número de edifícios multifamiliares com térreo inativo, algumas casas históricas de centro de terreno com uso institucional ou coletivo, e poucas casas históricas que ainda funcionam como residência unifamiliar. Neste trecho localizam-se as escolas Sion e Colégio São Vicente de Paulo- que são responsáveis por grande parte do movimento de pedestres, além da Igreja de São Judas



Mapa 15 · Mapa de usos do solo, bairro do Cosme Velho.
Fonte: Elaborado pela autora

Tadeu,	■ Educacional	■ Hospitalar	■ Comercial
	■ Institucional	■ Cultural	■ Misto
	■ Religioso	■ Residencial	■ Empresarial

Praça São Judas Tadeu e da Estação de Trem do Corcovado. O movimento de pedestres é moderado, se limitando em grande parte às dinâmicas das escolas e da Estação de Trem do Corcovado.

O trecho que abrange desde a Praça São Judas Tadeu até a altura do Solar dos Abacaxis, não apresenta atividade comercial e com isso possui movimento de pedestres bastante reduzido. Apresenta grande número de casas históricas hoje preservados pela APAC do Cosme Velho, onde funcionam diversos programas institucionais e algumas residências unifamiliares (Largo do Boticário, Solar dos Abacaxis, Casa Austregésilo de Athayde, Museu Internacional de Arte Naif, etc). Devido aos edifícios históricos, a via apresenta uma configuração reduzida, com calçadas muito estreitas, o que dificulta o trajeto de pedestres.

O trecho alto do bairro, que se inicia no baixio do viaduto e se estende pelos aclives do vale até a Rua Almirante Alexandrino, caracteriza-se pelo uso estritamente residencial. Trecho onde se localizam as favelas do bairro, na região do Silvestre, e onde trechos dos rios da Bacia Hidrográfica do Carioca emergem na superfície urbana.

Problemas e potencialidades

Esta etapa de reconhecimento do bairro, compreendendo os processos de transformação urbana e sociocultural que sofreu, nos permite apontar problemas e potencialidades percebidos no bairro atualmente, elencados em quatro temas principais que se sobrepõem sobre o espaço urbano em questão: trânsito e mobilidade, integração social e cultural, memória e patrimônio, e turismo.

Trânsito e mobilidade: A potencialidade de conexão do bairro com a cidade através da alça de conexão com o Túnel Rebouças, traz inegáveis benefícios relativos à facilidade de acesso ao bairro. Contudo, a atual configuração espacial da Rua Cosme Velho devido ao intenso fluxo de veículos proveniente desta conexão, apresenta riscos para pedestres e ciclistas, além de prejudicar o desenvolvimento de usos e apropriações no espaço público da rua. Entende-se aqui, que o potencial gerado por esta conexão não deveria se sobrepor à importância da mobilidade na escala local, o que exige a apresentação de alternativas.

Memória e patrimônio: O bairro possui características histórico-culturais hoje apagadas ou pouco aproveitadas, como os casarões históricos que ainda existem no bairro porque são protegidos pelo patrimônio. Porém alguns deles se encontram degradados e não conseguem ser vendidos devido à legislação restritiva quanto a usos. Esses casarões compõem a memória urbana do bairro, e suas degradações contribuem para a desarticulação de sua identidade. Outro elemento ligado à memória do bairro e da cidade é o Rio Carioca, que hoje encontra-se canalizado e encanado, desaparecendo na superfície da cidade. Tal problema com relação ao enfraquecimento de sua identidade histórica, seja pela dificuldade de preservação dos casarões históricos ou pela degradação do Rio Carioca, apresenta também o potencial destes elementos como pontos de atividades culturais, relacionadas à memória do lugar e seu valor histórico.

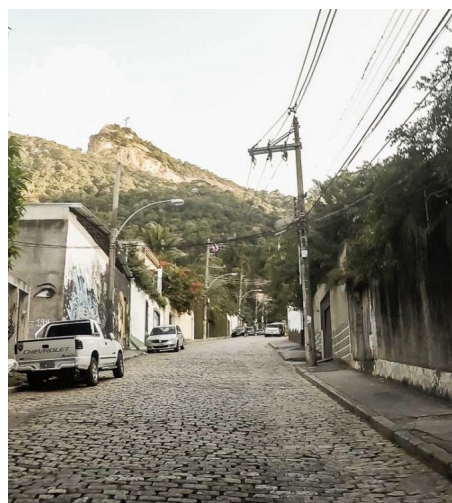
Turismo: No bairro se localiza o acesso ao ponto turístico mais importante da cidade do



Figuras 17 e 18 - Colégio São Vicente de Paulo e Estação de Trem do Corcovado.
Fonte: Fotos da autora.



Figuras 19 e 20 - Casa onde funcionou o Museu de Arte Naif e Solar dos Abacaxis.
Fonte: Fotos da autora.



Figuras 21 e 22 - Viaduto do Túnel Rebouças e Ladeira dos Guararapes.
Fonte: Fotos da autora.

Rio de Janeiro: o Corcovado. O acesso à Estação de Trem do Corcovado por milhares de turistas por dia (cerca de 300 pessoas por hora) gera hoje conflitos entre interesses de moradores e turísticos. O uso da Praça São Judas Tadeu é o principal dos conflitos, uma vez que a praça é majoritariamente usada por turistas, e não existem espaços passíveis de apropriação por parte dos moradores. Contudo, a presença deste importante ponto turístico que atrai grande quantidade de pessoas para o bairro, pode ser entendido como potencial na construção de um projeto de valorização do valor histórico-cultural deste bairro, que tem potencial de integrar e articular seus valores locais aos valores turísticos da cidade.

Integração social e cultural: A presença de diversas áreas de interesse histórico-cultural no bairro é um potencial deste lugar, repleto de elementos de significado para a história urbana do bairro e da cidade. Contudo, atualmente estes elementos e áreas de interesse estão desarticuladas, seja pela dificuldade de conexão espacial entre eles, seja pelo uso ainda ocioso destas áreas. Entende-se aqui, que a presença de espaços livres ociosos no Sistema de Espaços Livres do bairro, é um problema que pode ser entendido como potencial, uma vez que estes espaços podem assumir papel articulador de um circuito histórico-cultural de interesse local e turístico, contribuindo para a integração social e cultural do bairro como um todo.

A Praça do Cosme Velho

Transformada em praça pública em 2004 a partir da mobilização dos moradores do bairro, a praça São Judas Tadeu é a única do Cosme Velho. Ela pode ser entendida como um ponto estratégico de intervenção urbana no bairro, uma vez que reúne equipamentos turísticos, históricos e religiosos de grande importância para a cidade do Rio de Janeiro, que demandam os interesses coletivos da cidade, assim como possui papel representativo nos interesses dos moradores sobre o bairro.

Cercada por ruas com baixo fluxo de carros, que acabam por se transformar em estacionamento de veículos, a praça possui um desnível de 5 metros entre a rua homônima e a Rua das Laranjeiras. O entorno da praça é caracterizado por edificações históricas, as quais abrigam programas institucionais e residências, e diversas casas unifamiliares, além da significativa presença da Igreja de São Judas Tadeu. Alguns edifícios multifamiliares se localizam no entorno da praça e na Rua Cosme Velho, configurando os poucos espaços de comércio do bairro. Alguns edifícios históricos que abrigam instituições são: Museu Internacional de Arte Naïf, Consulado da Romênia, Casa Austregésilo de Athaide, Colégio Sion, Museu da Associação Brasileira de Pediatria e, talvez, o mais significativo deles para a atratividade da região, a Estação de Trem do Corcovado.

A Estação de Trem do Corcovado se localiza ao lado da praça, mas se abre somente para a Rua das Laranjeiras, deixando para a praça um extenso muro. Contudo, a presença da estação é a grande responsável pelo constante movimento de pessoas na região, uma vez que é o principal acesso ao mais importante ponto turístico do país: o Cristo Redentor no pico do Corcovado, inserindo o bairro do Cosme Velho no circuito de interesses turísticos da cidade do Rio de Janeiro.



Figuras 23 e 24 - Frente da Estação de Trem do Cosme Velho com intenso movimento de turistas e seu muro lateral .
Fonte: Fotos da autora.



Figuras 25 e 26 - Usos da praça em um dia ensolarado de alta temporada.
Fonte: Fotos da autora.



Figuras 27 e 28 - Entrada para a Horta Comunitária do Cosme Velho e térreo comercial do entorno.
Fonte: Fotos da autora.



Figuras 29 e 30 - Ponto de ônibus e frente da praça, na Rua das Laranjeiras.
Fonte: Fotos da autora.

A grande presença de turistas e suas demandas, como estacionamento de veículos particulares, locais de espera dos ônibus de turismo, além de locais de descanso e espera, que sofrem pela falta de organização dos poderes responsáveis por tais questões, faz com que a praça seja um espaço de disputa representativo entre os moradores- representados por organizações de moradores- e os órgãos responsáveis pela gestão do ponto turístico, reduzindo o uso do espaço pelos moradores de maneira significativa.

Usos e apropriações

O uso da praça no dia a dia, atualmente, está inteiramente ligado aos processos turísticos de acesso ao Pico do Corcovado, fato percebido por observação em visitas a campo e entrevistas com moradores e trabalhadores locais, nas quais não foram percebidos ou comentados qualquer uso da praça pelos moradores. Percebe-se que a praça funciona como um local de espera para os turistas, e algumas atividades comerciais se estabelecem neste período de espera.

Os frequentadores da praça são: os turistas, que esperam o horário do seu trem para subir, ou a chegada do seu ônibus turístico que faz uma rápida parada na parte da frente da praça; os camelôs, que vendem comidas, doces, camisetas, bonés e bibelôs com o tema da cidade do Rio de Janeiro; os taxistas, que param seus táxis em fila dupla à espera de passageiros; e os guias turísticos que abordam turistas oferecendo seus serviços, ou esperam os seus clientes descerem do passeio ao pico, que dura aproximadamente duas horas.

É perceptível o domínio do espaço da praça pelos agentes turísticos, que abordam passantes e usuários oferecendo serviços de guia e de transporte, e ditam o ritmo de ocupação do entorno da estação. Alguns entrevistados citaram o incômodo em usar a praça devido a esse domínio, no qual o assédio aos usuários é constante e bastante intimidador.

Como o uso da praça está associado ao acesso ao Pico do Corcovado, a condição climática é importante influenciadora das dinâmicas de uso e apropriação da mesma, uma vez que, quando o tempo está nublado, o interesse em subir ao pico é menos intenso do que em um dia ensolarado, assim como há um aumento do número de visitantes durante os finais de semana e feriados (diferença menos perceptível durante a alta temporada de verão).

Processo de criação e intenções de transformação da praça

Em 24/07/2002, quando o espaço da atual praça ainda era utilizado como estacionamento, foi divulgado pelo jornal “O Dia”, um projeto da ESFECO que propunha a construção de uma praça suspensa, conectada à estação de trem do Corcovado, onde funcionaria um estacionamento no nível térreo, visível na foto da maquete que apresenta o projeto, ao lado. Seguida a divulgação do projeto, os moradores logo se organizaram com críticas à proposta de uma praça suspensa, que segundo os mesmos, seria motivo de redução do valor das propriedades no entorno da praça pela baixa qualidade espacial que se criaria. Outras críticas caem sobre a proposta de fechar a parte inicial da Rua Efigênio Sales, conectando a área da praça à estação.

Vamos lembrar. A Praça SJT, como a conhecemos, existe há apenas 8 anos. Antes disso, havia ali, além do monumento à sua entrada, um espaço cortado por 4 baias para



Mapa 16 · Mapa de usos da praça em um dia de semana.
Fonte: Elaborado pela autora.



Mapa 17 · Mapa de usos da praça em um final de semana/feriado.
Fonte: Elaborado pela autora.

estacionamento, que, durante o dia, eram ocupadas pelos grandes ônibus de turismo, os quais, além de esperarem com motores ligados, invariavelmente danificavam os meio-fios e afundavam o piso de lajotas, onde a água da chuva empoçava, virava lama e depois poeira.

Tal situação fez nascer e fermentar, entre os moradores, o desejo de dar um fim a este caos.

No entanto, antecipando-se a qualquer iniciativa popular, a Esfeco (empresa que administra o trem do Corcovado) elaborou um projeto, que ela própria se dispunha a financiar e que consistia, nada mais nada menos, em um estacionamento situado em baixo da praça, a qual seria suspensa por meio de uma enorme estrutura de concreto que se estenderia até o muro da empresa, acabando com o trecho da Rua Efigênio Sales que ladeia o logradouro. (Vizinhos da Praça, publicado em 18 de agosto de 2012)⁶

O engajamento dos moradores na luta pela transformação do estacionamento em uma praça de bairro, desde a década anterior, foi reforçado com a divulgação do projeto de praça suspensa divulgado em 2002. Inicia-se, então, o movimento dos “Amigos da Praça”, que passaria a cobrar o redesenho e reforma do lugar de modo a impedir o acesso dos ônibus de turismo, que passariam a dividir o Terminal Rodoviário com os ônibus circulares. Tal engajamento dos moradores se materializa com o projeto elaborado para a praça, com consulta aos moradores do bairro, pela Diretoria de Projetos Especiais do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, cujo coordenador foi o arquiteto Sérgio Bello.

O projeto inicialmente executado teve de ser complementado com platôs de concreto que contivessem a água que desce como uma enxurrada nos terrenos em declive. Assim, a praça assumiu a conformação que tem hoje, com acessibilidade reduzida devido aos platôs em diferentes níveis e cintas de concreto que criam obstáculos nos trajetos. Contudo, a manifestação de alguns moradores que participaram das consultas pela equipe do IPP na formulação do projeto, indica que o problema das enxurradas foi resolvido, e que os outros problemas que restam são de importância secundária:

O projeto não foi realizado na íntegra, tendo sido deixado de lado o terreno dos fundos. Não há dúvida de que o paisagismo carece de melhorias para que seja bem utilizado pelas crianças e idosos, o que pode ser perfeitamente resolvido com uma revisão e complementação do projeto, onde o mais difícil – a adequação das ruas e do próprio espaço da praça às enxurradas – foi resolvido. (Vizinhos da Praça, publicado em 18 de agosto de 2012)⁷

A praça foi inaugurada no dia 5 de dezembro de 2004, e o fato foi comemorado pelos moradores do entorno que deixariam de conviver com o barulho e fumaça dos motores dos ônibus de turismo. No sítio do Amigos da Praça, é valorizado o movimento dos moradores: “(...) a inauguração é um fato auspicioso, pois afasta os ônibus de turismo e coroa, com final feliz, uma das mais bem-sucedidas demonstrações de cidadania urbana que já ocorreram e

6

www.vizinhosdapraca.wordpress.com, visitado em 22/04/18.

7

www.vizinhosdapraca.wordpress.com, visitado em 22/04/18.



Figura 31 · Projeto de reforma proposto pela ESFECO em 2002. Fonte: Jornal "O Dia".

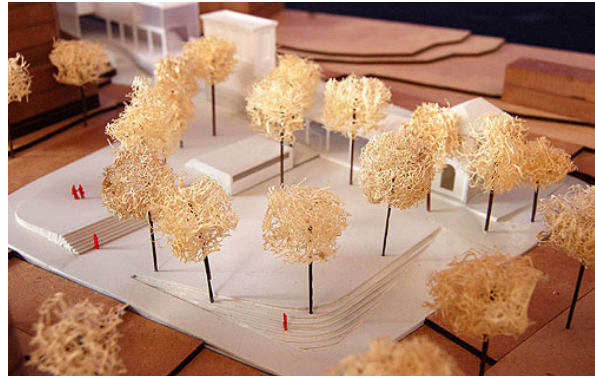


Figura 32 · Projeto de reforma proposto em 2012. Fonte: <https://vizinhosdapraça.wordpress.com/>



Figura 33 · Estacionamento na praça antes de 2004. Fonte: <https://vizinhosdapraça.wordpress.com/>



Figura 34 · Praça como área de estar a partir de 2004. Fonte: <https://vizinhosdapraça.wordpress.com/>

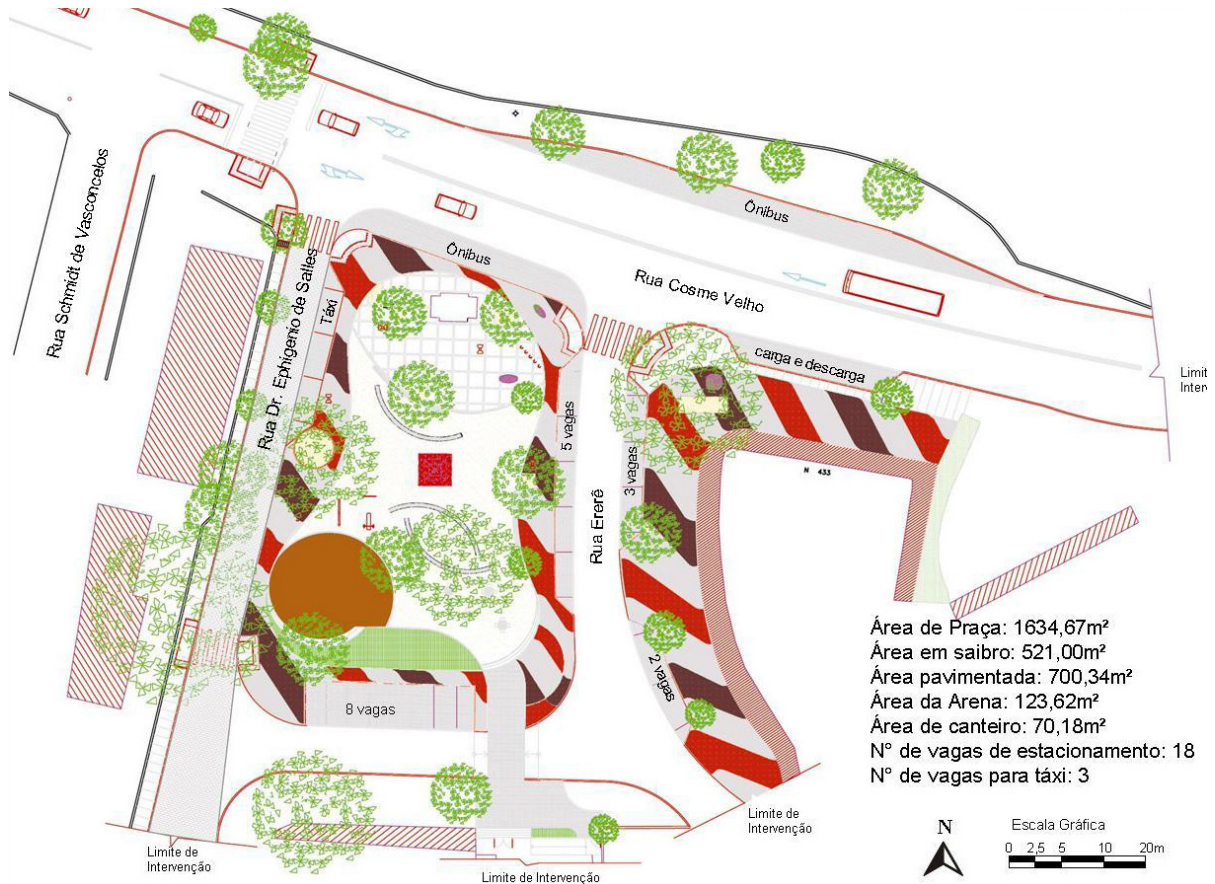


Figura 35 · Projeto para a praça desenvolvido pela equipe de Projetos Especiais do IPP. Fonte: <https://vizinhosdapraça.wordpress.com/>

nossos bairros: o movimento espontâneo e voluntários dos vizinhos da praça”⁸

As formas de apropriação da praça recém construída passaram a se dar pelos turistas que acessavam a estação de ferro do Corcovado, pelos camelôs que procuravam se aproveitar do grande movimento de pessoas na área, e por moradores que faziam aulas de capoeira na praça (fato comentado por diversos moradores entrevistados). Este uso da praça pelos moradores, segundo relatos dos entrevistados, cessou em 2011, quando a ESFECO (concessionária da Estrada de Ferro do Corcovado) instalou um vagão de trem histórico, em plena madrugada, exatamente na área da praça que era utilizada pelos moradores. Tal fato não pode ser menorizado neste estudo sobre a praça, uma vez que representa, a partir de uma intervenção material, a disputa entre os interesses da concessionária e os interesses dos moradores sobre o espaço da praça.

Tal disputa espacial sobre a praça pode ser considerada o mais delicado fator de um projeto a ser desenvolvido para a mesma, uma vez que, caso não permita a participação e o reconhecimento dos moradores no processo de elaboração do projeto e no próprio espaço físico da praça, corre o risco de ser sumariamente vetado por parte de seus moradores.

Tal fato ocorreu com o Masterplan desenvolvido para o bairro, que contemplava uma proposta para a praça, com a abertura do muro lateral da estação e organização do acesso desde a praça, ao invés da limitada calçada em frente à estação na Rua Cosme Velho. O projeto foi elaborado pelo arquiteto Rodrigo Azevedo, que à época era morador do Cosme Velho, e levou a proposta à AMA Cosme Velho para que pudesse ser debatido. Contudo, o projeto foi prematuramente divulgado no Jornal o Globo, e parte dos moradores se sentiram prejudicados com a notícia, que divulgava uma mudança no espaço pelo qual eles se mobilizaram para produzir, supostamente sem consulta prévia aos interessados.

É possível acompanhar parte das discussões e os argumentos pró e contra esta proposta para a Praça São Judas Tadeu através dos sítios web do Amigos da Praça e da VIVA Cosme Velho, nos quais fica perceptível o tom bastante reativo e defensivo da manutenção da praça como está atualmente. As postagens demonstram o incômodo com uma proposta elaborada sem consulta prévia a todos os moradores, que modifica a maneira como a praça se integra com a estação, e com isso modifica o atual domínio sócio espacial sobre a praça, fruto do embate entre a concessionária da estação e moradores.

Alguns moradores, contudo, elaboram considerações e críticas ao projeto apresentado, mas que acreditam que uma reestruturação da praça é necessária. Tais discussões através de postagens dos sites, nos permite apontar os diferentes interesses dos agentes locais e globais sobre a praça, que apontam em direções opostas: o interesse turístico, que procura aumentar o fluxo de pessoas no acesso ao Pico do Corcovado, e o interesse dos moradores, que procuram reduzir a concentração de pessoas no bairro sob o argumento de que ‘o bairro não comporta’. Contudo, não existe um consenso dos moradores do bairro quanto a projetos de uso para a praça.

⁸

www.vizinhosdapraça.wordpress.com/2012/08/20/inaugurada-a-nossa-praca/, visitado em 22/04/18.

Parte dos confrontos e discussões gerados entre moradores de diferentes opiniões relativas à aceitação do projeto divulgado, se dá pela inexistência de um órgão único de representação dos moradores que promova um debate democrático de propostas para o bairro. Ao tempo da divulgação deste projeto, dois grupos estavam ativos: a AMA Cosme Velho, e a VIVA Cosme Velho, que defendiam posições distintas quanto a sua aceitação. A inexistência de uma negociação que levasse a conclusões propositivas quanto ao Masterplan e a proposta para a praça apresentados, segundo o arquiteto, fez com que a verba que existia para investir em reformas urbanas no bairro, fosse realocada para outras áreas da cidade pelo então prefeito Eduardo Paes.

Tal dificuldade de articulação entre os diferentes interesses sobre o lugar, nos permite frisar a necessidade da existência de um poder público que promova as linhas guias para uma discussão democrática, que leve à formulação de soluções que reúnam os interesses dos diversos agentes. Aqui, pode-se, então, apontar a importância do papel do arquiteto urbanista alinhado ao poder público que, com uma abordagem sistêmica sobre o lugar, pode ajudar a traçar as linhas guias das discussões com os agentes interessados.

A partir destas discussões nos sítios web, entrevistas com moradores, e análise de um formulário⁹ elaborado e distribuído pela VIVA Cosme Velho sobre a Praça São Judas Tadeu, respondido por cerca de oitenta moradores do entorno da praça, é possível perceber alguns motivos que causaram a recusa do projeto em questão: 1) a atual utilização da praça como rotatória, que seria impossibilitada caso a praça fosse prolongada até a estação; 2) ausência de áreas passíveis de apropriação pelos moradores no espaço da praça, o que criou a sensação de que a praça serviria somente aos interesses turísticos; 3) o valor da praça como símbolo de mobilização comunitária local, principalmente na disputa de interesses sobre o bairro e a praça com os órgãos turísticos; 4) preocupação com vagas para estacionar o carro na rua.

Acredita-se na importância de absorver os erros e acertos das experiências anteriores com relação ao lugar, e por tal motivo se faz este pequeno histórico de projetos para a praça, uma vez que ele pode nos apontar novos caminhos e posturas que se tornem mais bem-sucedidos no lugar, superando obstáculos encontrados anteriormente.

Problemas e potencialidades

A compreensão do contexto urbano e sociocultural da praça nos permite reconhecer seus problemas e potencialidades, iniciando o processo de identificação das questões espaciais, de significados e de práticas que influenciam no lugar.

-Problemas: conflitos de interesses e inadequação espacial

Os conflitos de interesses referentes ao espaço da praça em si, tem relação com a organização das dinâmicas turísticas da Estação de Trem do Corcovado. Por ser o principal ponto de acesso ao pico do Corcovado, a demanda turística é grande e durante muitos anos foi bastante desorganizada, gerando certo impacto no entorno da estação, que era muito sentido pelos moradores do bairro.

⁹ Anexo 3.

Nas últimas décadas, os moradores passaram a se mobilizar para exigir que sejam cumpridas regras na concessão da estação, de forma que os processos turísticos não impactassem o dia-a-dia do bairro de maneira tão negativa. Está incluída nesta mobilização a construção da praça como local de estar, em 2004 (que antes funcionava como um estacionamento de ônibus de turismo), e a venda de bilhetes para o bondinho somente pela internet, o que diminuiu consideravelmente a quantidade de turistas no bairro.

Devido a tal histórico de desordem e a grande tendência dos agentes turísticos em ocupar e dominar o entorno da estação, os moradores procuram soluções que reduzam tais impactos, e negam a possibilidade de idealizar uma praça que atenda tanto aos moradores, quanto aos turistas. De maneira quase oposta, a concessionária da estação de trem e o órgão responsável pela licitação- o ICMBio, buscam intensificar a possibilidade de acesso ao pico do Corcovado e à Floresta da Tijuca através da estação, e tem como interesse incluir o espaço da praça como receptáculo deste trajeto.

-Potencialidades: praça como espaço articulador e como *lugar*

A praça é utilizada como rotatória pelos moradores, assim como área de estacionamento e espera (guias turísticos que esperam turistas descerem na estação, turistas que esperam seu horário do trem, etc.), o que aponta para seu papel como articulador urbano do entorno imediato e do bairro.

Nota-se também, que a praça é articuladora das dinâmicas urbanas e sociais associadas à estação do bondinho: transporte alternativo (vans) de turistas para subir e descer do Cristo, ônibus turísticos buscam seus passageiros em ponto na praça, o movimento de turistas e os camelôs que se aproveitam de tal movimento são o principal tipo de ocupação observado na praça, junto aos guias turísticos que esperam por volta de 2h seus clientes descerem do passeio. Observa-se, então, que a praça está integrada às dinâmicas turísticas do Corcovado e do Parque da Tijuca (Paineiras), fator que pode ser explorado.

O potencial desta praça como *lugar* está no significado que ela assume enquanto símbolo de luta dos moradores em defesa dos seus interesses, uma vez que ela é o resultado material da sua mobilização frente à concessionária da Estação de Trem do Corcovado e à Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. O espaço que antes era destinado a um estacionamento de ônibus de turismo, o que causava certa desordem e grande incômodo com o barulho e a sujeira dos ônibus, foi idealizado e reformado como um espaço de encontros sociais, que finalmente funcionaria como uma “praça de bairro”.

		problemas	potencialidades
bairro	trânsito e mobilidade	O trânsito intenso da Rua Cosme Velho é prioridade sobre a mobilidade peatonal e ciclista local	A ligação com o Túnel Rebouças traz facilidade de acesso ao bairro na escala da cidade
	memória e patrimônio	Características histórico-culturais apagadas, como casarões históricos ociosos e Rio Carioca poluído	Potencial de resgate da memória do bairro a partir da reestruturação e ativação destes elementos de importância histórica e identitária
	turismo	Desorganização das dinâmicas turísticas e falta de integração entre estação e praça	Potencial de articulação dos valores histórico-culturais locais com demanda turística
	integração social e cultural	Áreas de interesse histórico-cultural e espaços livres ociosos ou desarticulados	Potencial dos espaços livres públicos como articuladores de um circuito de interesse histórico-cultural local, contribuindo para a integração social e cultural do bairro
praça	<ul style="list-style-type: none"> -Conflitos de interesses entre as dinâmicas turísticas da Estação de Ferro do Corcovado e o dia-a-dia dos moradores do bairro -Inadequação espacial da praça para usos e apropriações por moradores e turistas 	<ul style="list-style-type: none"> -Praça como espaço articulador do seu entorno imediato, do bairro e das dinâmicas turísticas -Praça possui significado de mobilização para moradores em defesa de seus interesses 	

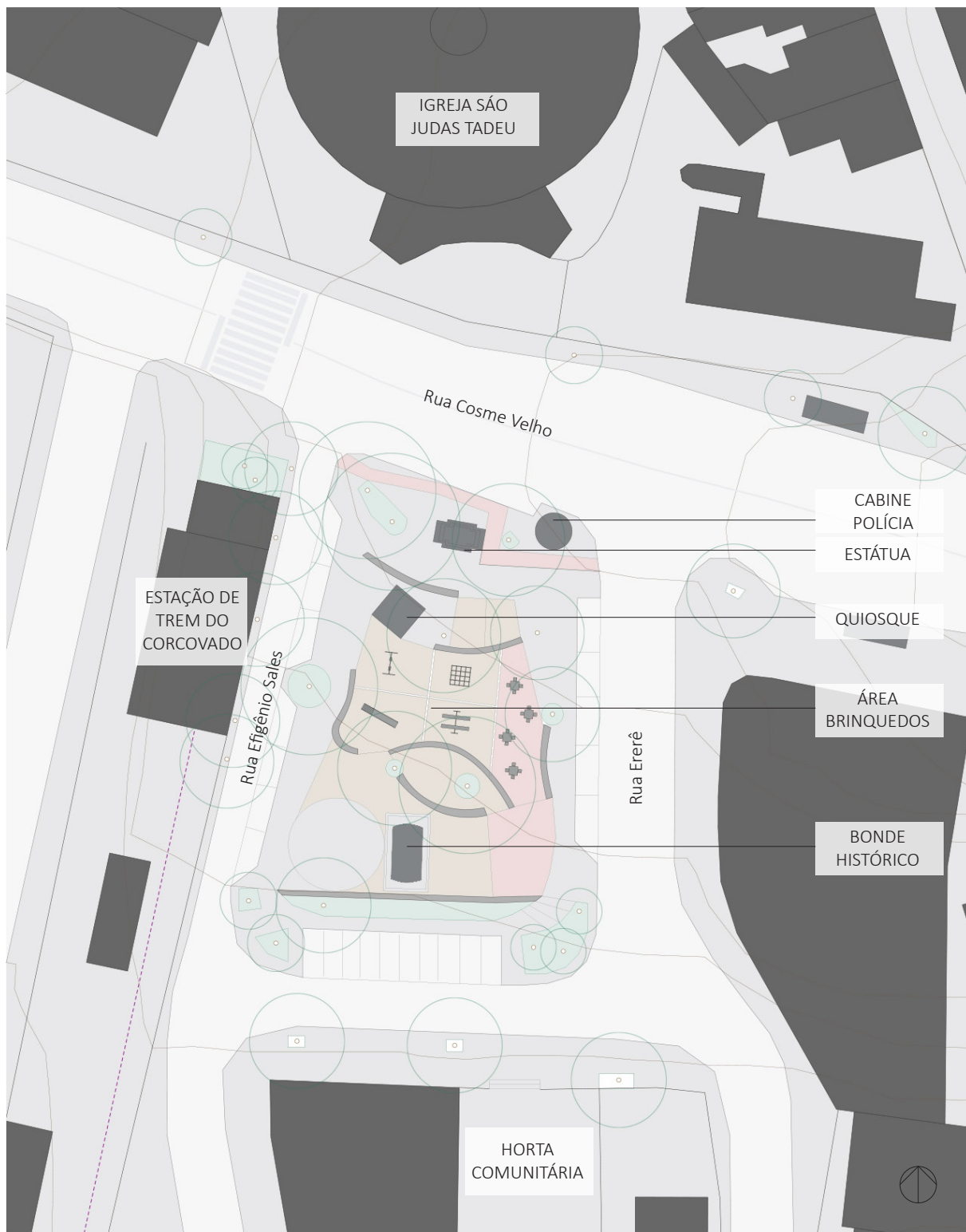
4 · ANÁLISE E DIRETRIZES

Traçando diretrizes conceituais
para o projeto integrado

Análise e diretrizes da Praça São Judas Tadeu como Lugar

A partir da descrição da praça e seu contexto urbano e social no capítulo anterior, são apresentadas análises de caráter qualitativo das informações recolhidas em campo, buscando entender as dinâmicas sócio espaciais e urbanas da praça e seu entorno a partir da tríade: espacialidade + significados + práticas. O objetivo é compreender os processos de enraizamento de seus frequentadores ao lugar (eixo vertical), os processos de conexão da praça com outros lugares e as relações que se estabelecem entre eles (eixo horizontal), e a inserção do lugar em processos que ultrapassam a escala local, e o afetam ou são afetados por ele de alguma forma (eixo transversal), para então traçar diretrizes conceituais para uma intervenção urbana integrada.

A análise aqui proposta tem como característica uma abordagem propositiva, que segue princípios que orientam as diretrizes elaboradas, de forma que os resultados obtidos estejam de acordo com os objetivos propostos no escopo do trabalho. Os princípios são de entendimento do espaço urbano como ‘espaço vivido’, contemplando o reconhecimento dos espaços livres públicos como lugares da vida social coletiva; a atenção aos significados do lugar, sua paisagem urbana e sua memória; o reconhecimento dos espaços livres públicos como espaços de articulação dos processos socioculturais e urbanos; e o respeito à escala do corpo humano no espaço urbano.



MAPA 18 - Planta Baixa Praça São Judas Tadeu.
Fonte: Elaborado pela autora.

Enraizamento – eixo vertical

Uma análise relativa ao eixo vertical- sentido de enraizamento das pessoas ao lugar, ou seja, relativo ao sentimento de identificação e pertencimento das pessoas ao bairro e à praça São Judas Tadeu, nos permite identificar os elementos espaciais, as práticas e seus significados que fortalecem (ou tem o potencial de fortalecer) seu ‘senso de lugar’. A partir da identificação destes elementos, procura-se traçar diretrizes de projeto que contribuam na redução de conflitos locais, possibilitem maior conforto na vivência deste espaço e, então, fomentem o sentimento de identificação e pertencimento das pessoas ao lugar.

Espacialidade

A praça São Judas Tadeu apresenta uma configuração bastante comum na cidade: da praça cercada por ruas, que dão acesso aos edifícios do entorno. Contudo, percebe-se que tal organização espacial, neste caso, dificulta a articulação dos usos da praça com os usos dos edifícios do entorno, uma vez que a integração espacial é reduzida ou impedida. Sobre a espacialidade interna da mesma, pode-se dizer que a organização dos elementos do espaço livre -pavimentação, mobiliário urbano, vegetação e iluminação- apresentam problemas de acessibilidade, conforto e adequação às demandas de uso.

No caso da lateral leste, o estacionamento de veículos dos dois lados da Rua Ererê afasta a praça do térreo comercial do edifício multifamiliar de gabarito elevado. Neste edifício, percebe-se um robusto embasamento de estacionamento, o que também afasta os apartamentos da torre do espaço da praça. Na lateral sul, a parte mais elevada da praça, o desnível do terreno e um estacionamento, dificultam a continuidade espacial da praça com o terreno público hoje ocupado pela Horta Comunitária do Cosme Velho. Na lateral oeste, um extenso muro cego separa a Estação de Trem do Corcovado da praça, o que impede a integração entre eles. A conexão entre os dois fica, então, restrita à esquina com a Rua Cosme Velho, local de entrada e saída da estação, no qual a travessia da rua em desnível apresenta desconforto e perigo para os pedestres. Na lateral norte, a Rua Cosme Velho, com seu intenso tráfego de veículos e uma travessia dificultada pela espera demorada do sinal de trânsito, separa a praça da Igreja São Judas Tadeu. Atualmente é difícil identificar qualquer integração espacial ou de usos entre os dois, e é perceptível o isolamento da Igreja, através de muros e grades, frente as dinâmicas do espaço público.

O espaço da praça em si, apresenta acessibilidade reduzida, com muitos desníveis e barreiras, o que resulta em pouca fluidez espacial. A praça é compartimentada em pequenas áreas através de bancos em concreto, onde foram instalados quatro brinquedos e alguns aparelhos de ginástica e onde a pavimentação é em saibro, o que promove certa sensação de aridez. A lateral leste possui uma área com pavimentação em bloco intertravado, onde localizam-se quatro mesas de tabuleiro em concreto- mobiliário usual nas praças cariocas, que são utilizadas por agentes turísticos no horário de almoço ou por guias que esperam os turistas descerem do passeio. A presença de algumas árvores com copas largas garante a sombra



Figura 36 · Panorama da praça desde a esquina da Rua Ererê com Rua das Laranjeiras.
Fonte: Foto da autora.



Figura 37 · Panorama da praça desde a esquina com a Rua Efigênio Sales.
Fonte: Foto da autora.



Figura 38 · Panorama da praça desde a esquina da Rua Efigênio Sales com Rua das Laranjeiras.
Fonte: Foto da autora.



Figura 39 · Vista da Praça São Judas Tadeu desde a Rua Efigênio Sales.
Fonte: Foto da autora.

necessária para obter conforto ambiental nas temperaturas elevadas do Rio de Janeiro, e atrai a presença de passarinhos e aves em geral, criando uma ambiência mais agradável. À noite, contudo, a praça fica escura por não possuir iluminação abaixo da copa das árvores.

Atualmente, a praça não possui espaços passíveis de apropriação pelos moradores. Os relatos de alguns moradores dizem que, antes da implantação do bondinho no meio do espaço, eles utilizavam a parte alta da praça- onde a pavimentação é em cimento- para aulas de capoeira e a prática de Taishi. Contudo, tal uso ficou dificultado com a instalação do bondinho, uma vez que ele cria uma barreira não só espacial, mas também simbólica sobre o controle da praça.

Valores

No desenvolvimento da pesquisa, foi possível perceber que a praça possui alguns significados, embora as entrevistas com moradores e frequentadores não indiquem sentimentos de reconhecimento e pertencimento relativos à praça em si. A maior parte dos entrevistados identificou a praça como “feia”, “mal-cuidada” ou “bagunçada”, e mesmo as pessoas que frequentam a praça todos os dias- os camelôs- não demonstraram qualquer identificação com o lugar.

Os moradores entrevistados também não mencionam a praça com valores afetivos, e afirmam que não costumam frequentá-la. Eles parecem se incomodar com as dinâmicas de controle do espaço da praça pelos agentes turísticos, principalmente pelo constante assédio aos frequentadores e passantes, afastando-os do uso cotidiano da praça.

Contudo, é possível identificar na fala de alguns moradores, e principalmente no site das organizações VIVA Cosme Velho e Amigos da Praça, que a praça possui para eles um significado bastante importante de símbolo de luta e mobilização dos moradores do bairro em defesa de seus interesses, devido ao histórico de sua criação. Tal significado possui enorme potencial, uma vez que a existência de uma identificação como esta é um avanço no processo de fomento do uso e apropriação do espaço pelos moradores.

Acontece que, junto a este potencial, existe a necessidade de um extremo cuidado na maneira de elaborar e propor alternativas de intervenções no espaço da praça, uma vez que a área na qual se está interferindo é permeada por conflitos, e “favorecer algum lado” nas soluções projetuais pode invalidar toda a iniciativa e vontade de trazer melhorias.



Figura 40 · Banner pendurado na praça pelos moradores durante sua inauguração.
Fonte: <https://vizinhosdapraca.wordpress.com/>



Figura 41 e 42 · Camelôs vendem utensílios de interesse turístico.



Figura 43 e 44 · Guias turísticos almoçam nos bancos da praça e formam rodas de conversa.



Figura 45 e 46 · Turistas utilizam a estátua como assento e se alimentam nas barracas de comida instaladas na praça.



Figura 47 e 48 · Turistas aguardam o horário do bondinho enquanto crianças brincam.
Fonte: Foto da autora.

Práticas

Nas visitas feitas durante o trabalho de campo, foi possível observar o perfil dos frequentadores da praça e suas práticas cotidianas de uso e apropriação do espaço, aqui entendidas como fenômenos sociais relacionados com os significados do *lugar* e seu espaço físico. Neste sentido, a partir das descrições sobre as dimensões espacial e de significados anteriores, não nos surpreende que os principais frequentadores da praça sejam os agentes turísticos e os turistas que entram e saem da estação, e que os moradores tenham sido pouco reconhecidos nas visitas a campo. Os usos da praça, contudo, apresentam diversos pontos a serem explorados, e para tal procura-se reconhecer os processos que levam as pessoas a este lugar, o tempo que se demoram nele, o que procuram e o que necessitam, de forma a compreender suas necessidades, seus direitos e seu potencial significado de enraizamento (Carr et al, 2005).

1) Os primeiros processos reconhecidos, foram os de chegada dos turistas e guias à estação. No caso de grandes grupos de turistas, com o auxílio de um guia, o grupo usualmente chega em um ônibus particular que o deixa na parte da frente da praça São Judas Tadeu. Neste caso, é comum que os visitantes cheguem no horário definido na passagem de trem (que foi adquirida anteriormente, via internet) e que não se demorem muito no espaço da praça. Contudo, alguns guias não sobem com o grupo ao pico do Corcovado, e ficam na praça por volta de duas horas, esperando que o grupo volte do passeio.

Neste período de duas horas, os guias se sentam nos bancos da praça por longos períodos de tempo, e acabam por criar pequenas relações com outros frequentadores da praça. Os turistas, por sua vez, permanecem na praça por um período mais curto- cerca de quinze minutos, enquanto esperam seu horário do trem ou a chegada do ônibus para partir. Neste período de espera, eles costumam ocupar a parte da frente da praça, e ali procuram as mercadorias dos camelôs, ou são abordados por eles. É possível perceber, neste curto período que os turistas estão na praça, que alguns jovens brincam com a peteca que acabaram de comprar, famílias sentam-se para lanchar, e as crianças escalam os degraus da estátua ali localizada. Tais práticas demonstram o potencial lúdico deste público que está em período de descanso, uma vez que buscam se acomodar e se divertir mesmo em condições precárias de conforto.

2) Outro processo de uso e apropriação percebido foi o dos camelôs, que buscam se aproveitar da grande movimentação de turistas pelo espaço da praça. Eles costumam montar suas barracas entre as oito e nove horas da manhã, quando o movimento da estação começa a existir, e se retiram por volta das seis horas da tarde, estendendo-se um pouco mais caso o movimento ainda esteja grande. Eles se concentram na parte frontal da praça, área de maior passagem e concentração de pessoas, e ocupam os espaços residuais que a pavimentação e o mobiliário urbano criam.

3) Foi reconhecido, também, o processo de acesso ao pico do corcovado através das vans que circundam a praça, que geram outro tipo de uso da praça. As vans ficam estacionadas na Rua Ererê, próximo à esquina com a Rua Cosme Velho, e atendem à demanda dos turistas que não conseguiram comprar o bilhete de trem para subir ao Corcovado. Os motoristas e

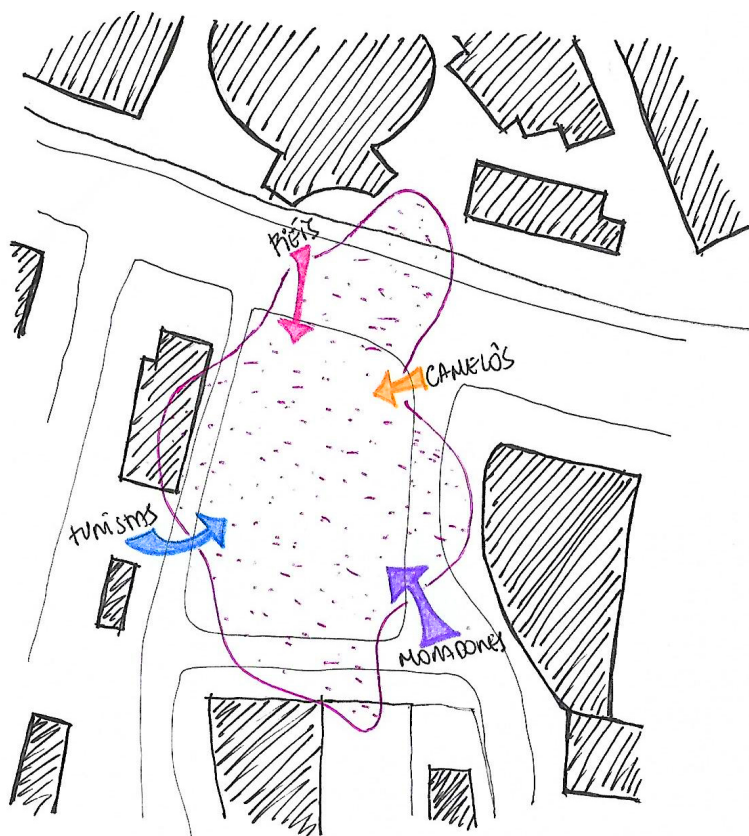


Figura 49 · Proposta de integração sócio espacial entre diferentes perfis de frequentadores na praça.

Fonte: elaborado pela autora

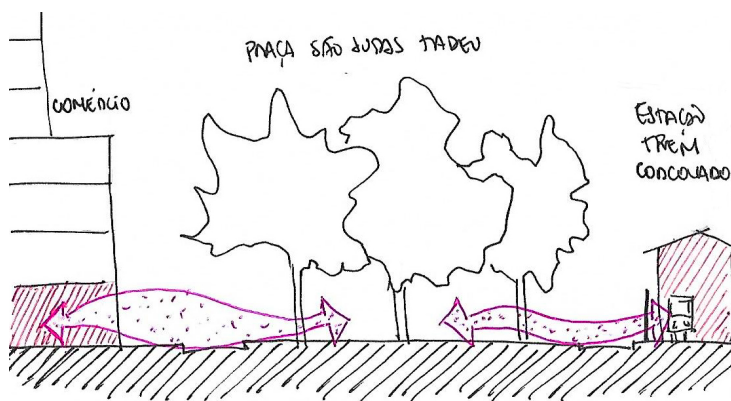


Figura 50 · Proposta de integrações espaciais da Praça São Judas Tadeu com seu entorno imediato. Corte transversal.

Fonte: elaborado pela autora

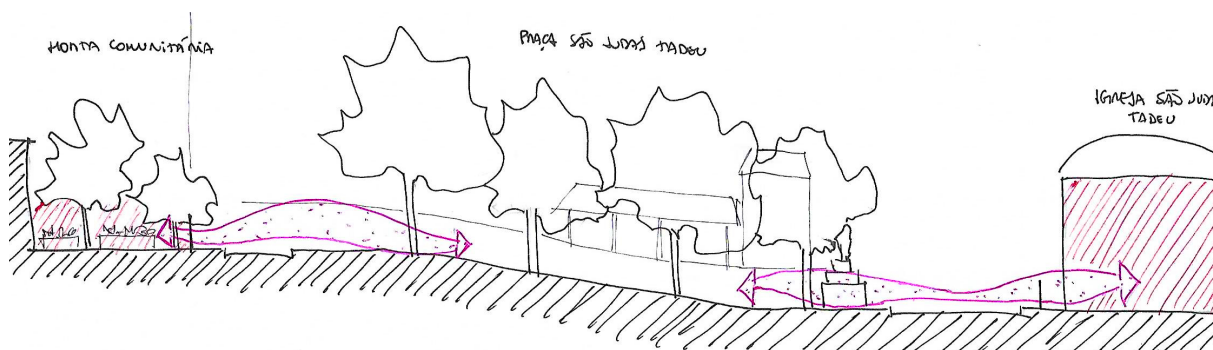


Figura 51 · Proposta de integrações espaciais da Praça São Judas Tadeu com seu entorno imediato. Corte longitudinal.

Fonte: elaborado pela autora

aqueles que fazem a divulgação deste serviço de van (que não é o oficial promovido pelo ICMBio) fazem notável sua presença no entorno da estação, uma vez que abordam os passantes oferecendo seus serviços, e se organizam em rodas de conversa entre colegas.

4) Apesar do pouco uso da praça pelos moradores, e dos edifícios do entorno não estabelecerem uma relação direta de uso com a praça, notou-se nos relatos dos entrevistados que os moradores do entorno próximo estabelecem uma relação de vigilância sobre o espaço da praça, mesmo que de maneira mais distante.

Diretrizes

Entende-se aqui, que a Praça São Judas Tadeu possui importante significado para os moradores do bairro, uma vez que é símbolo da mobilização dos moradores na defesa de seus interesses frente à demanda turística criada pela Estação de Trem do Corcovado (como já abordado anteriormente, no item 'A Praça do Cosme Velho'). É possível dizer que, neste processo de criação da praça do bairro a partir da mobilização dos moradores, ela passou a simbolizar o engajamento dos moradores na preservação e conservação do bairro do Cosme Velho como um todo, e não só do espaço da praça em si. Tal fator indica o seu potencial como *lugar* de significados coletivos referenciais no '*senso de lugar*' do bairro.

Contudo, a espacialidade e as práticas que se dão ali não são representativos deste significado. Os moradores pouco utilizam a praça no seu dia-a-dia, que é ocupada majoritariamente por agentes turísticos e turistas que estabelecem pouca relação com o lugar em si. Entende-se, então, que a praça não é muito utilizada pelos moradores devido a existência de um conflito de interesses relativo ao espaço da praça. Os moradores demonstram incômodo em conviver com o assédio dos agentes turísticos aos frequentadores e passantes, provavelmente porque tal prática determina um domínio e controle do lugar por este grupo.

Neste sentido, entende-se que existe uma inadequação espacial da praça às demandas de uso dos moradores do bairro e às demandas relativas aos processos turísticos, que deve ser resolvida. Neste contexto específico, a espacialidade da praça deveria permitir o uso e apropriação dos moradores, ao mesmo tempo que abriga a intensa e constante passagem de turistas e guias (1). Da mesma maneira, a integração espacial da praça com seu entorno urbano deve ser estabelecida, principalmente com a estação do bondinho e a horta comunitária do bairro, de maneira a potencializar o papel da praça como articulador dos diversos usos do seu entorno (2). Defende-se, também, que o espaço da praça deve permitir o reconhecimento identitário desta paisagem local, por exemplo: se utilizando das visadas para o Corcovado, da ambiência bucólica da mata atlântica do vale, com densa vegetação, e de materiais que remetam à memória construtiva do bairro, possibilitando um fortalecimento deste eixo vertical, e com ele o '*senso de lugar*' do bairro.

Para o desenvolvimento das soluções espaciais propostas para a praça no projeto de arquitetura da paisagem, defende-se a necessidade de estabelecer um processo participativo de projeto, que permita construir junto aos interessados (moradores, camelôs, agentes turísticos, etc.) as qualidades espaciais que atendem às suas necessidades, aos seus direitos, e aos significados deste lugar.

Conexão – eixo horizontal

Uma análise relativa ao eixo horizontal, ou seja, às conexões da Praça São Judas Tadeu com outros lugares, nos permite identificar os papéis da praça na sua inserção no Sistema de Espaços Livres do vale e do bairro, na qual estabelece uma relação de complementaridade funcional com a Rua Cosme Velho e com outras praças articuladas a ela, conformando este sistema.

Cabe aqui compreender os processos urbanos e socioculturais que influenciam nestas relações horizontais da praça, afim de propor diretrizes de projeto que potencializem seu papel de integração sociocultural e de articulação urbana.

Espacialidade

O Sistema de Espaços Livres do vale do Carioca se conforma espacialmente a partir de sua topografia, na qual os morros, ainda vegetados, abrigam algumas ocupações urbanas que se desenvolveram a partir do eixo estruturador da Rua Cosme Velho/Rua das Laranjeiras, que ocupa o fundo do vale. Única via coletora que percorre todo o vale, desde o Largo do Machado, até o alto do Cosme Velho, esta via conecta diversas praças e largos, de diversas escalas, ao longo de seu trajeto, como demonstra o mapa a seguir.

A ocupação urbana do vale, ao longo dos anos, criou uma série de descontinuidades no seu Sistema de Espaços Livres, como por exemplo: estrangulamentos e supressões do Rio Carioca, e o corte do Morro Azul para prolongamento da Rua Pinheiro Machado até o bairro de Botafogo, afetando a continuidade e fluidez de processos biofísicos; assim como a construção de viadutos e o aumento da caixa de rolamento das ruas que priorizam o fluxo de automóveis, criam diversas interrupções, barreiras e hiatos na vivência corpórea e simbólica do sistema. Tais descontinuidades dificultam o entendimento deste SEL do vale como uma unidade íntegra, e



Mapa 19 · Mapa do SEL do vale- Conexões espaciais com outras praças ao longo da Rua Cosme Velho/ Laranjeiras, que permite uma unidade nas dinâmicas urbanas e sociais dos bairros do Cosme Velho e Laranjeiras.

Fonte: elaborado pela autora

pensar na recuperação desta integridade implica em entender os problemas e potencialidades de cada elemento e das relações que estabelecem entre si (Tardin, 2008).

A Praça São Judas Tadeu se localiza em uma área do vale menos densa em ocupação urbana, na qual existe uma relação mais próxima com a mata da parte alta do vale. Tal proximidade com a natureza, junto às características histórico-culturais do bairro do Cosme Velho, são seus principais fatores identitários.

O valor histórico-cultural do bairro é reconhecido oficialmente através da criação da APAC do Cosme Velho, que identifica os edifícios que conformam o ambiente construído de valor histórico. Contudo, os espaços livres que estruturam e articulam tal paisagem ainda não estão reconhecidos como elementos formadores deste ambiente.

Este trabalho busca reconhecer o papel articulador dos espaços livres, que no caso do Cosme Velho, poderiam conformar um circuito histórico-cultural de interesse turístico, estruturado pela Rua Cosme Velho, e no qual os espaços de praças e largos podem assumir papéis articuladores nos processos relativos ao turismo, à mobilidade local, e à vitalidade social e econômica do bairro. Os espaços livres identificados como potenciais no bairro são: o da praça São Judas Tadeu, do Terminal Rodoviário, do Largo do Boticário, do Largo Prof. Silva Melo e do baixio do Viaduto José de Alencar, como indica o mapa a seguir.

Valores

Sobre os significados referentes ao eixo horizontal, nesta pesquisa são contemplados os significados que a praça São Judas Tadeu assume no Sistema de Espaços Livres do bairro e do Vale, e a conexão e complementaridade que ela estabelece com outros elementos do sistema.



Mapa 20 · Bairro do Cosme Velho- Edifícios históricos, equipamentos turísticos e culturais, e sistema de espaços livres com potencial articulador.

Fonte: elaborado pela autora

CONEXÃO COM ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DO ENTORNO:
 Complemento de funções urbanas e socioculturais

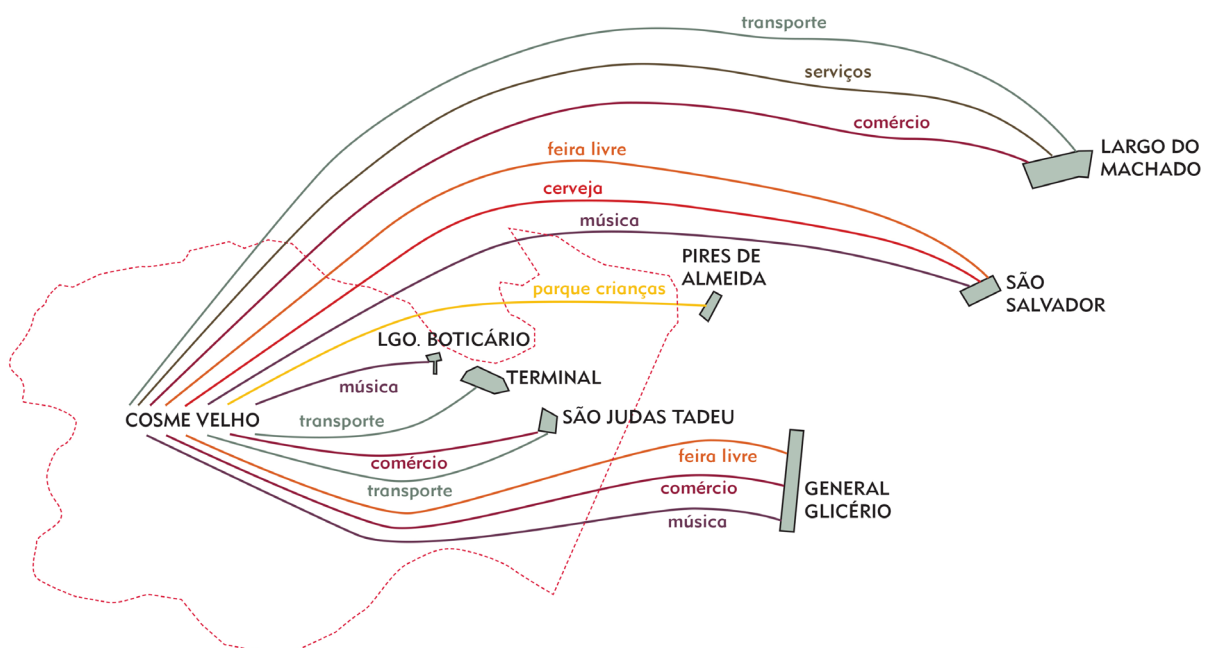


Figura 52 · Usos dos espaços livres do Sistema de Espaços Livres do Vale complementares ao bairro do Cosme Velho.
 Fonte: Elaborado pela autora.

CONEXÕES POTENCIAIS COM ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DO ENTORNO:
 Complemento de funções urbanas e socioculturais: memória urbana e turismo

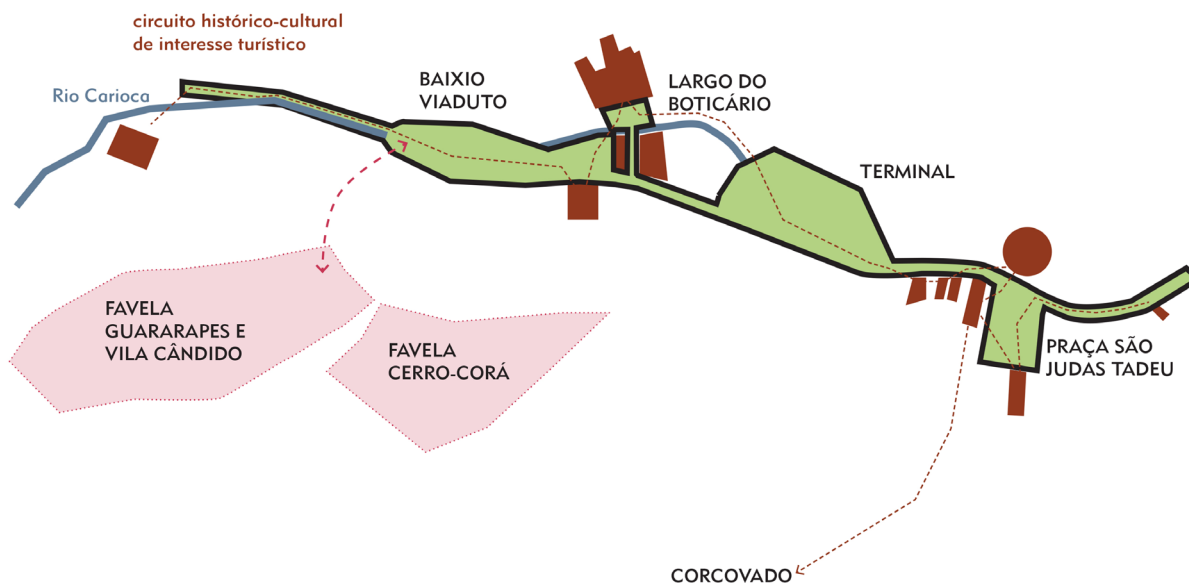


Figura 53 · Equipamentos histórico-culturais do bairro e suas relações potenciais com os espaços livres do entorno.
 Fonte: Elaborado pela autora.

Os significados da Praça São Judas Tadeu no Sistema de Espaços Livres do Vale estão intimamente relacionados com a Estação de Trem do Corcovado. A praça é usualmente chamada de “praça do bondinho”, e poucos a conhecem pelo seu nome oficial. Sendo assim, notou-se, a partir das entrevistas com moradores, que o significado e a função diretamente relacionados a ela é do turismo, e que o sentido de “praça de bairro”, como local de estar ou de encontros da vizinhança, ainda não é reconhecido pelos moradores do bairro como um todo. Neste sentido, aponta-se o potencial da praça em assumir esta função (identificado nas análises sobre o eixo vertical), assim como é reconhecido seu papel de receptáculo e articulador no circuito histórico-cultural e turístico do bairro, uma vez que, no imaginário dos moradores e frequentadores, está diretamente associada à “estação do bondinho” e, de forma menos intrínseca, à Igreja São Judas Tadeu.

Práticas

Na análise sobre as práticas relativas ao eixo horizontal, observam-se os usos que se fazem das praças do SEL do vale, e como estes se complementam em relação ao bairro do Cosme Velho e à Praça São Judas Tadeu. Tal análise foi produzida a partir de relatos dos moradores sobre seu cotidiano no bairro, que demonstram a complementaridade que as partes mais baixas do vale assumem com relação à vida no Cosme Velho.

Estes relatos apontam os seguintes usos das praças do SEL pelos moradores do Cosme Velho: a praça da Rua Pires de Almeida é o lugar elegido para levar as crianças para brincar, já que se trata de uma praça protegida e bem sombreada, com pouco movimento, e com mobiliário urbano próprio para tal; a praça General Glicério é ponto referencial devido à feira-livre que acontece aos sábados, onde há atrativos culinários e boêmios, como o pastel com “caldo de cana”, e o “chorinho da feira”; a praça São Salvador é mais um ponto boêmio, porém possui esse atrativo qualquer dia da semana, não só em dia de feira livre, que no seu caso acontece aos domingos; e o Largo do Machado é a praça referencial de comércio e serviços de todo tipo, complementando o que pode faltar nos serviços de bairro (figura 52).

Os espaços livres do bairro, anteriormente apresentados como potenciais articuladores de um circuito de interesse histórico-cultural do bairro, aqui são explorados a partir das possibilidades de integração entre eles e os equipamentos presentes (figura 53).

A praça São Judas Tadeu, como já mencionado, possui o potencial de receber os turistas de maneira confortável na entrada e saída da Estação de Trem do Corcovado, junto ao atendimento das demandas de usos dos moradores. E o espaço hoje ocupado pelo Terminal Rodoviário, poderia ser explorado como lugar de chegada e saída dos turistas, que passariam a circular pelo bairro no trajeto até a estação, além de abrigar parte do Rio Carioca ainda à céu aberto, elemento de memória da cidade do Rio de Janeiro.

O Largo do Boticário, acessível através do beco de mesmo nome, integra o conjunto neocolonial de sobrados que atrai a visita de turistas pela sua beleza e encanto bucólico. E o Largo Prof. Silva Melo, ao lado do Beco do Boticário e em frente ao Solar dos Abacaxis -casarão histórico do bairro que hoje encontra-se em crítico estado de conservação, mas que abriga

festas e eventos culturais- poderia articular a ligação entre o Largo do Boticário e o solar, revitalizando este conjunto urbano como um todo.

Por fim, o baixio do viaduto poderia se aproveitar de seus espaços residuais na articulação dos serviços turísticos de acesso ao pico do Corcovado, estruturando melhor o uso já existente deste ponto pelos guias turísticos provenientes das comunidades locais, assim como poderia articular o acesso às favelas do bairro através de modais alternativos (fig.53), como um funicular, mototáxis ou tuctucs (alternativas utilizadas ou propostas para facilitar o acesso à algumas favelas da cidade do Rio de Janeiro, como Dona Marta, Rocinha e Cantagalo).

Diretrizes

Através desta análise do eixo horizontal, pode-se dizer que a Praça São Judas Tadeu possui o potencial de assumir o papel de “praça de bairro”, que atenderia o alto do vale-bairro do Cosme Velho, complementando o papel que a General Glicério assume na parte central do vale, e que a Praça São Salvador assume na parte baixa do Vale, ambas no bairro das Laranjeiras. Pode-se dizer, também, que a “praça do bondinho” assume papel singular na atratividade turístico-cultural do bairro, uma vez que funciona como espaço de recepção e espera dos turistas e guias que acessam a Estação de Trem do Corcovado, assumindo uma íntima relação com os processos turísticos que atingem o Vale do Carioca.

Então, como diretrizes procura-se apontar os potenciais conectivos e de complementaridade da Praça São Judas Tadeu no Sistema de Espaços Livres do bairro: 1) seu papel no circuito histórico-cultural e turístico do bairro como espaço receptáculo e articulador, devido à proximidade e associação à Estação de Trem do Corcovado e à Igreja São Judas Tadeu, no qual é importante considerar a inclusão dos outros lugares do Sistema de Espaços Livres do bairro na reorganização das dinâmicas turísticas e locais, de modo a liberar espaços da praça para o uso da população local; 2) e seu papel como lugar de identificação comunitária do bairro, que poderia ser fortalecida com usos e apropriações mais frequentes do espaço da praça pelos moradores, fazendo-a assumir de maneira prática o papel de “praça de bairro”.

Além da reestruturação do Sistema de Espaços Livres do bairro, também é apontada como diretriz a reestruturação do Sistema de Espaços Livres do vale como um GreenWay urbano, que conecta paisagisticamente as diversas praças, largos, parques e matas do SEL do bairro e do vale, trazendo integridade para processos socioculturais e biofísicos do sistema.

Inserção – eixo transversal

Uma análise relativa ao eixo transversal nos permite identificar processos urbanos e socioculturais de escalas maiores que a do lugar, que o afetam e são afetados por ele. No caso da praça, estes processos sistêmicos de maior escala podem envolver o bairro onde ela está inserida, podem incluir bairros do entorno, ou podem até ser processos na escala da cidade, que envolvem elementos além da vizinhança, como os sistemas de trânsito, por exemplo.

Neste sentido, a Praça São Judas Tadeu demonstra ser afetada por três sistemas de escala extra-local: 1) o sistema de tráfego de veículos citadino, proveniente da conexão com o túnel Rebouças, que faz com que a Rua Cosme Velho assuma papel quase arterial para a cidade; 2) o sistema turístico da cidade, a partir da proximidade com a Estação de Trem do Corcovado, ponto de acesso ao Pico do Corcovado; e 3) o sistema fluvial da Bacia do Rio Carioca, relativo à memória deste rio como importante elemento natural na história da cidade. Tais sistemas possuem processos que incluem a localidade do bairro do Cosme Velho, e afetam tanto o bairro quanto a praça em si, causando problemas e também potencialidades em ambos.

Além de identificar os sistemas de escala extra-local já existentes que afetam o lugar, procura-se reconhecer potenciais sistemas no qual ele pode assumir um papel específico. Neste trabalho, identifica-se o potencial Sistema de Parques Urbanos, no qual o Sistema de Espaços Livres do vale conectaria o Parque Nacional da Tijuca e o Parque do Flamengo, criando uma continuidade nos processos biofísicos, socioculturais e urbanos desta paisagem urbana.

Cabe aqui, entender que a atuação na escala local (da praça) deve passar também pelo entendimento de como estes processos de maior escala afetam o lugar e por ele são afetados, afim de, através de ações, minorizar os problemas na escala local, e potencializar o papel do lugar nestes processos, buscando equalizar as possíveis tensões entre interesses coletivos locais e interesses coletivos da cidade como um todo.

Espacial

Sistema de tráfego urbano

Com relação ao sistema de tráfego da cidade, o Cosme Velho é afetado pela alça de ligação do bairro com o Túnel Rebouças, que insere o bairro- de fundo de vale e de características históricas- no sistema de escoamento de veículos no eixo Zonal Sul-Centro, como demonstra a imagem a seguir. Tal inserção faz com que o bairro seja atravessado por uma enorme quantidade de veículos que trazem engarrafamentos recorrentes, assim como a priorização do espaço da rua para o trânsito de veículos, em detrimento da mobilidade peatonal no bairro.

Atualmente, os espaços das calçadas ao longo da Rua Cosme Velho são bastante reduzidos, com prolongados trechos inferiores a 80 centímetros, e determinados pontos em que possui menos de 20 centímetros. Tal conformação espacial das calçadas é consequência direta do intenso fluxo de veículos, que, no imaginário da população e dos administradores públicos, seria afetado caso as calçadas assumissem medidas mínimas para o conforto peatonal. Acredita-se, a partir dos princípios adotado neste trabalho, que o conforto e segurança do pedestre devem ser prioridades nas decisões projetuais e de intervenção urbana.

O intenso fluxo de veículos no bairro também influencia na dificuldade de travessia da via, que apresenta diversos pontos críticos ao longo do bairro e, na área da praça, dificulta sua conexão espacial com a Igreja São Judas Tadeu. Assim como contribui com a poluição sonora e atmosférica que dificulta o uso e apropriação das calçadas do bairro.

Sistema Turístico

Com relação ao sistema turístico, como já abordado ao longo deste trabalho, o bairro

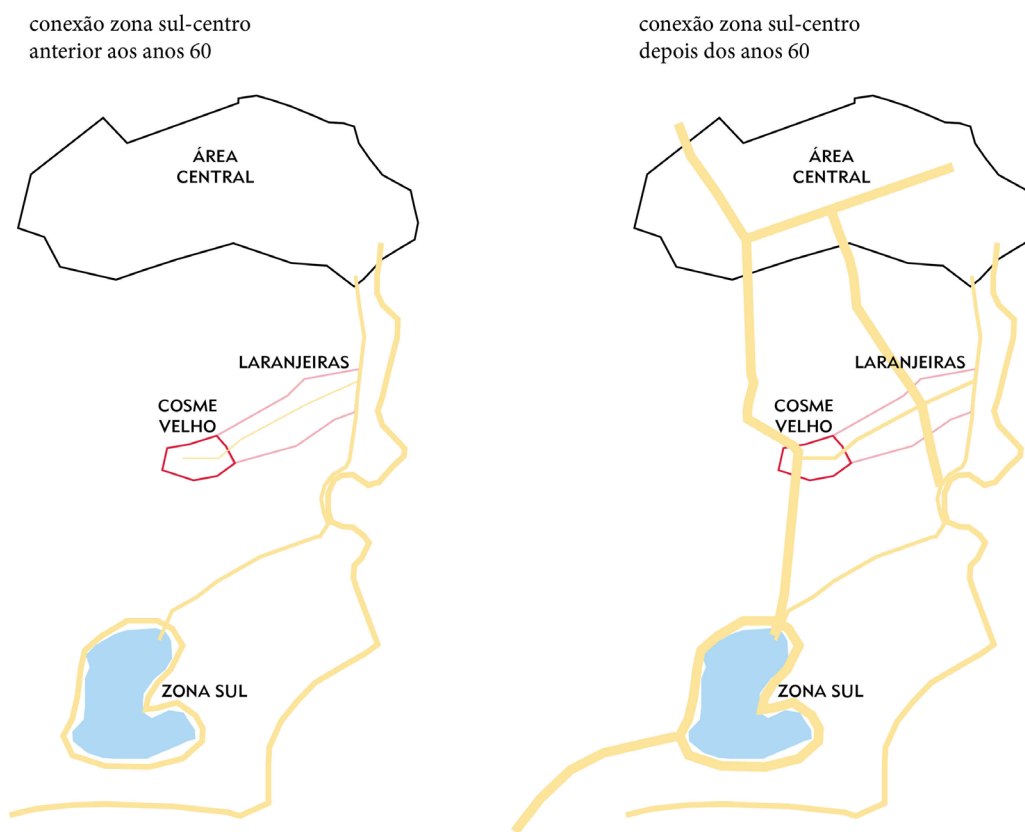
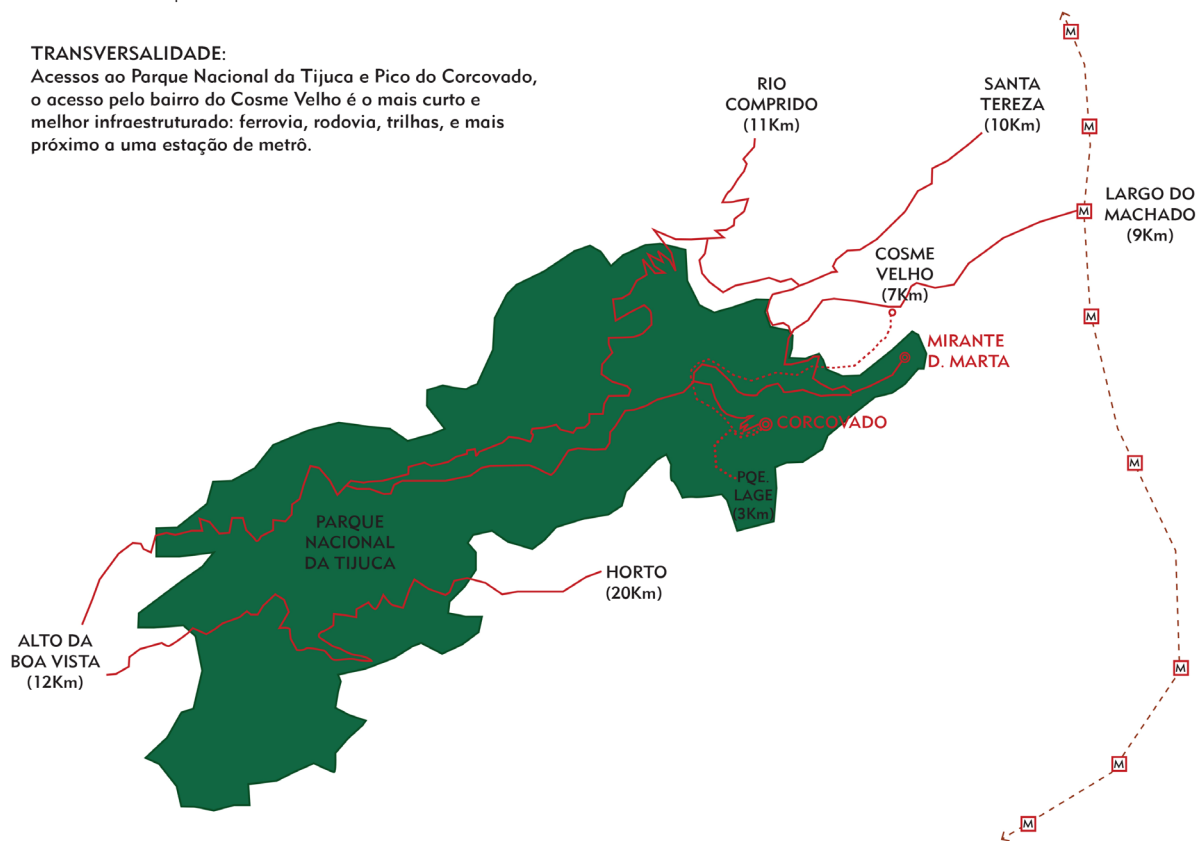


Figura 54: Diagrama de conexões Zona Sul-Centro antes da construção dos túneis Rebouças (Linha Vermelha) e Santa Bárbara (Linha Lilás).

Fonte: Elaborado pela autora.

TRANSVERSALIDADE:

Acessos ao Parque Nacional da Tijuca e Pico do Corcovado, o acesso pelo bairro do Cosme Velho é o mais curto e melhor infraestruturaado: ferrovia, rodovia, trilhas, e mais próximo a uma estação de metrô.



Mapa 21 · Mapa de acessos ao Parque Nacional da Tijuca através de estradas, ferrovias e metrô.

Fonte: Elaborado pela autora.

do Cosme Velho se insere em um circuito de interesse turístico da cidade do Rio de Janeiro. A localização da Estação de Trem do Corcovado ao lado da atual Praça São Judas Tadeu, inclui não somente a praça, mas o bairro como um todo, nos processos de acesso ao ponto turístico mais importante da cidade, o Pico do Corcovado.

Tal inserção do bairro neste sistema traz para o Cosme Velho, de escala local e uso majoritariamente residencial, grande movimento de turistas, que afetam as dinâmicas cotidianas do bairro. Neste contexto, os moradores defendem que o bairro não possui capacidade de abrigar tais dinâmicas de acesso ao Corcovado através da estação do bondinho, e defendem que se criem outros modos de acesso através de outros pontos da cidade (como por exemplo as Vans do Corcovado).

Contudo, o acesso pelo bairro é o mais bem estruturado para chegar ao Corcovado. A partir do mapa a seguir, pode-se perceber a localização privilegiada do bairro do Cosme Velho com relação aos outros acessos ao parque e ao Corcovado. O bairro localiza-se na menor distância acessível ao ponto turístico, assim como é o que está mais dotado de infraestrutura para o acesso do grande público, pela presença da Estrada de Ferro, que se distancia apenas dois quilômetros da estação de metrô do Largo do Machado, o ponto de acesso ao parque mais próximo a qualquer estação de metrô da cidade.

Desta maneira, defende-se aqui que é necessário traçar ações de reestruturação das dinâmicas de acesso à Estação de Trem do Corcovado, se aproveitando do potencial dos outros espaços do SEL do bairro como articuladores, contudo, sem reduzir a importância da estação como principal ponto de acesso ao Corcovado.

Sistema de Parques Urbanos - Integração entre Parque Nacional da Tijuca e Parque do Flamengo

O entendimento da Praça São Judas Tadeu inserida no Sistema de Espaços Livres do Vale do Carioca, pode nos levar a pensar no seu papel potencial em processos que envolvem este sistema como um todo: sejam eles processos biofísicos, como os cursos d'água; sejam eles urbanos, como a mobilidade peatonal, ciclovária e de veículos; sejam eles socioculturais, como atividades culturais específicas, práticas cotidianas ou extraordinárias.

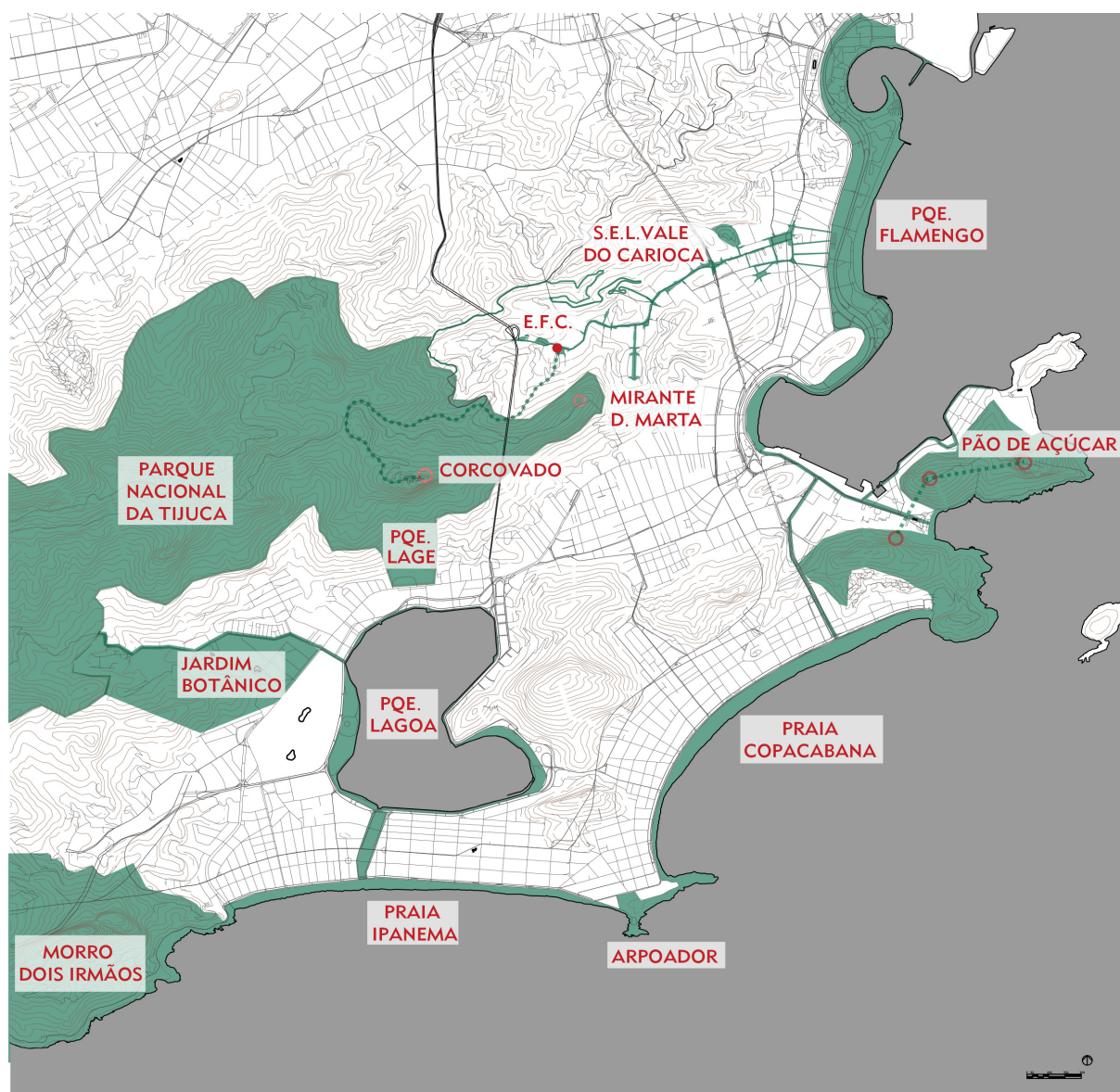
Neste sentido, entende-se aqui que o SEL do Vale do Carioca tem potencial conector de dois importantes parques urbanos de seu entorno: o Parque Nacional da Tijuca, e o Parque do Flamengo. Ambos parques reconhecidos como patrimônios paisagísticos e culturais da cidade, que abrigam significados e práticas de seus habitantes. Os parques possuem atratividade e alcance metropolitanos, e tem o potencial de compor um sistema de interesse paisagístico, integrando e potencializando questões biofísicas, urbanas e socioculturais da paisagem urbana desta zona da cidade.

A conexão espacial entre estes dois parques seria possível através do Sistema de Espaços Livres do Vale do Carioca, fazendo com que este assumira uma integridade enquanto elemento articulador urbano. Esta integridade estaria composta pelas especificidades ali presentes, contribuindo na diversidade deste sistema de parques urbanos, assim como as atratividades

locais poderiam se fortalecer com a integridade do sistema onde se inserem.

Em termos práticos, evidenciamos aqui as conexões espaciais, as integrações de significados e as possíveis práticas que surgiriam neste sistema. A conexão espacial pode ser entendida através de duas vertentes: uma vertente biofísica, que considera a conexão das massas vegetais, assim como o percurso de escoamento das águas deste vale; e uma vertente urbana, que considera uma conexão físico-espacial que possibilite a mobilidade de pessoas dentro do sistema, seja ela peatonal, cicloviária ou veicular. Tais conexões espaciais teriam como objetivo garantir a possibilidade de continuidade de processos naturais e humanos, afim de potencializar o funcionamento sistêmico desta paisagem urbana.

Neste sentido, é interessante compreender que cada uma destas conexões influenciaria na conformação espacial deste sistema de espaços livres, influenciando-se mutuamente. Seja a fim de garantir conforto na mobilidade peatonal e cicloviária nos percursos criados, seja



Mapa 22 · Sistema de Parques Urbanos e circuito turístico na Zona Sul da cidade.
Fonte: Elaborado pela autora.

a fim de garantir a continuidade da massa vegetal ou do trajeto de escoamento de águas, o ambiente físico espacial em questão é o mesmo, e deve ser planejado para atender da melhor maneira possível a todas estas demandas. Para atender a tais demandas processuais, torna-se necessário traçar princípios da abordagem sistêmica adotada, ou seja, linhas gerais que guiam as decisões na resolução de conflitos de interesse relacionados aos diversos processos em questão.

Desde meados do século XX, percebe-se que as práticas de planejamento e projetos urbanos na cidade do Rio de Janeiro seguiram princípios funcionalistas modernos, que buscavam conectar áreas urbanas e acelerar tais conexões adotando uma lógica rodoviária, na qual os veículos particulares e os ônibus eram prioridades na estruturação espacial urbana. Tais princípios modificaram os espaços urbanos, muitas vezes reduzindo os espaços de calçadas, dificultando o trânsito de bicicletas, impermeabilizando o solo com a pavimentação asfáltica, e retirando a vegetação arbórea, arbustiva e rasteira das ruas, resultando em ambientes desagradáveis para vivência humana na escala do corpo, e dificultando processos biofísicos como o escoamento de águas da chuva. Atualmente, outros princípios de estruturação urbana ganham força no contexto internacional, como o respeito à ‘escala humana’, a importância da vida social nos espaços livres públicos (ruas, praças, parques, etc.), a adequação aos processos biofísicos no contexto urbano, o respeito ao significado da paisagem urbana e sua memória (Lynch, 1960; Jacobs, 1961; Carr et al, 1995; Carmona, 2003; Tardin, 2008, 2014), com os quais este trabalho busca se alinhar.

Apesar do interesse em estender esta pesquisa à escala do Sistema de Espaços Livres do vale, o escopo deste trabalho está direcionado ao entendimento do papel da Praça São Judas Tadeu neste sistema, e como sua inserção no mesmo o afeta. Sendo assim, pode-se dizer (como já argumentado anteriormente) que essa praça poderia assumir papel singular nesse sistema, uma vez que está intimamente ligada ao principal ponto de acesso ao Parque Nacional da Tijuca: a Estação da Estrada de Ferro do Corcovado. Pode-se dizer, também, que a constituição deste sistema de parques urbanos potencializaria o papel da Praça São Judas Tadeu como “porta de entrada” para o Parque Nacional da Tijuca, atendendo não somente a um público turístico- muitas vezes alheio à cultura e significados da paisagem local, mas também aos habitantes da cidade do Rio de Janeiro

Sistema Fluvial da Bacia do Rio Carioca - Memórias

A localização do Cosme Velho na Bacia Hidrográfica do Rio Carioca, como já abordado neste trabalho, insere o bairro no contexto histórico deste rio tão importante na constituição urbana da cidade. As águas do Rio Carioca serviram, desde o início da ocupação da cidade, como fonte para produção agrícola e, mais tarde, como fonte de água potável, com a criação do aqueduto de abastecimento do Chafariz da Carioca. No final do século XIX, com o intenso crescimento urbano da cidade, o fornecimento das águas do Rio Carioca foi desativado, e o aqueduto que transportava estas águas fica obsoleto. Também no início do século XX, o Rio Carioca, que corria em uma galeria à céu aberto junto à Rua das Laranjeiras, é canalizado no subterrâneo da rua,

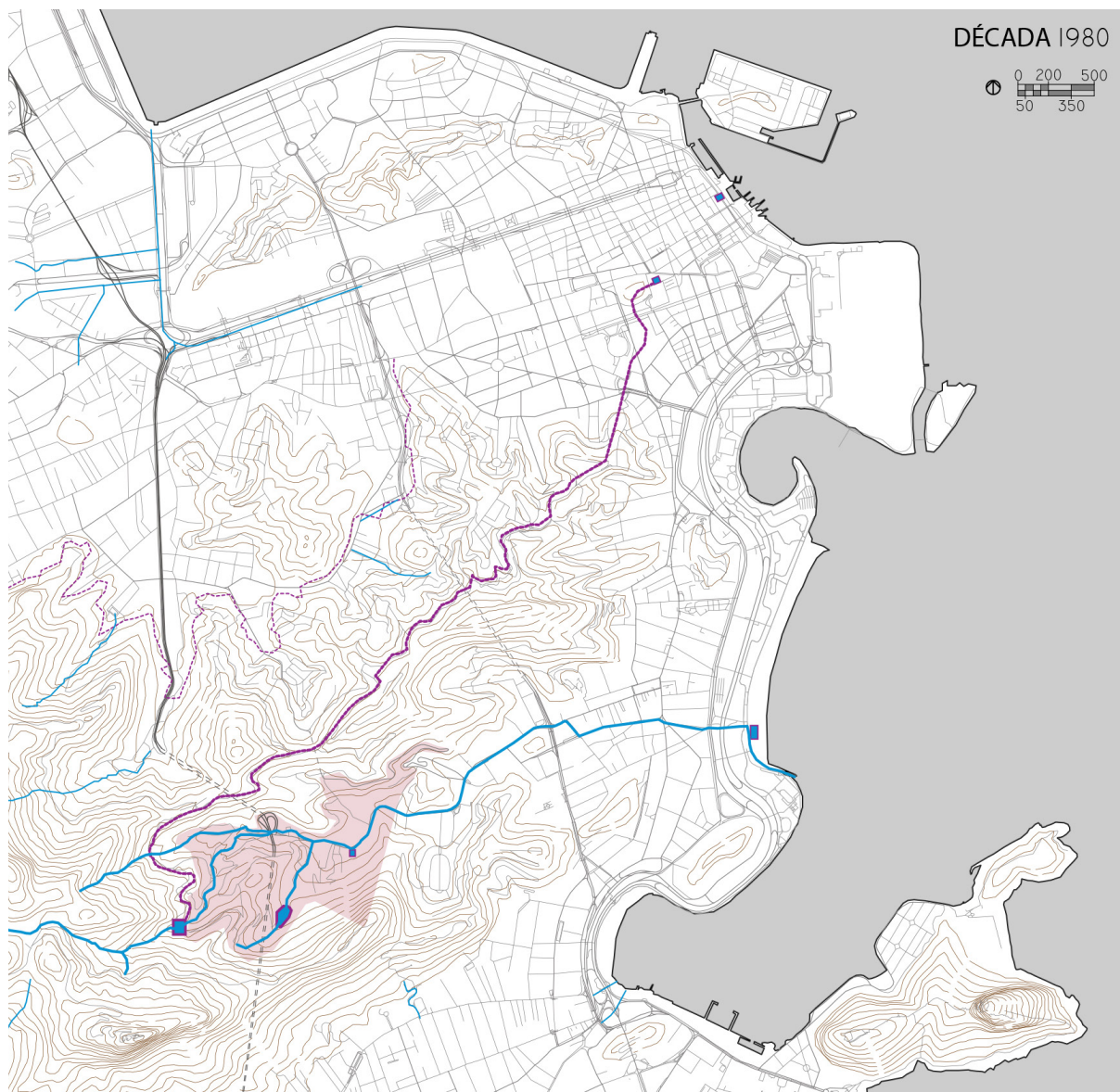
tornando-se oculto sob as camadas de urbanização do vale, como permanece até os dias atuais.

Desta maneira, procura-se aqui trabalhar a inserção do bairro do Cosme Velho e seu Sistema de Espaços Livres no sistema fluvial da Bacia do Rio Carioca e sua memória, considerando o desvio do rio através do aqueduto até o centro histórico da cidade, buscando reconhecer a extensão espacial deste sistema de importância histórica.

Valores

Sistema de tráfego urbano

O intenso fluxo de veículos na Rua Cosme Velho devido à conexão com Túnel Rebouças, faz com que, muitas vezes, o bairro seja descrito por seus moradores como um 'bairro de passagem'. Entende-se que esta descrição do bairro está relacionada com uma aceitação desta condição urbana, da qual a grande maioria tira proveito, uma vez que acelera a conexão do bairro com a área da Lagoa Rodrigo de Freitas através do transporte particular.



Mapa 23 · Mapa atual da cidade do Rio de Janeiro com identificação histórica do trajeto dos rios, do aqueduto, de reservatórios e fontes da bacia do Rio Carioca.

Fonte: Elaborado pela autora.

Contudo, essa descrição vem carregada de conotações negativas, uma vez que uma área de passagem costuma trazer consigo a ideia de um “não-lugar”, ou seja, um espaço que dificilmente abriga uma vivência local de significado. Neste sentido, argumenta-se aqui, que a prioridade no projeto de intervenção urbana deve ser sensível à vida social e aos significados do lugar, de maneira a propor soluções espaciais que minimizem as consequências negativas deste sistema, e contribuam para conformar uma paisagem sensível à escala humana, passível de vivência e significado.

Sistema Turístico

Atualmente, o significado da Praça São Judas Tadeu nos sistemas descritos é de ‘espera’. Entende-se que este significado está atrelado ao seu papel enquanto espaço articulador de dinâmicas turísticas e de dinâmicas urbanas, sempre associadas a um ponto de interesse que está mais à frente no trajeto. Entende-se que ausência de significado deste lugar, relativa ao eixo transversal, está associada à falta de atendimento das necessidades de seus frequentadores na sua estruturação espacial, assim como está associada à uma fragilidade nos quesitos relativos aos eixos vertical e horizontal.

Sistema de Parques Urbanos - Integração entre Parque Nacional da Tijuca e Parque do Flamengo

Trabalhar o significado do lugar neste sistema, significa prospectar possibilidades de incremento do seu papel nas vivências deste sistema, podendo atribuir novos valores funcionais e poéticos ao lugar. Desta maneira, ressalta-se o potencial da Praça São Judas Tadeu como espaço articulador da conexão entre o Sistema de Espaços Livres do vale e o Parque Nacional da Tijuca, podendo funcionar como lugar de encontros e de um estar prolongado, no qual as temporalidades da vivência do vale e da experiência da Estrada de Ferro se articulam.

Sistema Fluvial da Bacia do Rio Carioca – Memórias

Pensar o valor deste sistema implica em pensar no bairro do Cosme Velho como lugar de memória do Rio Carioca, onde ainda estão localizados equipamentos relacionados ao abastecimento de água da cidade, como a Mãe d’água e o reservatório de água do Silvestre, assim como ainda possui trechos no qual o rio segue à céu aberto, como na Favela do Guararapes, no Museu do Roberto Marinho, no Largo do Boticário, e no atual Terminal Rodoviário.

Trazer o valor deste sistema enquanto memória deste rio, com sua importância na história urbana da cidade, implica também em apontar as escolhas tomadas ao longo do processo de produção deste espaço urbano pela sociedade, que reflete seus valores e aspirações ao longo do tempo. Destes significados, fica a reflexão de como o desenvolvimento dos processos urbanos foram privilegiados frente à preservação dos processos biofísicos, formadores desta paisagem natural de tanta importância no *‘senso de lugar’* deste bairro.

As águas dos rios foram canalizadas e levadas por aquedutos para um largo que adotou o nome do rio. A urbanização produziu dejetos que, jogados nas águas restantes do Carioca, transformaram-no numa cloaca a céu aberto. (...)

Mas o que resta do Carioca é um simples córrego que nasce oculto no morro do Corcovado, se despenca num filete pela encosta a céu aberto, mergulha subterrâneo na altura do viaduto José de Alencar – que liga as duas partes do Túnel Rebouças – e volta a aparecer no Largo do Boticário. Dali segue, margeando pelos fundos as casas do Beco até o terminal dos ônibus (...), onde mais uma vez o rio volta a ser subterrâneo e assim vai descendo, até desaguar, impresentido, na praia do Flamengo. Pensando bem, este livro deveria chamar-se Crônica do rio assassinado (Sandroni, 1999: 14)

Práticas

Sistema de tráfego urbano

Devido à inserção do Cosme Velho neste Sistema de Tráfego Urbano da cidade, um intenso fluxo de veículos atravessa o bairro, trazendo grande poluição sonora e atmosférica que dificultam o uso e apropriação dos espaços livres próximo à Rua Cosme Velho. Como já mencionado, o uso das calçadas também é prejudicado, uma vez que o espaço das calçadas é reduzido e o risco de atropelamento é grande.

A partir das entrevistas com moradores do bairro, foi possível perceber que muitos moradores (de extrato social mais elevado) não costumam andar a pé pelo bairro, preferindo utilizar o carro como meio de locomoção. Entende-se, aqui, que por este motivo acreditam que o espaço direcionado ao tráfego de veículos é mais importante, em detrimento do espaço de calçadas mais confortáveis para os pedestres.

Defende-se, contudo, que a garantia de segurança e conforto para os pedestres deve ser prioridade em uma intervenção que visa incrementar o uso e apropriação dos espaços livres na escala bairro, aliado a medidas de melhoria do serviço de transporte coletivo, de maneira que a escolha pelo transporte individual seja reduzida.

Sistema Turístico

As práticas relativas ao sistema turístico estão relacionadas às formas de locomoção e acesso aos pontos turísticos da cidade. No caso do Pico do Corcovado, identificam-se quatro formas de acesso que inserem o bairro do Cosme Velho neste sistema:

1- Através da Estrada de Ferro do Corcovado, com estação inicial na Praça São Judas Tadeu, faz com que a praça funcione como espaço de recepção e articulação dos trajetos dos turistas. Quanto ao acesso à praça desde outros pontos da cidade, foi possível identificar o uso de ônibus fretados (no caso de grandes grupos); de ônibus panorâmicos, no qual se paga uma diária para o transporte entre os pontos turísticos da cidade; ou de metrô e ônibus municipais.

2- Através das Vans do Corcovado, que saem de diversos pontos estratégicos da cidade como Copacabana e Largo do Machado, e levam diretamente ao Pico do Corcovado.

3- Através de uma trilha pelas encostas do Vale do Carioca, com início próximo à Estação de Trem do Corcovado.

4- Através de veículo particular, que tem a permissão de chegar até a Estação das Paineiras e retornar, já que o estacionamento no local é proibido.

Desta maneira, entende-se que existe grande demanda de acesso ao bairro devido ao acesso ao Corcovado, e que o Sistema de Espaços Livres do vale poderia assumir papel

importante no desenvolvimento de novas maneiras de acesso à praça e à estação, como por exemplo com bicicleta, ou até mesmo a pé desde a estação de Metrô do Largo do Machado.

Sistema de Parques Urbanos - Integração entre Parque Nacional da Tijuca e Parque do Flamengo

Pensar nas possibilidades de práticas e vivências deste sistema, poderia se dar como um exercício extenso de análises combinatórias das diversas vivências relativas a cada trecho do sistema. Contudo, este trabalho não contempla as especificidades de cada trecho deste sistema em uma escala mais aproximada, procurando somente compreender seu potencial enquanto unidade sistêmica. Desta maneira, evidenciam-se aqui as práticas gerais que podem se dar na escala do sistema, embora seja reconhecida a variedade de vivências específicas de cada trecho.

Uma possibilidade de prática neste sistema é percorrer, em bicicleta ou caminhando, todo o sistema de parques urbanos da Zona Sul da cidade. Imagina-se que uma pessoa pode pegar sua bicicleta no bairro de Copacabana, percorrer a ciclovia da orla até a Praia de Botafogo, passear pelo Parque do Flamengo, seguir a Rua das Laranjeiras e a Rua Cosme Velho até a Praça São Judas Tadeu, ali pegar o bondinho do Corcovado (que receberá trens que tem espaço para carregar bicicletas) até as Paineiras, onde se pode percorrer até a Vista Chinesa, descer pelo bairro do Horto até o Parque da Lagoa Rodrigo de Freitas, e chegar até a orla do bairro de Ipanema, de forma a retornar à Copacabana. Entende-se que é um circuito muito extenso, e que poucos percorreriam toda sua extensão, contudo, considera-se que a continuidade do sistema incrementa as possibilidades de escolhas dos trechos a serem vivenciados, contribuindo para a vitalidade deste sistema.

Sistema Fluvial da Bacia do Rio Carioca – Memórias

Abordar as práticas relativas a este sistema, implica em resgatar as memórias do Rio Carioca, lembrando como ele era utilizado pela população do bairro e da cidade em diferentes épocas.

Originalmente ocupado pelos índios Tamoios, a área de várzea do Vale do Carioca era local de moradia, e o caudaloso rio de águas puras e cristalinas servia como lugar de pesca e de banho, com a crença de que tinham poderes de cura e embelezamento.

No período colonial, o rio era utilizado como fonte de água (que os escravos buscavam em baldes) e como vetor de escoamento da produção agrícola do Vale em direção ao núcleo urbano. Em 1723, o desvio das águas do rio no alto do vale em direção à cidade, faz com que o uso agrícola seja prejudicado. Contudo, suas águas ainda são utilizadas como área de banho por índios que viviam nas matas do Vale, e utilizado por escravas que lavavam as roupas em suas águas.

No século XIX, a região do Vale do Carioca ainda guardava as características de um recanto bucólico, e era destino de passeios e local de coleta das águas do Rio Carioca através das fontes públicas- Bica da Rainha e Fonte das Águas Férreas, e de fontes privadas nos jardins das chácaras e palacetes. Já na segunda metade do século XIX, o Rio Carioca começa a ser

canalizado em alguns trechos, e as práticas em torno dele começam a se modificar. Suas águas continuam a ser usadas para lavar roupas, agora através de bicas e chafarizes públicos e privados, mas os banhos já não são práticas comuns devido ao intenso processo de urbanização do vale.

Na primeira metade do século XX, com o intenso crescimento da cidade, as águas do Rio Carioca deixam de ser utilizadas como fonte de abastecimento por não apresentarem capacidade suficiente para tal demanda. Com isso, suas fontes deixaram ter valores práticos, passando a existir como símbolos desta memória urbana.

Hoje o rio está canalizado, com poucas áreas à céu aberto na parte alta do vale. Seu volume é bastante reduzido, e se configura como um córrego pouco presente na paisagem e na vida da população local, trazendo dificuldades em visualizar a integridade dos processos biofísicos originais do vale, e associá-la à ideia de um caudaloso rio que foi lugar de diversas práticas ao longo do tempo. Busca-se, então, resgatar sua integridade, valorizando a história deste rio na sua relação com a cidade.

Diretrizes

Esta análise do eixo transversal, com a identificação dos sistemas nos quais a Praça São Judas Tadeu se insere, nos permite identificar como o lugar é afetado por seus respectivos processos, e traçar diretrizes que potencializem seu papel nestes sistemas.

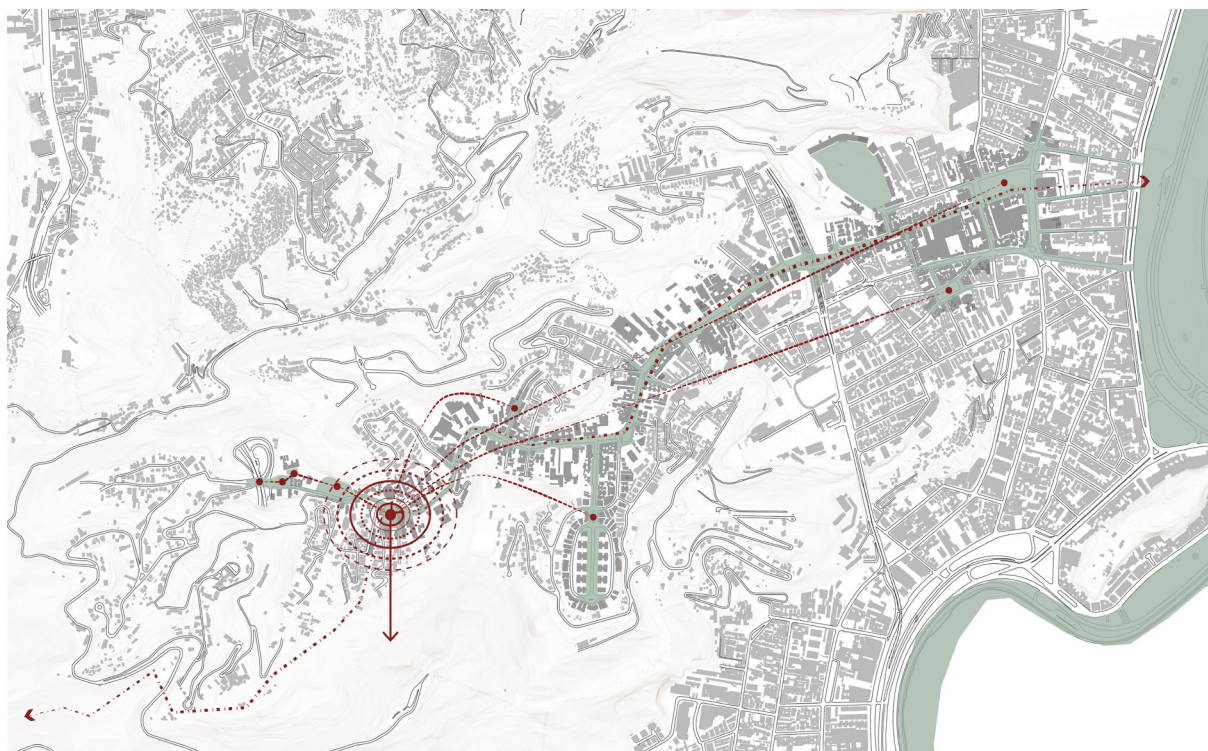
Desta maneira, propõe-se como principal diretriz a reestruturação do Sistema de Espaços Livres do Vale do Carioca, contemplando o papel da Praça São Judas Tadeu como articulador de dinâmicas de acessos e vivências locais, afim de ativar potencialidades e minimizar problemas tanto de escala local como na escala do sistema: 1) criação do Sistema de Parques Urbanos, que também irá influenciar no sistema de acessos turísticos ao Corcovado; 2) recuperação da segurança para mobilidade peatonal e cicloviária, e redução dos impactos do intenso fluxo de veículos no bairro; 3) resgate da memória do Vale do Carioca como uma unidade biofísica e urbana entre a Floresta da Tijuca e a Praia do Flamengo.

O potencial da praça São Judas Tadeu como Lugar na Paisagem Urbana do bairro do Cosme Velho

A partir de tal análise, percebe-se que a praça possui o potencial de assumir o papel de espaço de vivência coletiva dos moradores do bairro, uma vez que possui o significado de espaço de luta dos moradores. Este espaço poderia abrigar usos cotidianos, como sugerido nas entrevistas e

	princípios	espacialidade	valores	práticas	diretrizes
enraizamento	<p>espaços livres públicos como lugares da vida social coletiva; respeito à escala do corpo humano no espaço urbano; atenção aos significados do lugar, sua paisagem urbana e sua memória</p>	<p>- Pouca acessibilidade; - Faltam espaços passíveis de apropriação pelos moradores; - As árvores produzem sombra agradável; - Falta de integração espacial entre o entorno e a praça.</p>	<p>- “feia”, “mal-cuidada”, “bagunçada”; - símbolo de mobilização dos moradores em defesa de seus interesses.</p>	<p>- Espera de guias e turistas no acesso e saída da estação; - Camelôs; - Vigilância dos moradores;</p>	<p>Adequação espacial da praça que permita o uso e apropriação dos moradores, ao mesmo tempo que abriga a intensa e constante passagem de turistas e guias, promovendo o reconhecimento identitário desta paisagem local</p>
conexão	<p>reconhecimento dos espaços livres públicos como espaços de estruturação e articulação dos processos biofísicos, socioculturais e urbanos; atenção aos significados do lugar, sua paisagem urbana e sua memória</p>	<p>- Integra o Sistema de Espaços Livres do vale do Carioca; - Integra o potencial ‘circuito histórico-cultural do Cosme Velho’.</p>	<p>- “Praça do bondinho”; - Potencial como “Praça de bairro”.</p>	<p>- Acolhe práticas relativas ao turismo; - É complementada por outras praças do SEI do vale com relação à: música, boemia, feiras-livres, comércio e parque de crianças; não é usada por moradores como “praça de bairro”.</p>	<p>Reestruturação do SEL do bairro como estruturador e articulador do circuito histórico-cultural de interesse turístico; potencializar o papel da Praça São Judas Tadeu no circuito histórico-cultural e turístico do bairro como espaço receptáculo e articulador; potencializar seu papel como lugar de identificação comunitária do bairro através da representatividade dos moradores neste espaço.</p>

	princípios		espacialidade	valores	práticas	diretrizes
transversalidade	reconhecimento dos espaços livres públicos como espaços de estruturação e articulação dos processos biofísicos, socioculturais e urbanos; atenção aos significados do lugar, sua paisagem urbana e sua memória; adequação aos processos biofísicos no contexto urbano	circuito turístico	-Acesso através do Cosme Velho ao Parque e ao Pico do Corcovado é o mais curto e mais infra-estruturado;	-Praça como “local de espera”;	-Estação + praça como “porta de entrada” do Parque Nacional da Tijuca e do Pico do Corcovado;	Reestruturação do Sistema de Espaços Livres do Vale do Carioca, contemplando o papel da Praça São Judas Tadeu como espaço articulador
		trânsito	-As calçadas da Rua Cosme Velho são reduzidas devido ao intenso tráfego de veículos;	-Cosme Velho é um “bairro de passagem”;	-Mobilidade local e o uso das calçadas são dificultados pela falta de espaço de calçadas;	-Reestruturação do Sistema de Espaços Livres do Vale do Carioca priorizando a escala do corpo humano e do espaço vivido
		sistema de parques urbanos	-Potencial do SEL do vale em conectar e articular o Parque Nacional da Tijuca ao Parque do Flamengo;	-Valor da proximidade com a floresta;	-Mobilidade local e o uso das calçadas são dificultados pela falta de espaço de calçadas;	-Criação do Sistema de Parques Urbanos a partir da reestruturação do Sistema de Espaços Livres do Vale do Carioca
		sistema fluvial Rio Carioca	-O bairro se insere na memória do sistema Fluvial da Bacia do Rio Carioca.	-Rio Carioca é um “rio assassinado”.	-Memória de práticas com o Rio Carioca na história de desenvolvimento da cidade.	-Resgatar a integridade do Rio Carioca através de sua memória



Mapa 24 · Diagrama resumo da análise: enraizamento, conexões e transversalidades da Praça São Judas Tadeu.
Fonte: Elaborado pela autora.

no questionário com moradores. Por exemplo, as aulas de capoeira que costumavam acontecer na praça, os passeios dos moradores com seus cachorros, uma academia da terceira idade que estaria bem alocada abaixo das sombras das árvores existentes, dentre outras atividades espontâneas. Outro papel de importância sociocultural seria a possibilidade de harmonizar o uso turístico de entrada e saída da estação com o uso cotidiano dos frequentadores locais na praça.

É importante frisar que, para o desenvolvimento de uma proposta projetual que seja aceita pela sociedade local, e atinja os objetivos de fomento da vida pública e do senso de lugar da praça, é interessante que se estabeleça um processo participativo de projeto com os interessados. Neste processo, é importante que os moradores tenham papel ativo na reestruturação deste espaço de valor para a comunidade do bairro, potencializando seu significado enquanto símbolo de mobilização e luta pela proteção e melhoramentos do bairro.

Nesta pesquisa, procurou-se abordar a relevância da praça no sistema de espaços livres como lugar de práticas e significados coletivos e como espaço articulador. Ao propor uma abordagem sistêmica, propõe-se também que sejam consideradas as relações atuais e potenciais com outros elementos do sistema de espaços livres, que possam complementar funções e permitir que os diversos processos urbanos e socioculturais se realizem da melhor forma.

Neste sentido, no caso do Cosme Velho, aponta-se para o potencial não só da Praça São Judas Tadeu, mas também para suas conexões com a área do Terminal Rodoviário, do Largo

do Boticário, e do baixio do viaduto do Túnel Rebouças, na articulação de funções relativas à mobilidade, ao turismo, e à vida social do bairro como um todo e a um resgate da memória desta paisagem urbana.

A inserção da Praça São Judas Tadeu ao Sistema de Tráfego Urbano, ao Sistema de Turismo, ao potencial Sistema de Parques Urbanos e ao histórico Sistema Fluvial da Bacia do Rio Carioca, aponta para a relevância da reestruturação do SEL do vale, possibilitando integridade e vitalidade de diversos processos urbanos, socioculturais e biofísicos, e nos demonstra que pensar a renovação da praça através de uma abordagem sistêmica implica em melhorar seu papel articulador nestes diversos processos. Este papel articulador assume importância na relação intrínseca da praça com a estação do bondinho, na qual uma maior articulação entre os dois torna-se necessária afim de potencializar a qualidade de vivências do lugar, assim como a articulação da praça com os edifícios do entorno e a horta comunitária.

Neste sentido, é interessante pontuar o interesse do ICMBio em incentivar o acesso ao Parque Nacional da Tijuca através da Estrada de Ferro do Corcovado, projeto que não contempla somente os turistas que estão de passagem pela cidade e visitam o Corcovado, mas também os moradores que tem interesse em passear em um dos maiores parques urbanos do Brasil -com mirantes, estradas para caminhar, andar de bicicleta ou skate, e fontes onde podem tomar banho. Neste contexto, a praça poderia assumir importante papel na recepção do público e articulação das conexões entre o SEL do Vale do Carioca com o Parque Nacional da Tijuca através da Estrada de Ferro do Corcovado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contribuição da análise sistêmica da praça como lugar na paisagem urbana do bairro e a formulação de diretrizes conceituais de projeto

Este trabalho teve como objetivo contribuir com uma abordagem sistêmica que vem sendo discutida no grupo de pesquisa GIPP-PROURB-UFRJ, sob coordenação de Raquel Tardin. Propõe-se ferramentas para uma análise sistêmica da praça como lugar na paisagem urbana na escala bairro, a fim de elaborar subsídios para a intervenção urbana na escala do projeto local. Para tal, foram utilizados princípios que guiaram o desenvolvimento de todo o trabalho, desde a formulação do embasamento teórico, até as etapas de reconhecimento, de análise e de formulação de diretrizes de projeto, a fim de alinhar cada etapa com os objetivos finais do trabalho.

Os princípios são o de entendimento do espaço urbano como ‘espaço vivido’, contemplando o reconhecimento dos espaços livres públicos como lugares da vida social coletiva; a atenção aos significados do lugar, sua paisagem urbana e sua memória; o reconhecimento dos espaços livres públicos como espaços de articulação dos processos biofísicos, socioculturais e urbanos; o respeito à escala do corpo humano no espaço urbano; e a adequação aos processos biofísicos no contexto urbano.

Pode-se dizer que este trabalho se deu em um processo contínuo de alinhamento de princípios e objetivos com a metodologia de análise proposta, que envolveu o reconhecimento e o descobrimento de limites desconhecidos inicialmente, algumas vezes mais amplos do que os contemplados nas etapas iniciais de trabalho. Neste sentido, evidencia-se o potencial da abordagem sistêmica sobre o lugar, que possibilita extrapolar seus limites consensuais, e abranger a complexidade presente nas paisagens urbanas, com diversos sistemas, elementos e processos sobrepostos no espaço urbano vivido, na escala local.

A formulação teórica deste trabalho possibilitou:

1) o entendimento sistêmico da paisagem urbana (Tardin, 2008; 2013) na escala do bairro, escala do espaço vivido, na qual ela é passível de vivência, percepção e ação direta do sujeito, entendendo o bairro como uma unidade urbana: um espaço reconhecido através de formas e funções específicas na cidade, assim como espaço vivido e sentido pela experiência humana, que porta uma identidade própria passível de reconhecimento coletivo, resultante de uma convivência social e espacialidades específicas (Halley, 2014);

2) o entendimento dos espaços livres públicos enquanto lugares da vida coletiva, no qual a praça assume papel singular dentro do sistema de espaços livres públicos do bairro enquanto lugar de práticas e valores coletivos (Lynch, 1960; Jacobs, 1961; Carr et al, 1995; Carmona, 2003; Abrahão, 2008; Carlos, 2007; Halley, 2014). Assim como, espaço de articulação do seu entorno urbano e social, que coloca partes do contexto urbano em relação, estruturando-o, seja físico-espacial ou socioculturalmente (Tardin, 2008).;

3) o entendimento da praça como lugar na paisagem urbana do bairro, apresentando a noção de lugar utilizada no entendimento da praça, buscando um entendimento das

complexidades presentes na constituição do lugar na contemporaneidade, no qual ele se define através de processos de combinação de materialidades, significados e práticas, que existem em sua especificidade local e em relação ao seu exterior (Cresswell, 2012; Massey, 2000; Carlos, 2007);

4) a construção de uma metodologia de análise sistêmica da praça como lugar na paisagem urbana do bairro, no qual o lugar é orientado por um eixo vertical de enraizamento, um eixo horizontal de conexão- como proposto por Cresswell (2012), e um eixo transversal de inserção do lugar em processos sistêmicos da paisagem urbana, sejam eles biofísicos, socioculturais ou relativos a questões urbanas- como contribuição deste trabalho no entendimento do papel articulador da praça em tais processos, afim de compreender seus problemas e potencialidades para formulação de diretrizes conceituais de projeto.

O estudo de caso permitiu a aplicação desta metodologia de análise sistêmica do lugar, e foi capaz de contribuir com a produção de conhecimentos históricos e atuais sobre as transformações urbanas do bairro do Cosme Velho e sobre a Praça São Judas Tadeu.

O entendimento dos processos de transformação urbana possibilitou identificar a essência do valor histórico cultural do bairro, prezado por seus moradores; o valor da paisagem local, que aponta a importância da mata que circunda o 'senso de lugar' do bairro; a natureza de problemas como o trânsito e o risco para pedestres, e as disputas sobre o espaço da praça provenientes do seu processo de criação.

O entendimento do contexto do bairro e da praça atualmente possibilitaram reconhecer problemas e potencialidades desta paisagem urbana, sendo possível apontar o Sistema de Espaços Livres do bairro do Cosme Velho e do Vale do Carioca como articulador de novas dinâmicas urbanas, socioculturais e biofísicas.

A análise da praça como lugar a partir dos três eixos permitiu identificar as espacialidades, os significados e as práticas relativos à Praça São Judas Tadeu em si; às relações que ela estabelece ou pode estabelecer com seu entorno urbano; e à sua inserção nos sistemas urbanos e socioculturais de maior escala. Tal análise, permitiu identificar o potencial do Sistema de Espaços Livres do bairro e do Vale do Carioca como articulador de elementos e processos nos sistemas da paisagem urbana, no qual a praça é um elemento articulador de processos de enraizamento e de conexão.

Todo o processo de trabalho de campo, com entrevistas aos moradores do bairro e aos frequentadores da praça, com levantamento dos interesses e conflitos sobre o espaço da praça e do bairro, demonstrou a pertinência da abordagem sistêmica para desenvolvimento de projetos na escala do bairro. Tal pertinência se dá pela compreensão da necessidade de coexistência dos diversos sistemas no espaço urbano, superando a lógica oposicionista que se desenvolve nas disputas locais sobre o lugar como "carro Vs calçadas", "moradores Vs turistas", "cidade Vs natureza", etc.

Contudo, foram identificados alguns limites na elaboração e execução de um projeto segundo tais princípios e abordagens no contexto do Rio de Janeiro, devido à compartimentação

dos órgãos públicos responsáveis sobre a gestão do espaço urbano. No Município do Rio de Janeiro diversas secretarias são responsáveis por diferentes especialidades relativas aos espaços livres: trânsito, mobilidade, arborização, mobiliário urbano, calçamento, escoamento de águas pluviais, etc., o que dificulta a articulação das diversas especialidades em busca de objetivos comuns. De tal maneira, acredita-se na importância da existência de um órgão público responsável por projetos urbanos, afim de ter um domínio sobre as diferentes especialidades embutidas nos espaços livres públicos e traçar diretrizes de ação com objetivos comuns definidos no projeto (assim como o Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos- IPP já atuou através da Diretoria de Projetos Especiais). Evidencia-se aqui, a importância do poder público na definição destes objetivos, que devem articular e definir os interesses coletivos sobre o lugar, afim de beneficiar a população local e da cidade como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

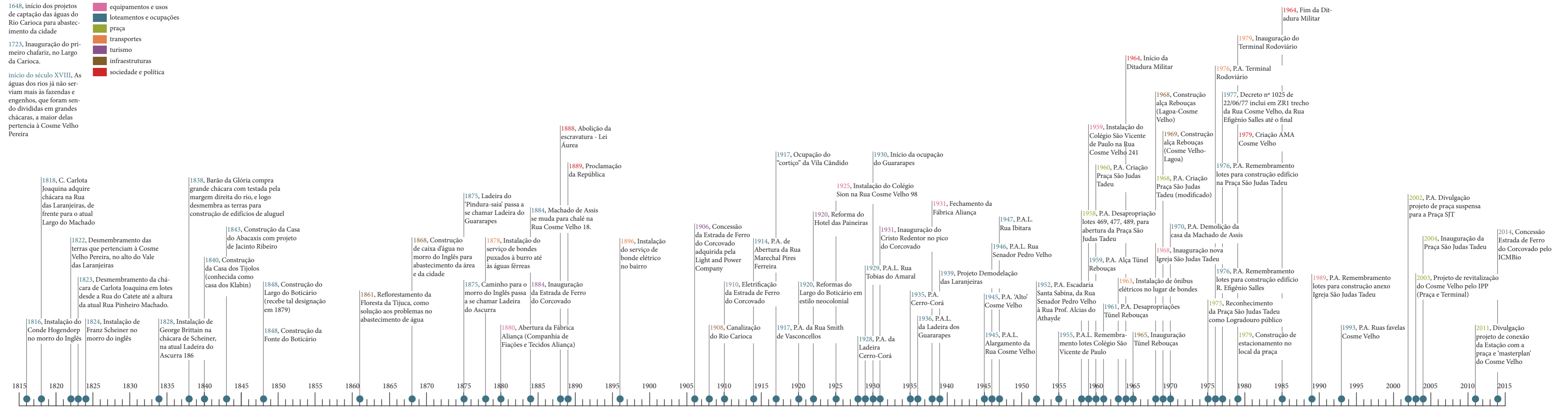
- ABRAHÃO, Sérgio Luís. *Espaço público: do urbano ao político*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2008.
- ALEX, Sun. (2004) *Convívio e exclusão no espaço público: questões de projeto da praça*. Tese de Doutorado, PO. MAGNOLI, Miranda Maria Esmeralda Martinelli.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural: uma antologia* (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. P. 239-243.
- BRAZIL, Gerson. *História das Ruas do Rio: e da sua liderança na história da política do Brasil*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000.
- BRITO, Angela Xavier de. O Bairro do Cosme Velho e o Colégio Sion. In: KUSHNIR, Beatriz; HORTA, Sandra (ed.). *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro- n.6*. Rio de Janeiro, 2012. Pág. 97-113.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CARMONA, Matthew, MAGALHÃES, Claudio de; HAMMOND, Leo. *Public Space: the management dimension*. New York: Routledge, 2008.
- CARMONA, Matthew, HEATH, Tim, TANER, Oc e TIESDELL, Steve. *Public places - urban spaces: the dimensions of urban design*. Oxford: Architectural Press, 2003.
- CORNER, James. Recovering Landscape as a Critical Cultural Practice. In: CORNER, James (ed.). *Recovering Landscape: Essays in Contemporary Landscape Architecture*. New York: Princeton Architectural Press, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e simbolismo. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural: uma antologia* (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- _____. Mundos de significados: geografia cultural e imaginação. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural: uma antologia* (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- CRESSWELL, Tim. *Place, a short introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.
- _____. *Place*. London: Elsevier Inc, 2009.
- _____. *Place*. In: LEE, Roger; CASTREE, Noel; KITCHIN, Rob; LAWSON, Victoria; PAASI, Anssi; PHILO, Chris; RADCLIFFE, Sarah; ROBERTS, Susan M.; WITHER, Charles W.J. (editores). *The SAGE Handbook of Human Geography*. Los Angeles: SAGE Reference, 2014.
- DUNLOP, Charles Julius. *Apontamentos para a História da Estrada de Ferro do Corcovado: 1882-1910*. Rio de Janeiro: s.e., 1951.
- FRANCIS, Mark. *Urban Open Space- designing for user needs*. Washington: Island Press, 2003.
- GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. *How to study public life*. Wasington: Island Press, 2013.
- _____. *Cidade para pessoas*. Trad.: Marco, Anita di. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Os espaços públicos falam cotidianamente, não apenas quando gritam*. Congresso da Associação de Estudos Latinoamericanos, Chicago, maio de 2014.
- GRAY, David E. *Doing Research in the Real World*. London: SAGE, 2009.
- HALL, S. *Representations: Cultural Representations and Signifying Practices*. Londres: Sage, 1997.

- HALLEY, Bruno Maia. O Bairro e os Enredos do Lugar. In: *Geograficidade*. v. 4, n.1, Verão 2014. Pp. 43-57.
- HOLLAND, Caroline; CLARK, Andrew; KATZ, Jeanne; PEACE, Sheila. *Social interactions in urban public places*. Bristol: The Policy Press, 2007.
- JACKSON, P. *Maps of Meaning*. Londres: Routledge, 1989.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KRIER, Rob. *Urban Space*. London: Academy Editions, 1979.
- LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade e geografia cultural- algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural: uma antologia* (2). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início- fev.2006
- LYNCH, Kevin. *A Theory of Good City Form*. Massachusetts: The MIT Press, 1981.
- MACIEL, Caio Augusto Amorim; BARBOSA, David Tavares. Por uma Geografia Política e Cultural dos Espaços Públicos Cotidianos. In: *Anais Encontros Nacionais da Anpur: Desenvolvimento, planejamento e Governança* – Recife, 2013. Disponível em: <http://unuohospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/4196/4067> . Acessado em 15/10/2016.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (Org.). *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2000.
- MAKOWER, Timothy. *Touching the City: Thoughts on Urban Scale*. United Kingdom: John Wiley & Sons Ltd, 2014.
- MASSEY, Doreen. Power-geometry and a progressive sense of place. In: BIRD, Jon; CURTIS, Barry; PUTNAM, Tim; ROBERTSON, George; TICKNER, Lisa (eds.). *Mapping the futures: Local Cultures, Global Change*. London: Routledge, 1993. p.59-69.
- _____. Um Sentido Global do Lugar. SOARES, Pedro Maia (Trad.). In: ARANTES, Antonio A. (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papius, 2000. p.176-185.
- NETO, Renato Celso Dantas. O Cosme Velho: um testemunho no tempo. In: LIMA, Evelyn Furquim Werneck; MALEQUE, Miria Roseira (org.). *Espaço e Cidade- conceitos e leituras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- NORBERG-SCHULTZ, Christian. O Fenômeno do Lugar. In: Nesbit, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura- Antologia Teórica 1965-1995*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 443-459.
- PALLASMAA, Juhani. A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. In: NESBITT, Kate (org.). *Uma Nova Agenda para a Arquitetura: Antologia Teórica 1965- 1995*. PEREIRA, Vera (trad.). São Paulo: Cosac Naify, 2008. 481-489 p.
- PILLAI, Janet. *Cultural Mapping: A guide to understanding Place, Community and Continuity*. Petaling Jaya: Strategic Information and Research Development Centre, 2013.
- POUGY, José. *O bairro das Águas Férreas: no tempo em que Carioca era um rio, a Rainha bebia na bica e o Cosme não era velho*. Rio de Janeiro, 2009.
- PRED, Allan. Place as Historically Contingent Process: Structuration and the Time-Geography of Becoming Places. In: *Annals of the Association of American Geographers*, 74(2), 1984, 279-297p. ROWE, Colin e KOETTER, Fred. Cidade-colagem. In: NESBITT, Kate (org.). *Uma Nova Agenda para a Arquitetura: Antologia Teórica 1965-1995*. PEREIRA, Vera (trad.). São Paulo: Cosac Naify, 2008. 293-322 p.

- ROSA, Ferreira da. *Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Edição oficial da prefeitura, 1905.
- SANDRONI, Cícero. *Cosme Velho: o rio das letras do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 1999.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- _____. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SEAMON, David. Body-subject, time-space routines, and place-ballets. In: BUTTIMER, Anne e SEAMON, David (ed.). *The Human Experience of Space and Place*. London: Croom Helm, 1980, 148-165p.
- SECCHI, Bernardo. *Primeira Lição de Urbanismo*. BARDA, Marisa e SALES, Pedro M. R. (Trad.). São Paulo: Perspectiva, 2012.
- SHAFTOE, Henry. *Convivial urban spaces: creating effective public places*. Sterling,VA: Earthscan, 2008.
- SPECK, Jeff. *Walkable city: how downtown can save America, one step at a time*. New York: North Point Press, 2012.
- TARDIN, Raquel. *Espaços Livres: Sistema e Projeto Territorial*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- _____. Landscape and Urban Planning: A Systemic Approach. In: AMADO, Miguel P. (Ed.). *Urban Planning: Practices, Challenges and Benefits*. Nova Science Publishers, Inc., 2014. P. 33- 48.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar : a perspectiva da experiência*. OLIVEIRA, Livia de (trad.). Londrina: Eduel, 2013.
- VIANNA, Hélio. *Vale das Laranjeiras – Cosme Velho: um recanto da Mata Atlântica*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 1993.
- WHITE, Edward T. Path- Portal-Place. In: Carmona, Matthew; Tiesdell, Steven. *Urban Design Reader*. Oxford: Architectural Press, 2007. Pág. 185-198.
- WOOLLEY, Helen. *Urban Open Spaces*. New York: Spon Press, 2003.
- WHYTE, William H.. *The social life of small urban spaces*. New York: Project for Public Spaces, 2001.
- Zeisel, John. *Inquiry by design: tools for environment-behavior research*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- TEIXEIRA, Milton de Mendonça. *Carlota Joaquina no Largo do Machado*. http://www.bairrodaslaranjeiras.com.br/amal/jf219_historia.shtml. Visitado em 30/04/2018.

ANEXOS

I - Linha do tempo: Processos de Transformação Urbana do Cosme Velho



II · Roteiro de entrevista semiestruturada

- NOME:

IDADE:

DIA/ HORA:

Boa tarde! Tudo bem? Me desculpe incomodar, mas estou fazendo um estudo sobre o uso dos espaços públicos no bairro do Cosme Velho e gostaria de te entrevistar. Você teria alguns minutos para conversar comigo? Todas as perguntas serão utilizadas para traçar um perfil coletivo dos frequentadores do lugar, informações pessoais não serão consideradas. Obrigada!

- Você se incomoda se eu gravar essa entrevista para ter mais precisão no estudo?

Entrevistas:

1- Você mora no Cosme Velho? Em que área, mais ou menos?

2- Há quanto tempo você mora aqui?

Caso negativo, mora em algum bairro próximo?

3- O que te traz até aqui?

4- Você costuma vir aqui?

5- Como você chegou aqui? (a pé, de carro, de ônibus...)

6- Quando você pensa no bairro do Cosme Velho, o que vem à sua cabeça?

7- Qual a área do bairro que você mais gosta?

8- Neste tempo que você mora ou frequenta o bairro, você percebeu alguma mudança?

9- Se você pudesse mudar alguma coisa no bairro, o que mudaria?

10- Você conhece a Praça São Judas Tadeu? Como você a descreveria?

III · Tabulação da Pesquisa sobre a praça São Judas Tadeu – VIVA Cosme Velho

PESQUISA PRAÇA SÃO JUDAS TADEU - 2017

Tabulação em 13/11 dos 87 questionários respondidos, sendo a maioria moradores do entorno da Praça.

Moradores:	79
entre 1 e 5 anos	13
entre 5 e 10	10
entre 10 e 20 anos	14
mais de 20 anos	41
Frequentadores:	8
entre 1 e 5 anos	2
entre 10 e 20 anos	2
mais de 20 anos	4

1 • Você sabia que a Praça São Judas Tadeu, por estar ao lado da Estrada de Ferro Corcovado, é considerada bem urbano protegido?

Sim	34
Não	52

2 • Você sabia que o Cosme Velho, incluindo sua única pracinha, está protegido, desde 1991, pois é considerado APA e, por ser ZR1 – Zona Residencial prioritária – dispõe de uma legislação de zoneamento que define o uso e atividades permitidas em determinadas áreas e ruas?

Sim	37
Não	49

3 • Na sua opinião quais as principais qualidades da Praça?

Promove a sociabilização	57
Serve de lazer para crianças	68
Serve de lazer para jovens	40
Serve de lazer para idosos	52
Permite a única rotatória de retorno do bairro	43
É uma área de ventilação indispensável ao bairro	63

Outras qualidades e observações complementares: Abriga últimas grandes árvores de rua/ Turistas atraem pedintes/ Área de lazer para cães e gatos/ Cuidado com gatos que deveriam ser tratados/ Permite desenvolvimento econômico/ Bagunça e insegurança/ 3 pedidos para acabar com a Horta Comunitária por insalubridade

4 • Na sua opinião, a praça deve se destinar, em primeiro lugar, às necessidades do turista ou do morador/frequentador?

Turista.....	4
Morador/frequentador.....	79
Ambos.....	4

5 • Qual a sua avaliação sobre as calçadas no entorno da Praça?

Seguras.....	8
Inseguras.....	48
Espaçosas.....	2
Estreitas.....	43
Mal projetadas.....	50

6 • Qual a sua avaliação sobre o piso da praça?

Adequado.....	17
Inadequado.....	50
Seguro.....	2
Inseguro.....	34

7 • Qual a sua avaliação sobre a vegetação e jardinagem da praça?

Bem tratada.....	4
Mal tratada.....	45
Suficiente.....	6
Insuficiente.....	49

8 • Qual sua avaliação sobre o mobiliário urbano da Praça (mesas, bancos, play-ground, aparelhos de ginástica etc)?

Bom.....	4
Regular.....	25
Ruim.....	18
Bem conservado.....	4
Mal conservado.....	36

Suficiente.....3

Insuficiente.....38

9 • Existe poluição sonora ou barulho constante na Praça?

Não37

Sim 49

que horários?

ao longo do dia..... 21

manhã..... 5

picos de trânsito..... 1

durante o funcionamento do trem..... 9

flanelinhas..... 5

fins de semana..... 1

vans3

10 • Se a praça tivesse mais espaço, que utilidade você daria a ele?

manteria o espaço vago p/eventos, como feira de artesanato,

aulas de ioga, ginástica etc36

instalaria mobiliário para terceira idade..... 48

colocaria mais plantas61

outras sugestões: palanques para apresentação musical 1/

feira de gastronomia 1 / brinquedos mais adequados 2/ _____

11 • Qual sua opinião sobre o monumento à estrada de ferro?

não ocupa espaço e devia permanecer ali.....35

deveria ser deslocado para o terminal de ônibus.....37

não responderam14

12 • Qual sua opinião sobre a locomotiva que lá está?

Não ocupa espaço e devia permanecer ali.....20

Ocupa um espaço essencial e, por ser peça de museu,

devia sair do relento e ser encaminhada para o Museu Ferroviário.....63

Não responderam3

13 • Você concorda com o projeto de se abrir um portal no muro da estação para circulação de turistas ou não concorda, por achar que tal medida vai prejudicar a praça?

Concordo.....12

não concordo.....71

não responderam3

14 • Você acha que, sem perder as qualidades enumeradas no início, a praça deve ser reformada?

Sim.....69

Não.....11

não responderam..... 6

15 • Na sua opinião, quem deveria resolver os problemas do Cosme Velho, não só os da praça, mas de todo o bairro?

o governo federal.....11

o governo estadual.....19

o prefeitura.....72

os próprios moradores.....34

ONGS.....1

16 • De que modo você está disposto a colaborar com a Associação Viva Cosme Velho para ajudá-la a fazer frente aos problemas da praça e do Bairro?

tornar-me sócio, contribuindo com 20 reais da anuidade.....33

ajudar a entrar em contato com os órgãos responsáveis.....11

reunir-me com outros moradores buscando solução coletiva35

assinar abaixo-assinado solicitando providências às autoridades.....71

assumir alguma tarefa regular(atualizar o site, distribuir folhetos etc).....9

